



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

**ALESSIA PONTES MORAES**

**MARCAS CONVERSACIONAIS NO GÊNERO MIDIÁTICO ENTREVISTA  
TELEVISIVA**

Maceió-AL  
2018

**ALESSIA PONTES MORAES**

**MARCAS CONVERSACIONAIS NO GÊNERO MIDIÁTICO ENTREVISTA  
TELEVISIVA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística, na área de concentração **Estudos Textuais: Oralidade, Leitura e Escrita.**

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria Francisca Oliveira Santos.

Maceió-AL  
2018

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**

Bibliotecária Responsável: Janis Christine Angelina Cavalcante

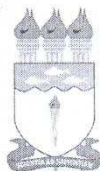
P372m Pedrosa, Alessia Pontes de Moraes.  
Marcas convencionais no gênero midiático entrevista televisiva / Alessia Pontes de Moraes Pedrosa. – 2018.  
134 f.

Orientadora: Maria Francisca de Oliveira Santos.  
Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas.  
Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras e Linguística. Maceió, 2018.

Bibliografia: f. 77-82.  
Apêndice: f. 83-90.

1. Estudos conversacionais. 2. Gênero midiático. 3. Entrevista televisiva.  
4. Pares conversacionais. 5. Análise da conversação. I. Título.

CDU: 808.56



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

## TERMO DE APROVAÇÃO

**ALÉSSIA PONTES DE MORAES PEDROSA**

Título do trabalho: "MARCAS CONVERSACIONAIS NO GÊNERO MIDIÁTICO ENTREVISTA TELEVISIVA"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRA em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Prof.a. Dra. Maria Francisca Oliveira Santos (PPGLL/Ufal)

Examinadores:

Prof. Dr. Cristiano Lessa de Oliveira (Ifal)

Prof.a. Dra. Maria Inez Matoso Silveira (PPGLL/Ufal)

Maceió, 09 de abril de 2018.

Dedico este trabalho a Deus, por ser o doador de vida, saúde e sabedoria, e pela certeza de que esteve sempre ao meu lado durante este percurso em busca da titulação de mestrado, e por saber que a força para lutar e a perseverança são dádivas e trazem consigo o prazer da vitória.

Ao meu esposo e amigo, comigo em todos os momentos, pelo carinho, cuidado e dedicação, sonhamos juntos e agora o sonho é realidade, você faz meus dias mais felizes.

Ao meu único filho, muito amado, dedicado, atencioso, você completou a minha vida, por existir e estar sempre comigo.

Aos meus pais que me deram a vida, a educação e os princípios éticos e morais, posso afirmar que o que sou devo a vocês.

Ao meu amigo Josimar Gomes, companheiro de disciplinas, trabalhos acadêmicos e discussões linguísticas.

A minha querida orientadora Maria Francisca, que esteve presente em todos os momentos, disponibilizando seu tempo, conhecimento e atenção. Sempre nos amparando de maneira carinhosa e amiga.

## **AGRADECIMENTOS**

A gratidão é uma bela virtude, que, certa feita, foi elogiada pelo próprio Jesus, por ocasião da cura de dez homens que sofriam de lepra, uma doença terrível à época. Como Jesus é o símbolo máximo do cristianismo, religião predominante em nosso país, é conveniente exemplificar este áureo momento. É imbuída desse nobre sentimento, que enalteço, em primeiro lugar, a Deus, reconhecendo que todas as coisas boas em nossas vidas são presentes de Deus e que sem a ajuda Dele não teria chegado até aqui.

Lembrando a minha trajetória de retorno ao ambiente acadêmico, após 14 anos de afastamento, visualizo um novo desafio, ser aluna regular do PPGLL e para tanto começo esta caminhada como aluna especial na disciplina Análise da Conversação, ministrada por minha querida orientadora. Nós nos conhecemos aí, foi quando surgiu o desejo de estudar e pesquisar sobre essa área tão importante e tão real em nossas vidas que é a conversação.

Recordando o passado, vêm a minha mente, gratas memórias vividas nesta querida instituição na qual concluí a graduação, a Universidade Federal de Alagoas. Concluí no ano de 2001, e por este motivo o sonho de a ela retornar, começa a invadir a minha mente. Não podemos e nem devemos deixar de sonhar, muitas vezes os sonhos se tornam realidade e foi o que aconteceu comigo, retornei no ano de 2015 como mestranda. Embora houvesse feito uma especialização, desejava horizontes mais profundos e vi esse objetivo se materializando, ao ser aprovada na seleção e tornar-me aluna regular no PPGLL.

Em seguida, tive a grata satisfação de fazer parte do programa de Bolsas da Fapeal, o que facilitou a minha vida acadêmica, custeando as despesas do processo. Sou grata a essa instituição de pesquisa que, de forma responsável e centrada, financiou grande parte do meu trabalho. Ter acesso à bolsa foi um diferencial em minha vida acadêmica e pessoal, e foi, por intermédio dela, que pude participar de um evento acadêmico em outro estado.

Agradeço ao meu querido esposo, amigo e companheiro Erisvaldo, que sempre esteve ao meu lado, em todos os momentos desta caminhada, inclusive me acompanhado aos congressos e eventos acadêmicos; seu incentivo, sua presença e carinho constantes foram de grande relevância.

Ao meu filho Taígo, minha preciosidade maior, que com muita compreensão me apoiou e me ajudou diretamente nos trabalhos acadêmicos, com seus conhecimentos na área de informática e formatação.

Aos meus pais, José Carlos e Maria Aparecida, que também estiveram envolvidos comigo, oferecendo ajuda em todas as situações pontuais, suprimindo as minhas ausências em casa e me dando suporte em diversos aspectos. E aos meus irmãos, Anderson e Alesson por saber que sempre posso contar com vocês e suas famílias.

A minha orientadora Maria Francisca, uma mulher admirável no aspecto acadêmico e pessoal, pela paciência, apoio, carinho e amizade, por me conduzir nesta caminhada em busca do crescimento acadêmico, de forma sábia e equilibrada. Vemos nela, não apenas uma relação de amizade, mas também uma relação maternal em virtude de seu caráter acolhedor e afetuoso.

Ao meu amigo Josimar Gomes, amizade surgida desde o momento quando nos conhecemos. Iniciou-se uma afinidade, que, imediatamente, se tornou amizade e que se refletiu em apoio acadêmico, trabalhos juntos e se ampliou no aspecto pessoal, tanto que posso dizer que desenvolvemos um vínculo familiar, que quero conservar para toda a vida, não esquecerei os momentos que vivemos, você sempre ao meu lado, dando força e dizendo que iria conseguir.

Ao amigo Nildo Barbosa que me apresentou a sugestão de voltar ao cenário acadêmico e me orientou na produção do projeto, foi através de você que conheci a minha querida orientadora e outros queridos como Eduardo Pantaleão.

À professora Inês Matoso, pelas aulas descontraídas e muito agradáveis, a senhora é uma inspiração, pela competência e carisma, por tornar conhecimentos sérios em temáticas práticas e por nos ensinar que em todos os contextos de nossa vida é possível se inserir o humor, inclusive na academia. Sempre há um professor que marca as nossas vidas de forma positiva e posso afirmar que a senhora está neste grupo, pelo privilégio de tê-la conhecido, sou grata.

A todos os professores que formam o PPGLL, de forma mais específica, a todos que ministraram aulas nas disciplinas que cursei, sei que a contribuição de vocês em minha formação acadêmica foi indispensável.

Aos queridos Cristiano Lessa e Deyvid, que conheci nos encontros acadêmicos e se revelaram pessoas simples e disponíveis, vocês são exemplos,

pela vida acadêmica recheada de conquistas, ver o sucesso de vocês nos motiva a prosseguir e sonhar.

A Arly Tenório, sempre nos apoiando com sua amizade, estivemos juntas nas disciplinas, compartilhamos momentos bons e estreitamos a amizade; as experiências que vivemos juntas ficarão para sempre em minha memória, destaco ainda sua ajuda com as traduções.

Aos colegas que fiz ao cursar as disciplinas, pessoas queridas que também serão lembradas e que contribuíram com o seu carinho, com palavras de incentivo e compartilhamento de materiais acadêmicos ou mesmo com a sua amizade, todos vocês deixaram suas marcas em minha vida e em meu coração. São muitas pessoas, mas destacarei algumas: Luciano Bertulino, Romildo Barros, Janyellen Martins e Déborah Leal que fazem parte do nosso grupo de estudos, bem como outros queridos que conheci ao longo desta trajetória: Káthia Barros, Liliane Mota, Ricardo Jorge, Niedja Balbino, Flávia Karolina, Cristiane Souza. Vocês tornaram este percurso mais suave.



## RESUMO

O objetivo deste trabalho é estudar a ocorrência das marcas conversacionais, enfatizando a importância dos pares adjacentes, observando e analisando como eles contribuem para o desenvolvimento do tópico discursivo. Esta pesquisa está situada na Análise da Conversação (AC), área da Linguística que faz parte da linha dos Estudos Textuais. Os estudos conversacionais surgiram nos anos 60 e estão inseridos na área da Etnometodologia e da etnografia da comunicação (MARCUSHI, 2003). É uma área de pesquisa que estuda a organização social da conversação natural por intermédio de transcrições detalhadas, de gravações de áudio, vídeo ou ambos. O trabalho tem por base os teóricos: Marcuschi (1986), Fávero, Andrade e Aquino (2006; 2012), Kerbrat-Orecchioni (2006), Santos (1999, 2004), entre outros, utilizando um *corpus* formado por entrevistas transcritas de um programa de televisão de rede nacional. O *corpus* foi transcrito seguindo convenções postuladas por Marcuschi (2003) e Preti (2006). Esta pesquisa é de natureza qualitativa, entendida por Flick (2004; 2009) como estudo das relações sociais, que põem em relevo as esferas da vida do homem. Este tema é muito relevante pois destaca a oralidade e analisa termos tão significativos que sem a presença deles a conversa nem mesmo acontece, justificando assim sua importância acadêmica e social, pois a conversa é o principal elemento de interação humana e seus estudos dispõem de pouca divulgação. Portanto, como resultados, visualizamos a tipologia das perguntas e respostas em entrevistas, identificadas como perguntas abertas, fechadas, retóricas, contextualizadas, entre outras, abrindo assim um leque variado de respostas, possibilitando analisá-las.

**Palavras-Chave:** Estudos conversacionais. Gêneros midiáticos. Entrevista televisiva. Pares conversacionais.

## ABSTRACT

The objective of this work is to study the occurrence of conversational marks, emphasizing the importance of adjacent pairs, observing and analyzing how they contribute to the development of the discursive topic. This research is located in the analysis of conversation (AC), area of linguistics that is part of the Line of Text Studies. Conversational studies emerged in the 1960s and are embedded in the area of ethnomethodology and ethnography of communication (MARCUSHI, 2003). It is a research area that studies the social organization of natural conversation through detailed transcriptions, audio recordings video or both. The work is based on the theorists: Marcuschi (1986), Fávero, Andrade and Aquino (2006, 2012), Kerbrat-Orecchioni (2006), Santos (1999, 2004) among others, using a corpus formed by transcribed interviews of national network television program. The corpus was transcribed following conventions postulated by Marcuschi (2003) and Preti (2006). This research is of a qualitative nature, understood by Flick (2004; 2009) as a study of a social relations, which highlights the spheres of human life. This topic is very relevant because it highlights orality and analyzes such significant term that without the presence of them, the conversation does not even happen, thus justifying their academic and social importance, since the conversation is the main element of human interaction and their studies have little disclosure. Therefore, as a result, we visualize the typology of questions and answers in interviews, identified as open questions, closed questions, rhetorical questions, contextualized questions and other, thus opening a wide range of responses, making possible to analyze them.

**Keywords:** Conversational studies. Media genres. TV interviews. Conversational couples.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorias de análise presentes nos momentos interativos .....	76
Tabela 2 – Posição contigua dos pares.....	79
Tabela 3 – Alternância de papéis dos falantes .....	79
Tabela 4 – Relação assimétrica das falas .....	81
Tabela 5 – Relação simétrica das falas .....	81
Tabela 6 – Relação de divergência entre pergunta fechada/resposta aberta .....	83
Tabela 7 – Relação de conformidade entre pergunta aberta/resposta aberta .....	84
Tabela 8 – Par pergunta/resposta .....	89
Tabela 9 – Simetria presente nos turnos .....	91
Tabela 10 – Mudança de tópico evidenciando a assimetria/cortesia/descortesia .....	92
Tabela 11 – Sincronização dos pares adjacentes .....	95
Tabela 12 – Relações de poder .....	96
Tabela 13 – Relação de cortesia/descortesia nos momentos interativos 1 e 6 .....	99
Tabela 14 – Assimetria nas falas do entrevistado e seu pedido demonstrando cortesia verbal .....	100

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Continuum tipológico .....	19
Quadro 2 – Dicotomias .....	21

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
AC	Análise da Conversação
LT	Linguística Textual
TV	Televisão
UFAL	Universidade Federal de Alagoas

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	13
<b>2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS ESTUDOS CONVERSACIONAIS</b> .....	16
2.1 A oralidade e sua importância para os estudos conversacionais .....	17
2.2 A conversação como objeto principal dos estudos conversacionais .....	25
2.3 A interação como elemento básico da conversação .....	29
2.4 A relação da pesquisa com os estudos conversacionais .....	36
2.5 A Simetria e a assimetria: as possibilidades de intervenção dos falantes na interação .....	38
2.6 As relações de poder e sua ligação com a cortesia e a descortesia, com a simetria e a assimetria .....	43
<b>3 ACERCA DO GÊNERO MIDÁTICO ENTREVISTA TELEVISIVA</b> .....	45
3.1 Definição de gênero .....	45
3.2 A mídia e o gênero entrevista televisiva oral .....	52
3.3 Os pares adjacentes e suas tipologias .....	58
3.4 Cortesia e descortesia na entrevista televisiva .....	64
<b>4 QUESTÕES METODOLÓGICAS E ANÁLISE DO <i>CORPUS</i></b> .....	69
4.1 Etapas da pesquisa em Análise da Conversação .....	69
4.2 A pesquisa qualitativa .....	70
4.3 Análise do <i>corpus</i> .....	75
4.3.1 Momento interativo 1 .....	77
4.3.2 Momento interativo 2 .....	82
4.3.3 Momento interativo 3 .....	86
4.3.4 Momento interativo 4 .....	90
4.3.5 Momento interativo 5 .....	94
4.3.6 Momento interativo 6 .....	97
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	103
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	107
<b>ANEXOS</b> .....	111
ANEXO A – Tabela com as normas de transcrição das entrevistas .....	112
ANEXO B – Entrevista com advogado .....	113
ANEXO C – Entrevista com médico .....	125

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste trabalho, faz-se uma análise das marcas conversacionais no gênero midiático entrevista televisiva. A televisão e os gêneros midiáticos são muito difundidos no mundo, em nosso país e na sociedade e, nesse sentido, faz parte do cotidiano de quase todos os indivíduos.

O trabalho percorreu todo o tempo na tentativa de responder aos seguintes questionamentos: Por que os gêneros orais são tão importantes e merecem destaque na atualidade? O que são os pares adjacentes, como identificá-los e qual a sua função na vida prática? Como os pares adjacentes aparecem e são utilizados em uma entrevista televisiva? Esse conhecimento pode ajudar a ampliar os estudos conversacionais? É possível visualizar a cortesia e a descortesia em uma entrevista televisiva? Quais são as contribuições práticas das entrevistas para os estudiosos da Linguística? O gênero em estudo é importante na atualidade? A resposta a essas questões constituiu o grande caminho perseguido por este estudo.

Pesquisar a respeito da língua falada e sua função linguístico-discursiva, bem como relacionar a referida modalidade oral à modalidade escrita, não é uma tarefa fácil, mas é uma atividade deveras importante e relevante. É através do estudo dessas modalidades que se compreende a interação verbal enquanto fenômeno comunicativo. O que justifica o interesse por essa área de estudo e esta linha teórica é a vasta relevância acadêmica e social dos gêneros textuais. Nessas formas de enunciados, inclui-se a entrevista televisiva que foi apresentada de forma mais incisiva nesta pesquisa e se insere nos estudos conversacionais.

Ao estudar entrevistas televisivas, busca-se entender seu funcionamento prático e apontar o direcionamento da pesquisa para as categorias conversacionais encontradas nas referidas entrevistas que compõem o material escolhido para análise. É por essa razão que o trabalho se fragmenta em quatro partes, após algumas considerações prévias a respeito da temática. Visualiza-se a primeira parte denominada Seção 2, na qual se apresentam pontuações concernentes aos estudos conversacionais, destacando-se a conversação como elemento importante e comum no cotidiano das pessoas, bem como a necessidade humana de comunicação e interação constantes.

Foi focalizada também a questão da oralidade de forma mais explícita e a sua relevância nos estudos conversacionais. A questão da temporalidade da fala que é

anterior à da escrita e a íntima ligação entre fala e escrita no sentido de poder uma complementar ou ampliar o sentido da outra, mostram sua relevância nos estudos linguísticos, entendendo-se que elas podem dialogar. Apontou-se ainda a origem dos estudos conversacionais como área acadêmica, sendo a conversação o principal foco desses estudos, seja ela espontânea ou mais elaborada. A interação também foi apontada como elemento indispensável e básico no que se refere à conversação e seus estudos. A organização e a estrutura do texto conversacional são também elencadas na pesquisa. A questão da simetria e da assimetria é apresentada corroborando com a troca de turnos e sua alternância.

Na segunda parte, nomeada Seção 3, descreve-se o gênero midiático entrevista televisiva, apresentando-se definições de gênero, explicitando-se a mídia e o gênero entrevista oral, como surgiu o termo mídia e seu significado na língua. São especificidades dessa Seção a mídia televisiva, a origem do termo entrevista, sua classificação como gênero jornalístico, a questão da imagem como diferencial da entrevista televisiva em relação a outros tipos de entrevistas que utilizam apenas o áudio, as funções do entrevistador e do entrevistado em uma entrevista televisiva e como ocorre a negociação dos turnos, quem controla o turno, a possível simetria e assimetria nessa interação. Busca-se também descrever os pares adjacentes e suas tipologias, bem como a relação de cortesia e de descortesia presentes no referido gênero.

A terceira parte da dissertação, a saber a Seção 4, é formada por elementos metodológicos que foram elencados, considerando-se a tipologia da pesquisa de natureza qualitativa; leva-se em consideração a relevância da pesquisa qualitativa para os estudos conversacionais, em virtude de seu caráter subjetivo e significativo, seu aspecto empírico, assim como sua expansão no cenário acadêmico. Ainda na terceira parte, tem-se a análise dos momentos interativos nos quais se apresentam fragmentos de duas entrevistas televisivas que foram transcritas, bem como a análise desses fragmentos com base nas categorias conversacionais apresentadas na primeira e na segunda parte da pesquisa.

A última parte da dissertação, a Seção 5, apresenta os resultados da pesquisa que foram obtidos através das análises realizadas nos momentos interativos e as considerações finais, levando-se em conta a apresentação de respostas às questões norteadoras elencadas no referido estudo.



A pesquisa buscou estudar a oralidade e apresentar contribuições para esta relevante área que ainda é pouco enfatizada academicamente, talvez por seu aspecto amplo e diversificado, bem como o árduo processo empreendido em sua transcrição do oral para o escrito. Embora se reconheça que a oralidade disponha de uma riqueza de categorias e situações passíveis de estudo, essa área é pouco difundida. A oralidade se faz presente, de forma preponderante, nos estudos conversacionais e, mais especificamente, nas entrevistas televisivas, que são interações orais, e, posteriormente, transcritas. A ênfase não está apenas no aspecto da estrutura das entrevistas, mas, principalmente, em seu aspecto social e sua importância no dia a dia do povo brasileiro, que utiliza a televisão como meio de informação e de entretenimento; tais atividades são de alcance da entrevista que apresenta as duas funções. Portanto, a contribuição do trabalho é de cunho prático tanto no contexto acadêmico quanto no contexto social.

## 2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS ESTUDOS CONVERSACIONAIS

Os estudos conversacionais têm merecido grande atenção ou interesse de psicólogos, fonoaudiólogos, sociólogos, historiadores, professores, dentre outras especificidades que têm a conversação como centro de atenção, razão por que ela se constitui um princípio básico da comunicação, estando inserida na vida dos seres humanos, proporcionando a oportunidade de interação social.

O termo conversação pode ter algumas conotações, tais como: uma ação ou efeito de fala entre duas ou mais pessoas, emissão ou troca de palavras ou frases; pode ser ainda um discurso ardiloso com que se pretende enganar alguém, sentido em que é conhecido popularmente como “lábria”; ainda são salientados os discursos orais; estes são espontâneos e informais, as chamadas conversas ordinárias; existem ainda as conversações mais formais e programadas.

Infere-se que, segundo a tipologia apontada, a conversação pode ser dotada de espontaneidade e informalidade e, por essa razão, intitulada ordinária, ou ainda pensada e elaborada, dotada de mais formalidade e, nessa categoria, enquadram-se as entrevistas, conversações mais ponderadas.

A conversação é uma das atividades mais elementares entre os segmentos de comunicação; está presente em todas as culturas e civilizações humanas, razão por que se entende que qualquer atividade que vise à sua análise significa uma prática social, cotidiana e importante na vida humana.

Existe uma frase célebre de John Donne, poeta inglês do século XVI, que diz: “nenhum homem é uma ilha”. Tal afirmação evidencia ainda mais essa característica humana: a de estar em contato com as outras pessoas e, nesse contato, estar interagindo, comunicando-se ou, mais especificamente, conversando.

A conversação está presente no dia a dia das pessoas, pois, quando se expressam verbalmente as ideias, necessita-se da presença de outrem para que a interação se efetive. Até mesmo as pessoas que não possuem a capacidade de falar, como é o caso dos surdos-mudos, desenvolvem outras formas de comunicação, seja através de sinais, seja por meio de outros códigos, mas não se privam da oportunidade de se comunicarem, não desistem da interação, em decorrência de sua utilidade e importância na vida humana.

## 2.1 A oralidade e sua importância para os estudos conversacionais

Fávero, Andrade & Aquino (2012) afirmam que, na atualidade, a oralidade tem sido muito pesquisada. Seus estudos revelam que a língua falada está sendo o enfoque das ciências humanas e das sociais. Embora haja interesses no estudo da língua falada sob o foco de tais ciências, ainda se sabe pouco sobre a oralidade, que, juntamente com a escrita, exibem características distintas em relação a seus usos sociais.

A escrita sempre ocupou lugar de destaque em detrimento da fala, desde a sua efetivação como meio de comunicação que registra a história da humanidade e das variações sofridas pela língua ao longo de sua história. Apenas, no século passado, é que a oralidade começa a ser mais reconhecida; mesmo assim, a língua falada ainda sofre preconceitos em relação à escrita, considerada sempre mais bem elaborada.

A língua falada é considerada primária; a escrita, secundária. A questão que se visualiza, nesse contexto, para justificar os termos “primário” e “secundário” se efetiva pelo fato de que primeiro se aprende a falar para depois aprender a escrever, e ainda existem, nesse cenário, alguns que jamais aprendem a escrever, embora possam falar e se comunicar oralmente.

Isso corrobora e coloca a fala nesse aspecto prévio, anterior, pois se aprende inicialmente a dela fazer uso, e ela possui caráter mais amplo, todos que não possuem deficiência ou problemas físicos relacionados à linguagem desenvolvem a fala, a oralidade, entretanto, a escrita não é dominada por todos os falantes; alguns, por não serem alfabetizados, jamais acessarão a língua escrita. Isso é o que revelam as palavras a seguir:

Certamente em termos de desenvolvimento humano, a fala é o status primário. Culturalmente, os homens aprendem a falar antes de escrever e, individualmente, as crianças aprendem a falar antes de ler e escrever. Todas as crianças aprendem a falar (excluindo-se as patologias); muitas crianças não aprendem a ler e a escrever. Todas as culturas fazem uso da comunicação oral; muitas línguas são ágrafas. De uma perspectiva histórica e da teoria do desenvolvimento, a fala é claramente primária (BIBER, 1998 *apud* FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012, p. 13).

Entendendo-se o que é primário em relação ao secundário, observa-se que a importância da oralidade vai surgindo, em seu destaque social, uma vez que está

inserida em todas as línguas, inclusive e, especialmente, nas línguas ágrafas, pois elas se perpetuam apenas através da oralidade.

Além disso, a oralidade faz parte do cotidiano de qualquer pessoa, por ser bem mais fácil de usar, pois só depende dos recursos corporais e mentais, em relação à escrita. Esta apresenta em si mais complexidade em virtude da necessidade de mais recursos para dela fazer uso, como, por exemplo, dominar o código gráfico e ainda possuir papel ou superfície onde escrever, caneta ou outro recurso semelhante. Por essa razão, utiliza-se mais frequentemente a oralidade que a escrita e isso ocorre em quase todos os contextos sociais, o que permite afirmar que se trata de uma prática recorrente na vida humana.

Marcuschi (2010a, p. 18) explica que a oralidade se efetiva pela fala, e esta, sendo uma prática oral, é aprendida de forma natural, gradativa, desde o momento quando a mãe começa a interagir com o seu bebê e vai incutindo nele as palavras que vão evoluindo a frases e contextos, ampliando-se na infância e ao longo de toda a existência. Sempre é possível ao ser humano a ampliação vocabular. No entanto, observa-se que, geralmente, tal aprendizagem ocorre de forma informal, através dos contextos do dia a dia. A escrita, por sua vez, mesmo tendo surgido depois da oralidade, ocupa uma posição de prestígio, por estar inserida em contextos mais formais, a exemplo do espaço da escola.

Na sociedade contemporânea, oralidade e escrita são indispensáveis, imprescindíveis e de utilidades incontestáveis. No entanto, devemos cuidar, atentar, em não fazer confusão a respeito dos seus papéis e dos contextos em que são utilizadas; ambas são essenciais; cada uma em determinado contexto pode apresentar maior ou menor valoração, por exemplo, no contexto social e comunitário, a oralidade é mais efetivada que a escrita. Entretanto, no contexto escolar e acadêmico, faz-se uso das duas modalidades.

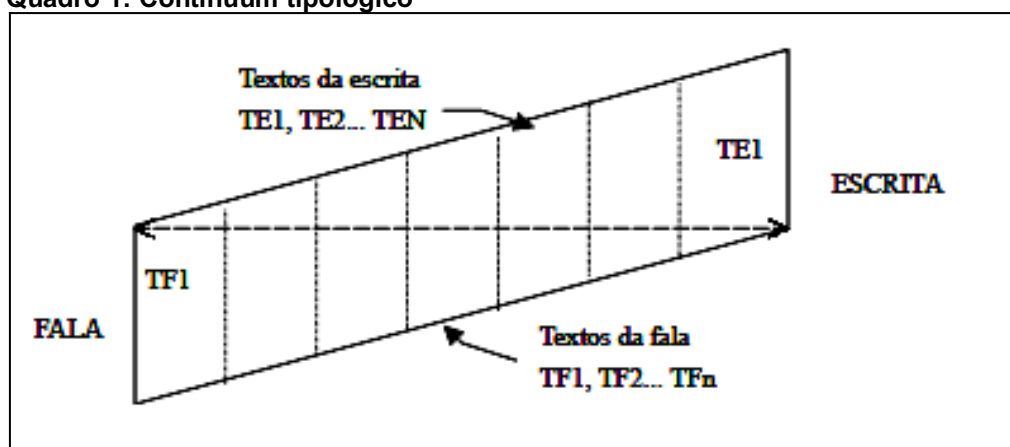
É possível, inclusive, nesses cenários, que essa alternância das referidas modalidades seja constatada, não sendo, às vezes, possível mensurar qual delas foi bem utilizada. Essas variáveis todas que envolvem oralidade e escrita e seus respectivos níveis, que também não se uniformizam, sugerem que, não se deve ser preconceituoso em relação às pessoas que fazem uso das variações presentes na fala ou mesmo ignorar os mecanismos de normatização da escrita.

Oralidade e escrita do ponto de vista temporal se diferem. Afinal, a escrita é mais recente que a oralidade. E alguns defendem que a língua escrita é muito mais

organizada que a língua oral. Coloca-se também que, ao se instaurar a língua escrita, ela seria predominante, assim sendo valorizada em relação à língua falada. Tal preferência nem sempre é realidade e, por vezes, não se cumpre; uma prova disso é o que diz Marcuschi (2010a, p. 24): “o certo é que a oralidade continua na moda. Parece que hoje redescobrimos que somos seres eminentemente orais, mesmo em culturas tidas como amplamente ‘alfabetizadas’”.

Assim, é importante entender que oralidade e escrita são modalidades que se imbricam e, portanto, complementam-se na efetivação da comunicação. Ambas são importantes e possuem aspectos e empregos diferentes nos usos da língua. Marcuschi (2010a) salienta que oralidade e escrita possuem regras próprias na vida social, no entanto, apresentam-se dentro de um *Continuum*. O caráter assumido desse *continuum* torna oralidade e escrita práticas indispensáveis na sociedade contemporânea, cada uma possui papéis e contextos próprios, o que eleva ainda mais os estudos linguísticos qualitativos.

**Quadro 1: Continuum tipológico**



Fonte: Marcuschi (2008).

No quadro acima, o plano superior representa o *continuum* estabelecido na escrita, enquanto o plano inferior representa o da fala. Dessa maneira, TE1 representa o texto relativo ao protótipo da escrita e TF1, o texto prototípico da fala. Oralidade e escrita precisam dialogar e se relacionar, pois os dois usos são muito importantes para que a comunicação ocorra efetiva e satisfatoriamente. Para tanto, necessita-se aprofundar os conhecimentos acerca do caráter multiforme da oralidade e seu emprego prático; por esse motivo, pesquisas nesta área se fazem relevantes e permitem entender que a língua se efetua na oralidade e se perpetua através da escrita.

[...] Aprender uma língua é aprender a comunicar [...]. Isso implica uma concepção mais rica e complexa do oral [como realidade multiforme] e uma relação mais dialética entre oral e escrita. Não existe 'o oral', mas 'os orais' em múltiplas formas, que, por outro lado, entram em relação com os escritos, de maneiras diversas: podem se aproximar da escrita e mesmo dela depender (SCHNEUWL; DOLZ, 2004, p. 135).

Marcuschi (2010a) amplia a importância da oralidade quando expõe que, embora se possa considerar que a escrita é importante, principalmente para os povos que possuem letramento, esses povos permanecem orais. Ele afirma que a oralidade nunca sumirá da vida humana e que seguirá ao lado da escrita, como forma de expressão e de ação comunicativa que jamais será trocada por tecnologia alguma por ser inerente à humanidade.

O autor ainda enfoca que, após tantos anos debatendo sobre esse tema, e colocando a escrita nesta posição de destaque, em detrimento da oralidade, que se julgava inferior, secundária, percebem-se uma evolução e modificação dessa forma de pensar, pois hoje quando se depara com afirmações como essas, constata-se que a oralidade tem sido vista de outra forma, enxergando-se sua importância, o que tem sido de grande valia na atualidade.

O ser humano redescobre que é dotado de oralidade, mesmo alfabetizado; embora possuindo o domínio da língua escrita, ainda se comunica oralmente. A oralidade não está em desuso, ao contrário, está sendo cada vez mais compreendida, empregada mais frequentemente, continua usual e atemporal.

A oralidade, portanto, é utilizada em contextos que necessitam de uma produção falada, em sua realização formal ou informal do uso da língua. Nesse caso, surge o conceito de fala como forma textual-discursiva da modalidade oral da língua, não dependendo de aparatos tecnológicos para sua realização, apenas o disponível pelo próprio ser humano. A escrita seria, nesse contexto, também uma forma de produção textual-discursiva, de ordem gráfico-imagética, complementar à fala, no entanto, mais explorada que a fala. Por isso, a escrita se tornou a modalidade de prestígio no uso da língua, especialmente, aqui no Brasil.

Com relação a essas questões entre fala e escrita, existem várias tendências que buscam identificar e tratar essas relações fundadas num *continuum*, as quais procuram despir-se de preconceitos e dar o devido tratamento a essas duas modalidades da língua. Marcuschi (2010a) apresenta a perspectiva das dicotomias: tal perspectiva seria a concepção linguística que vê língua falada e escrita em dois blocos distintos. Essa perspectiva possui seus defensores, estudiosos bem variados

da linguística: representando um lado, aparecem como exemplos Labov e Halliday, que possuem uma visão de dicotomia mais restrita; de outro lado, os linguistas, como, por exemplo, Gumperz e Blanche-Beveniste, que se empenham em defender as relações entre essas modalidades da língua enquanto contínuo tipológico, cognitivo e social. Sem dúvidas, o campo da dicotomia estrita ganha destaque, por ser aquela ainda usada nas escolas através de manuais que defendem a fala como lugar do erro e a gramática como lugar do uso adequado da língua. Dentro da dicotomia estrita, Marcuschi (2010a) apresenta o seguinte quadro:

**Quadro 2: Quadro das dicotomias**

FALA		ESCRITA
Contextualizada	<b>Versus</b>	Descontextualizada
Dependente		Autônoma
Implícita		Explícita
Redundante		Condensada
Não planejada		Planejada
Imprecisa		Precisa
Não normatizada		Normatizada
Fragmentária		Completa

Fonte: Marcuschi (2010a).

O quadro acima exposto das dicotomias apresenta a separação entre língua falada e escrita e destaca esta como sistema de regras que devem ser aprendidas e ensinadas na escola. Necessita-se, entretanto, da interação de uns com os outros para que se viva com qualidade, e essa interação acontece muito mais de forma oral do que escrita, embora existam, hoje, *e-mails* e redes sociais, evidencia-se que a comunicação oral ainda é predominante. Desse modo, ao falar sobre essa prática tão comum e importante quanto é a comunicação oral, faz-se necessário apresentar uma definição ou pontuar o que de fato significa oralidade.

Então, utiliza-se o que aponta Marcuschi (2010a), ao dizer que oralidade é uma interação social, ou seja, interação uns com os outros com a finalidade de se comunicar. Ela acontece de várias formas e, para efetivá-la, fazem-se usos dos gêneros textuais mais diversos, formal ou informalmente, da oralidade nos mais diversos contextos.

Marcuschi (2010a) ainda apresenta que a fala é o emprego da língua na sua forma sonora e com seus significados articulados; um discurso textual oral visa à comunicação, envolvendo, assim, alguns recursos, como gestos, movimentos corpóreos, dentre outros.

Em relação ao exposto, entende-se que a melhor função da oralidade é na vida social, familiar, profissional e em todos os contextos nos quais ela é utilizada. Não são poucos tais contextos, uma vez que há seres comunicativos e essencialmente orais.

Como o contexto, na oralidade, é situacional, Fávero, Andrade & Aquino (2012) pontuam que a fala depende de traços contextuais para que o assunto em destaque seja devidamente compreendido, cada situação requer uma ação verbal distinta. Por essa razão, apresenta-se um exemplo de uma das entrevistas do *corpus*, que esclarece a adequação que se faz necessária à determinada situação.

Nesse contexto que ocorre no início da entrevista, a entrevistadora aproveita o momento de apresentação do seu convidado, para ser entrevistado, para lhe tecer elogios, na tentativa de valorizá-lo, possivelmente para ampliar o interesse do público em permanecer assistindo à entrevista, destacar as peculiaridades do entrevistado, ampliar o seu prestígio e focalizar melhor a sua história de vida. Para alcançar seu propósito, a entrevistadora faz uso de um neologismo que desenvolve exclusivamente para referir-se ao seu entrevistado, o termo elaborado “chiqueria”. Isso poderia causar dúvida, por não se tratar de um termo usual em Língua Portuguesa. No entanto, é entendido pelo contexto, segundo o qual se alude ao que é chique; o contexto permite inferir a intencionalidade comunicativa que se adequa facilmente à situação, conforme exemplo 1.

#### **Exemplo 1 – Alternância de turnos**

**E1:** “quanto maior for o obstáculo... maior a glória de tê-lo superado”... Muillier o dramaturgo francês disse isso e eu achei perfeito pra apresentar meu convidado de hoje... o advogado piauiense E2... que tem uma história de vida extraordinária... filho de um pedreiro e de uma catadora de castanhas ele conseguiu realizar o seu sonho... e formar-se em direito... Ismael ficou conhecido pela mídia ao revelar como soube enfrentar seus obstáculos ((sempre de frente para a câmera)) ((vídeo com o perfil de E2))... E2... vou fazer uma declaração pública aqui... eu acho voCÊ e a sua história de vi:da... de uma chi::queria infinita  
**E2:** ((faz reverência com a cabeça))

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2018).

Na oralidade, às vezes, constroem-se conceitos e frases que causam dúvidas, porém as referidas dúvidas podem ser esclarecidas, pois os falantes estão face a face e podem enunciar e, inclusive, elucidar essas dúvidas; a escrita, entretanto, exige a elaboração do texto com mais clareza, para que possa ser compreendido e não abra espaço para polissemia.



Como a todo momento, para o ser humano, existe o contato com textos orais e escritos, é importante estabelecer diferença entre a tarefa de retextualização e de transcrição. Retextualização, de acordo com Marcuschi (2010a), é recriação, transformação, reformulação e modificação de uma fala em outra. Sempre que se faz o relato ou a repetição de algo dito por outra pessoa acontece a ação de retextualizar ou, ainda, modificar e recriar a fala de outrem.

Transcrever é tornar um texto oral em escrito, utilizando alguns procedimentos convencionais e, para tanto, o texto transcrito deve preservar a linguagem e o conteúdo da fala por meio de sinais que indicam hesitação, pausas, entonação etc. A retextualização ocorre de forma diferente, pois as interferências são em nível superior e ocorrem modificações pontuais, principalmente na questão da linguagem.

Transcrever não é uma atividade de metalinguagem nem é uma atividade de simples interpretação gráfica do significante sonoro. A transcrição representa uma passagem, uma transcodificação (do sonoro para o grafemático) que já é uma primeira transformação, mas não é ainda uma retextualização (MARCUSCHI, 2010a, p. 51).

Tais questões são muito relevantes, para que se possa visualizar que existe um contínuo entre a língua falada e a língua escrita e tentar entender como ocorre a passagem de uma modalidade para a outra. Segundo Koch & Elias (2009), isso se efetiva em razão dos contrastes que tornam as duas modalidades, a saber a fala e a escrita, distintas.

A fala acontece em uma situação interativa face a face, que nem sempre exige a possibilidade de usar a contento as regras da sintaxe. Às vezes, na fala, as regras gramaticais são facilmente deixadas de lado. Já a escrita apresenta uma estrutura diferente, pois existe normalmente uma distância entre leitor e escritor, e a escrita não é uma cópia fiel da fala, já que não se escreve da mesma forma que se fala.

Botelho (2013) faz referência às duas modalidades, considerando que as distinções entre elas são resultado de alguns elementos, tais como: a situação contextual, a intencionalidade do falante, a intencionalidade do escritor e o assunto referente ao que se diz ou ao que se escreve. Kozow & Silveira (2014) afirmam que Botelho confirma o que foi dito por Marcuschi ao propor que a língua falada e a

escrita não são fixas, nem estanques e expõem que o que as diferencia não é a sua natureza e sim os recursos utilizados.

Na fala, os recursos utilizados são gestuais, ideias fluidas e outros que ajudarão o ouvinte a entender o que foi falado. Não é necessário um planejamento prévio. Se, num evento face a face, for dito algo que não fora compreendido, são construídos gestos, mímica ou até se constrói outra forma de sinais, visando à compreensão do que foi falado.

No entanto, a escrita se manifesta de forma diferente. Alguns caracteres precisam compor a escrita, como, por exemplo, pensar e organizar as ideias de forma clara e centrada, o que requer um certo planejamento e engajamento, uma elaboração mais criteriosa, uma preocupação com construções gramaticais mais coerentes, o que não acontece, na oralidade, que é mais informal e apresenta mais flexibilidade linguística e gramatical. Isso se justifica pela possibilidade de esclarecer dúvidas por estarem locutor e interlocutor em contato face a face.

Essas modalidades não possuem apenas distinções. Fala e escrita também apresentam semelhanças que são apontadas por Marcuschi (2007, *apud* KOZOW; SILVEIRA, 2014) como o dialogismo, as estratégias de uso, as funções de interação, a dinâmica, a situação, a coerência, os aspectos regionais e a cultura do grupo de falantes. Todos esses fatores levam a concluir que oralidade e escrita são dois segmentos de um mesmo sistema: o sistema linguístico.

Para Kozow & Silveira (2014), escreve bem e fala bem não apenas aquele que conhece uma determinada língua (o conhecimento da língua é importante, mas não é em si suficiente), mas também que sabe usá-la nos contextos corretos e de maneira satisfatória e que apresente sentidos e efeitos de compreensão e interação desejados. Assim, fala e escrita são duas formas de funcionamento de uma mesma língua; não são realidades separadas, mas modalidades que se diferem em alguns aspectos e se assemelham em outros, sendo as duas úteis à vida humana.

Assim, há resquícios de oralidade no texto escrito, existindo o contrário também, aspectos do texto escrito em discursos orais, como ocorre em defesas de trabalhos acadêmicos. É importante saber que as modalidades da língua fazem parte de um mesmo código linguístico e, às vezes, entrelaçam-se e aparecem em contato constante, com suas peculiaridades, semelhanças e distinções.

## 2.2 A conversação como objeto principal dos estudos conversacionais

O objeto dos estudos conversacionais é a conversação ou o ato de conversar, pois esse elemento está presente nas vidas diárias dos seres humanos. Conversar faz parte do dia a dia, tanto no aspecto informal, a exemplo de percorrer trajetos na rua, no trabalho ou em uma comunidade, como também no aspecto formal, a exemplo de conversas elaboradas e planejadas, programadas previamente (MARCUSCHI, 2010a).

Não há dúvidas de que a conversação faz parte da vida humana. Marcuschi (2010a) explica que a conversação é uma das primeiras formas de linguagem a que se está exposto e, talvez, a única da qual nunca se abdica. Não é difícil constatar essa realidade, a de desenvolver a conversação, o ato de falar e continuar utilizando ao longo de toda a existência. A conversação é ainda uma atividade que permite aos indivíduos socializar, entrar em contato direto com as outras pessoas, desenvolver relações e formar vínculos e laços sociais, ou seja, a conversação permite que haja interação de uns indivíduos com os outros.

Os ensinamentos e orientações da Análise da Conversação nasceram da tradição etnometodológica e usam seus princípios teóricos e metodológicos. Seu surgimento, nos anos 1950 e início dos anos 1960, nos Estados Unidos, apresenta assim uma oposição à Sociologia tradicional, que estava voltada para o aspecto numérico e quantitativo. Já a Etnometodologia buscava análises científicas voltadas para a realidade social com base no comportamento da sociedade e de suas ações sociais.

Segundo Silva (2005), é possível estudar e analisar a conversação graças a um grupo de pesquisadores, a saber, H. Garfinkel, e, posteriormente a G. Jefferson, H. Sacks e E. Schegloff que se propuseram analisar a realidade social por meio de comportamentos apresentados por indivíduos de uma determinada comunidade linguística e, a partir dessa iniciativa, começam a se materializar os estudos conversacionais.

A corrente que recebe o nome de Análise da Conversação (de agora em diante AC) nasceu basicamente no campo da Sociologia e se estendeu à Linguística. O suporte filosófico vem de doutrinas fenomenológicas e a constituição de sua metodologia se deve, em boa parte, ao sociólogo H. Garfinkel, e, posteriormente a G. Jefferson, H. Sacks e E. Schegloff (SILVA, 2005, p. 36).

Do ponto de vista de sua origem, a Análise da Conversação surge de uma corrente sociológica, intitulada Etnometodologia. Tal vertente é oficializada na obra *Studies in ethnomethodology*, que foi publicada na década de 1960 por Haroldo Garfinkel (SILVA, 2005).

Silva (2005) relata que, quando Sacks era aluno de Erving Goffman, na Universidade de Berkeley, teve a oportunidade de conhecer Harold Garfinkel, em 1959, durante um ano sabático, em Harvard. Sacks percebeu que seus estudos e os de Garfinkel possuíam pontos em comum, semelhanças; a partir daí, passaram a interagir. Por assim dizer, despontam os estudos de Análise da Conversação de linha etnometodológica. O objeto focalizado da Análise da Conversação (doravante AC), concebida por Sacks e colaboradores, prioriza estudar a organização da conduta significativa das pessoas na sociedade.

O pioneiro em enxergar as possibilidades de se analisar um evento tão corriqueiro como a conversa foi o sociólogo Harvey Sacks. Ele utilizou gravações de suicidas em seus estudos. Eram pessoas que entravam em contato, através de telefonemas, com um grupo de apoio a tais suicidas. Sacks e seu companheiro de estudos, Garfinkel, fizeram uma descrição da metodologia que as pessoas comuns usam para interagir e falar em seu dia a dia (SILVA, 2005).

No entanto, os estudos de Sacks ficaram incompletos em decorrência de sua morte que ocorreu de forma precoce, no ano de 1975. Suas aulas estavam registradas no livro *Lectures on conversation*<sup>1</sup>, organizadas por Jefferson, em parceria com Emanuel Schegloff, que escreve o texto introdutório e, a partir desse momento, tais estudos tornam-se públicos. As ideias de Sacks só foram difundidas graças aos esforços desses dois autores (SILVA, 2005).

No ano de 1974, um ano antes de Sacks falecer, os três juntos, Sacks, Jefferson e Schegloff, publicaram o artigo *A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation*<sup>2</sup>. Nesse artigo, eles destacam que a conversa não é uma ação desorganizada como alguns poderiam pensar; na verdade, existe uma organização, de modo que a conversação segue uma estrutura. Eles visualizaram e destacaram alguns desses elementos organizacionais, tais como:

---

<sup>1</sup> Palestras sobre a conversação.

<sup>2</sup> Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa.

- (1) A troca de falantes se repete, ou pelo menos ocorre.
- (2) Na grande maioria dos casos, fala um de cada vez.
- (3) Ocorrências de mais de um falante por vez são comuns, mas breves.
- (4) Transições de um turno para o próximo, sem intervalos e sem sobreposições são comuns. Junto com as transições caracterizadas por breves intervalos ou ligeiras sobreposições, elas perfazem a grande maioria das transições.
- (5) A ordem dos turnos, não é fixa, mas variável.
- (6) O tamanho dos turnos, não é fixo, mas variável.
- (7) A extensão da conversa não é previamente especificada.
- (8) O que cada um diz não é previamente especificado.
- (9) A distribuição relativa dos turnos, não é previamente especificado.
- (10) O número de participantes pode variar (SACKS; SCHEGLOFF; JEFERRSON [1974], 2003, p. 14-15).

Todas essas características foram visualizadas em conversações comuns ou ditas ordinárias, espontâneas, e não constituem uma regra, mas uma recorrência. Tal recorrência também foi apontada posteriormente, nos trabalhos de Marcuschi (2003) e Kerbrat- Orecchioni (2006).

Silva (2005), Figueiredo & Santos (2015) expõem que, etimologicamente, conversação é um substantivo ligado ao verbo conversar. Tal verbo se origina do latim *conversare* e significa encontrar-se constantemente num mesmo local. Os teóricos afirmam que essa palavra é formada por *Con* (junto) e *Versare* (dar voltas), o que fornece a ideia de conviver com as outras pessoas. O termo conversação deriva do latim *conversatio*, onis, que tem o significado de convivência, ação de viver junto. De forma sintética, conversação envolve duas ou mais pessoas que se comunicam por meio da linguagem verbal e não verbal, tendo como canal a oralidade/língua oral.

A conversação tem sido o centro das atenções de diversas perspectivas científicas, tanto do ponto de vista individual como do social. Por isso, o termo *conversação* pode ser concebido de diversas maneiras. Há aqueles que o utilizam num sentido amplo, que recobre qualquer tipo de interação oral e, em geral, fazem distinção entre conversação informal (aquelas que são espontâneas, não planejadas) e conversação formal (aquelas que tem algum tipo de planejamento prévio, como entrevistas, debates, reuniões de trabalho, apresentações em congressos, etc.). Há aqueles que utilizam *conversação* num sentido mais restrito, como sinônimo de conversação espontânea, que não tem planejamento prévio (SILVA, 2005, p. 32, grifos do autor).

Outros estudiosos também se debruçaram a investigar a conversação, a exemplo de Moreno Fernandes (1998), que enfatizou que a conversação representa a comunicação falada, a qual apresenta como característica principal o aspecto

dialógico em contraponto com o monológico. Ele vê a conversação como uma atividade espontânea e gratuita, como foi pontuado no exemplo 1.

Levinson (2007) afirma que os enfoques principais nos estudos sobre conversação fragmentam-se em dois: Análise do discurso e Análise da conversação. Essas duas correntes se propõem estudar as estruturas do texto conversacional, embora Análise do discurso e Análise da Conversação tenham o mesmo objeto de estudo; possuem metodologias e objetivos diferenciados.

Garfinkel (1967) esclarece que a Etnometodologia estuda as atividades e situações práticas, circunstâncias do dia a dia, assuntos ordinários ou comuns.

Meus estudos pretendem abordar atividades práticas, as circunstâncias práticas e o raciocínio sociológico prático com temas de estudo empírico, concedendo às atividades mais comuns da vida cotidiana, a mesma atenção habitualmente concedida aos acontecimentos extraordinários. Esses estudos procuram tratar desses acontecimentos e atividades enquanto fenômenos em si mesmos. A recomendação central desses estudos é que as atividades, por meio das quais as pessoas organizam e geram as situações de sua vida cotidiana, são idênticas aos procedimentos utilizados para tornar tais situações observáveis e relatáveis (*apud* SILVA, 2005, p. 39).

Silva (2005) aponta que Garfinkel acreditava que a principal atividade do sociólogo é observar e estudar o cotidiano, o que mais uma vez exprime a oposição à Sociologia tradicional. Ele coloca que os métodos tradicionais da Sociologia têm por princípio conceitos em relação a classes sociais, grupos étnicos, gêneros, poder, dentre outros. Os da Etnometodologia investigam, nos eventos da fala, como a conversa entre as pessoas se organiza e de que forma se constituem tais identidades.

Por meio da Análise da Conversação é possível colocar em prática, na rotina diária, o conhecimento mais profundo e detalhado da estrutura social, bem como a competência comunicativa. A conversação que segue a linha da Etnometodologia encarrega-se não somente de evidenciar, mas também de destacar as situações que gerenciam o uso constante da palavra. Portanto, pode-se dizer que a AC se interessa pelas condições de enunciação e pelo aspecto pragmático da linguagem.

Conforme apontam Pomerantz & Fehr (2000), a Análise da Conversação, que é de tendência etnometodológica, tem por princípio: a vida cotidiana, seus significados rituais e regras sociais. Nesse contexto, a Análise da Conversação se desenvolve atendendo a essas características de ordem comportamental, sociocultural e atitudinal.

### 2.3 A interação como elemento básico da conversação

A interação verbal é apontada por Santos (1999) como o lugar em que a linguagem é produzida e em que os sujeitos se constituem como integrantes do processo interlocutivo. A interação é também o espaço em que o direcionamento da discussão e os argumentos emitidos pelos integrantes do discurso são postos e discutidos. Dessa forma, para que uma conversação se efetive e ocorra, de fato, a comunicação, são necessários alguns fatores combinados, a saber: o *emissor*, o *receptor* e a *sincronização interacional*, termos estes apresentados por Kerbrat-Orecchioni (2006).

O *emissor* é aquele que inicia o diálogo e propõe uma dada mensagem, lança um tópico e assume o turno logo no começo da conversa. O *receptor* como o próprio termo já descreve, recebe a referida mensagem, ouve o que propõe o *emissor* ou ainda é posto diante do tópico ou assunto elencado pelo *emissor*. Ao receber a mensagem, o *receptor* entra na interação, podendo, então, assumir o turno e efetivar a troca de papéis que se alternam em uma interação conversacional.

A respeito da interação, Figueiredo & Santos (2015, p. 208) afirmam que é uma categoria da conversação e sua análise “[...] significa entender a ação que uns exercem sobre os outros na troca comunicativa”. Por isso, Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 8) advoga:

Para que haja a troca comunicativa, não basta que dois falantes (ou mais) falem alternadamente; é ainda preciso que eles se falem, ou seja que estejam, ambos, “engajados” na troca e que deem sinais desse engajamento mútuo, recorrendo a diversos procedimentos de validação interlocutória. Os cumprimentos, apresentações e outros rituais “confirmativos” desempenham, nesse sentido um papel evidente.

Nesse entendimento, é necessário que a centração ocorra, ou seja, qualquer evento comunicacional envolve, sem sombra de dúvida, uma interação, que se classifica através do envolvimento mútuo entre interactantes, uma vez que um falante centra sua atenção no outro e na fala que lhe é lançada e vice-versa, exercendo uns sobre os outros uma rede de influências mútuas.

Kerbrat-Orecchioni (2006) expõe que não é necessário apenas que os interlocutores falem de forma alternada, eles precisam se falar, ou seja, se comunicar um com o outro, engajando-se numa troca, sinalizando esse engajamento através de procedimentos de validações interlocutórias, mostrando que estão

entendendo e participando ativamente da conversa. Uma maneira eficaz para tal demonstração são os cumprimentos, confirmações e os procedimentos fáticos<sup>3</sup>.

“Na interação face a face, o discurso é inteiramente ‘co-produzido’, é o produto de um trabalho colaborativo incessante” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.11). Entre as condições apontadas como indispensáveis para que a conversação ocorra, pode-se focalizar: o envolvimento numa interação centrada, reforçando assim a categoria da centralização; se ambos não estiverem voltando sua atenção e concentração para a conversa que desenvolvem, ela não irá evoluir, pois os interlocutores precisam estar voltados para a interação, interagindo regularmente durante as trocas.

É preciso que os falantes estejam de fato envolvidos, compartilhando o mesmo tópico discursivo e mantendo o canal de comunicação aberto através da troca de turnos e dos pares conversacionais. Desse modo, os interlocutores contribuem para o andamento da conversação, confirmando que está entendendo o tópico e demonstrando interesse ou desinteresse no que está sendo colocado.

No entanto, mesmo colocando em prática todas essas características, é possível que algumas vezes ocorram falhas por parte do falante ou do ouvinte, e tais falhas geram consequências que, a depender de como se processam, podem interferir de forma negativa na comunicação. Conforme aponta Kerbrat-Orecchioni (2006), quando a falha é do falante, ao apresentar uma elocução com embaraços, a tendência do ouvinte é se desestimular, por ter dificuldade em compreender o que foi exposto; quando a falha é do ouvinte, que ocorre quando ele se distrai, o falante busca retomar sua atenção, intensificando a função fática. Por conta dessas falhas interacionais, às vezes, são necessários ajustes como, por exemplo, mudar de assunto ou buscar algo que mantenha o interesse do receptor e vice-versa.

Ao grupo dos elementos de ajustes que estão intervindo diretamente no processo conversacional dá-se o nome de *sincronização interacional*. Em se tratando de interação face a face, a fala ou o evento comunicativo é resultado de uma atividade colaborativa, em que os envolvidos, locutor e interlocutor, devem participar ativamente do processo. Essa participação deve se firmar incessantemente para embasar as questões interacionais produzidas

---

<sup>3</sup>Reguladores, de dimensões paraverbal e não-verbal, contribuem para o "sucesso" de uma conversação, são um tipo particular das interações verbais e são regidas por regras. Tem por finalidade estabelecer, prolongar ou interromper a comunicação. É aplicada em situações em que o mais importante não é o que se fala, nem como se fala, mas sim o contato entre o emissor e o receptor.



linguisticamente, pois sem a colaboração mútua, a *sincronização interacional* não ocorrerá a contento.

---

O livro *Análise da Conversação: princípios e métodos*, da autora Kerbrat-Orecchioni (2006), fonte importante de pesquisa dos estudos conversacionais, aborda alguns aspectos muito importantes para Linguística e, especificamente, para a Análise da Conversação, ao descrever os aspectos possíveis para ampliar a compreensão sobre a temática, tais como: o contexto, o material, o sistema de turnos de fala, a organização estrutural das conversações e a variação cultural.

Sobre o contexto, infere-se que seria a situação comunicativa ou o evento onde ocorre a interação. Tal situação envolve outra série de ingredientes, tais como o lugar em que ocorre a interação, se é aberto, fechado, privado, público etc. e sua relação temporal, pois a conversa deve se adequar ao lugar e ao momento em que ocorre.

Há também que se considerar o objetivo do encontro, os participantes, seu número, suas características individuais e suas relações mútuas como, por exemplo, o nível de conhecimento que há entre os participantes, o vínculo, que pode ser emocional, familiar, profissional, entre outros. As relações que existem entre o contexto e o texto conversacional não são unilaterais, e sim dialéticas. O discurso se condiciona pelo contexto e exerce um poder de transformação nesse mesmo contexto.

O material pode ser definido como as conversações ou, ainda, construções de palavras de maneira coletiva, formadas também pelo silêncio e pelas pausas, assim como as entonações, os signos e sua variedade, o que leva à conclusão de que diferentes sistemas semióticos são explorados na constituição das conversações.

Caracterizam-se, então, como material verbal, o prosódico e o vocal, e como material não verbal, os signos estáticos, tais como as características físicas dos participantes e toda a parte estética (roupas e acessórios; os cinéticos lentos, a saber: distância, postura; os cinéticos rápidos, como jogos de olhares e até mesmo as falhas).

Em síntese, a autora Kerbrat-Orecchioni (2006) aponta que a comunicação envolve muitos canais; usa-se o corpo todo para falar e não apenas os órgãos vocais. A comunicação engloba uma variedade de tipos de unidades semióticas e uma variedade de canais, audição, visão, tato, olfato, os verbais, não verbais e

paraverbais. Todos esses componentes juntos são importantes para o melhor aproveitamento da interação e dos quais os interactantes fazem uso com grande frequência.

O sistema dos turnos da fala é na verdade “um sistema de condutas ordenadas” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.43). O turno é uma categoria elementar no processo interativo da conversação. Assim, há que se dizer que as regras que norteiam as interações verbais apresentam uma natureza bem diversificada, possibilitando três principais estruturas organizacionais.

Desse modo, existem as regras que dirigem a alternância de turnos, as que regem a organização estrutural da interação e, por fim, aquelas que intervêm no nível da relação interpessoal. Todas essas regras estabelecem para os envolvidos na interação, um sistema formado por direitos e deveres, no entanto, tais regras podem ser quebradas, inclusive por serem bastante flexíveis.

Observa-se quando se visualiza a estrutura da tomada de turnos, proposta por Marcuschi (2003), que ocorre uma alternância, um revezamento, pois, em um dado momento, o falante faz o papel de locutor e, em um segundo momento, de interlocutor.

É sugestivo imaginar a distribuição de turnos entre os falantes como um fator disciplinador da atividade conversacional. Com isso, a tomada de turno pode ser vista como um mecanismo-chave para a organização estrutural da conversação, para a qual podemos imaginar o seguinte roteiro:

A: fala e para;

B: toma a palavra, fala e para;

A: retoma a palavra, fala e para;

B: volta a falar e para (MARCUSCHI, 2003, p. 19).

Para que o sistema de turnos ocorra satisfatoriamente, faz-se necessário seguir alguns princípios. O princípio da alternância, resumido pela fórmula ABAB, significa que a função de locutor deve ser ocupada por diferentes falantes em turnos com duração e focalização equilibradas. Tal conceito pode ser visualizado no exemplo 2. Os turnos de E1 (entrevistadora) e E2 (entrevistado) são adjacentes e “[...] se sucedem na consecução de um objetivo comum” (GALEMBECK, 1999, p. 60).

#### **Exemplo 2 – Alternância de turnos**

**E1:** o que você fazia no clube à noite?

**E2:** eu... era instrutor de uma modalidade esportiva

**E1:** BADMINTON

**E2:** badminton

E1: badminton é aquilo que se joga com raquete e...  
 E2: peteca  
 E1: e petequinha  
 E2: isso  
 E1: uma petequinha... você sabe que foi um brinquedo da minha infância esse?  
 E2: foi?  
 E1: não mas não era com a raquete era com  
 E2: era com a mão mesmo né?  
 E1: era com o tambo[rete  
 E2: [ah tá ahã  
 E1: com o tamborete  
 E2: ahã  
 E1: e a petequinha... era difí::cil  
 E2: ((risos))  
 E1: bom... e aí?  
 E2: e aí eu fui conciliando trabalho com os estudos né?  
 E1: e como é que o badminton entra na tua vida?

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2018).

Em se tratando da organização estrutural das conversações, alguns princípios norteiam essa organização, esses princípios não estão submetidos apenas às regras de alternância e equilíbrio já apresentados, mas também se submetem a princípios de coerência interna, através de encadeamentos sintáticos, semânticos e pragmáticos. Kerbrat-Orecchioni reforça esse pensamento, ao dizer:

Uma conversação é um tipo de “texto” produzido coletivamente, no qual todos os fios devem de certo modo se enlaçar – sendo que a falta do seu enlace torna a conversação, como se costuma dizer, “descosturada” (KERBRAT- ORECCHIONI, 2006, p. 53).

Esse inter-relacionamento pode ser dividido em cinco níveis assim listados: A interação, a sequência, a troca, a intervenção e, ainda, o ato de fala. A interação é posta como o nível mais importante e pode-se dizer que se decompõe em sequências. As sequências, por sua vez, conceituam-se como agrupamento de trocas unidas por aspectos de coerência. A troca, em poucas palavras, seria uma pequena unidade dialogal e, portanto, a menor. A intervenção seria representada pelos atos de fala de um falante particular, referente a uma troca também particular. Os atos de fala se descrevem como a base de toda estrutura complexa e seria uma interação verbal.

Assim sendo, é possível dizer que a conversação é caracterizada por envolver um número razoavelmente restrito de falantes ou locutores. Tais interactantes não possuem papéis preestabelecidos; na verdade, possuem os mesmos direitos e deveres, tendo em vista apenas o prazeroso ato de conversar, apresentando um caráter familiar e improvisado, de forma relativamente livre

(KERBRAT-ORECCHIONI, 2006). Essa liberdade relativa se efetiva e se confirma ao se observar que, até mesmo as conversações mais simples e mais informais que possam existir, apresentam uma certa organização estrutural.

Para Kerbrat-Orecchioni (2006), as regras conversacionais são muito diversificadas e variadas em virtude do caráter conversacional, que é bem complexo e acontece em diferentes níveis. Um dos ideais da AC é deixar claras essas regras, envolvidas nos gêneros textuais e procurar decifrar os elementos comportamentais envolvidos nas interações conversacionais, que são muito amplas e nada simples.

Compreender e empregar as referidas regras ajudarão na efetivação deste processo comunicativo que, muitas vezes, parece fácil e comum, uma vez que se usa a conversação com tanta frequência e naturalidade, mas tal processo apresenta sequências bem complexas.

O objetivo da análise conversacional é, precisamente, explicitar essas regras que sustentam o funcionamento das trocas comunicativas de todos os gêneros; ou em outros termos decifrar a “partitura invisível” que orienta (sempre lhe deixando uma ampla margem de improvisação) o comportamento daqueles que se encontram engajados nessa atividade polifônica complexa que é a condução de uma conversação (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 15).

A invisibilidade da partitura conversacional se atribui ao fato de que alguns comportamentos são intuitivos (faz-se sem nem perceber). Esses comportamentos variam de acordo com a cultura ou a sociedade da qual se faz parte.

Propondo-se explicar que a conversa é uma sequência organizada, por mais espontânea e informal que ela seja, inclusive, chamada de ordinária, Marcuschi (2003) destaca os elementos que constituem a organização básica da conversa e ainda explicita o que anteriormente havia sido observado por Sacks, Schegloff & Jefferson (2003) em conversas ditas ordinárias, mas que apresentavam caráter recorrente na organização.

O primeiro elemento apontado por Marcuschi (2003) é a interação entre pelo menos dois falantes (diálogo). Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que monólogos e recitais individuais não podem ser considerados conversas pela ausência do diálogo, embora tais situações possuam a presença de um interlocutor; não se efetivam como conversas, pois nelas não ocorre a troca comunicativa explicitamente.

Depois, o autor pontua a ocorrência de, pelo menos, uma troca de falantes (cada locutor faz uso do turno, da palavra, pelo menos uma vez). Sem essa troca não se efetiva o diálogo, por isso, esse elemento é apontado como indispensável para a prática conversacional.

Outro aspecto é a presença de uma sequência de ações coordenadas (o cumprimento, os gestos, a fala alternada). Todas essas sequências são decisivas para indicar até que ponto os falantes estão envolvidos na interação, se estão entendendo o tópico apresentado, se ocorre a fluidez comunicativa que faz com que a conversa se mantenha ou se encerre.

Em seguida, o autor aponta a execução numa identidade temporal (deve ocorrer ao mesmo tempo). Por ser face a face, os integrantes da conversa estão frente a frente e terão a possibilidade de interagir em uma sequência de tempo, em que um locutor fala logo após o outro, não havendo, nesse contexto, intervalos significativos de silêncio. Entretanto, essa sequência temporal não pode ser confundida com as hesitações e a troca de turnos.

Por fim, o autor coloca como elemento da organização da conversa o envolvimento numa interação centrada (dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum, que seria a conversa). Sem se centrarem na ação conversacional, os falantes teriam dificuldade de compreender a conversa, e a comunicação ocorreria de forma deficiente, podendo, inclusive, impedir a evolução conversacional. Em outras palavras, é necessário direcionar a atenção à conversa ou ainda se concentrar na atividade conversacional.

Vale salientar que tais aspectos, comuns nas interações conversacionais, são tão naturais que, às vezes, não é notada a presença deles. Mas, em verdade, são categorias muito importantes, pois sem elas a comunicação conversacional não ocorreria.

E ainda se mantêm, de forma clara e plausível, sequências conversacionais destacadas por Marcuschi (2003), quando afirma que, para haver uma conversação, é necessário que ocorram os três tipos de relação: *Alocução*, *Interlocução* e *Interação*. A *alocução* é o ato de falar com alguém e, para tanto, é necessário haver, além do falante, um destinatário; quanto à *interlocução*, supõe-se, além da existência de um locutor, um interlocutor, para que haja a troca de turnos entre os falantes; no caso da *interação*, além dos interlocutores e da troca de turnos, é

necessário que haja um engajamento entre os falantes em torno do tópico discutido, ou seja, uma influência mútua.

Todas essas relações se efetivam no gênero entrevista televisiva e são indispensáveis. Tem-se a presença do locutor ou entrevistador, do interlocutor ou entrevistado; tem-se também a interação entre eles e ainda a interação mesmo que indireta com o público. Nas entrevistas como um todo, inclusive, as televisivas, ocorre a quebra de algumas regras de base. Ocorrem diversas situações de descortesia quanto ao uso do turno e da manutenção da palavra.

Diante desse detalhamento de como se processa a comunicação conversacional, é possível enxergar a beleza e complexidade desta modalidade comunicativa que é a conversação, porque, em alguns momentos, parece muito simples, prática e comum, mas que, de fato, pode ser bem complexa e organizada. Talvez essa complexidade não seja facilmente explícita em virtude de seu emprego corriqueiro, pois as características conversacionais são bem humanas e peculiares à necessidade de comunicação e revelam a interação como requisito básico do ato comunicativo.

#### **2.4 A relação da pesquisa com os estudos conversacionais**

Após a sua origem e expansão, dos anos 1960 até hoje, a Análise da Conversação torna-se uma prática cada vez mais utilizada no cenário acadêmico. Essa ramificação da Linguística se estabiliza e se fixa, tornando-se uma área extremamente usual. Os estudos conversacionais passam a ser materializados e desenvolvidos nas universidades e, nessa área de estudos, começam a surgir trabalhos enfatizando os elementos conversacionais e a própria conversação. Preti (1999) apregoa que alguns pesquisadores que compõem o projeto NURC/SP foram os responsáveis pela continuidade e ampliação dos estudos conversacionais com ênfase na modalidade oral da língua, nas décadas de 80 e 90.

Em virtude dessa ampliação, torna-se possível estudar a fenomenologia da oralidade, como propõem alguns trabalhos, destacando-se, nessa área, o de Rodrigues (1999), refletindo sobre a língua falada e escrita; Fávero (1999), que aborda o tópico discursivo; Galembeck (1999), que analisa as formas de participação dos interlocutores e a troca de falantes; Urbano (1999), através do estudo dos marcadores conversacionais.

Nesse contexto, têm-se ainda o de Hilgert (1999) e Barros (1999) que estudam o texto e suas variações; Moraes (1999), com a sintaxe na língua falada, assim como Brite (1999) com o processo de interação verbal e Preti (1999), com o estudo das marcas da oralidade no processo escrito. Alguns autores contemporâneos compõem esse cenário como Santos (1999; 2004), abordando as relações de poder e a interação em sala de aula e Oliveira (2008; 2012) através do estudo dos não-verbais.

Assim como pesquisas e estudos anteriores acima elencados priorizaram a conversação e seus aspectos, por se tratar de uma área relevante e ascendente, este estudo está inserido nesse importante campo de pesquisa, no qual são estudadas algumas categorias conversacionais que estão presentes no gênero midiático e discursivo que é a entrevista televisiva.

A pesquisa trata as marcas conversacionais, enfatizando como ocorre a troca de turnos em duas entrevistas veiculadas na televisão, quais são os pares adjacentes presentes, neste gênero textual, quais pares são predominantes e as questões relacionadas à cortesia e descortesia no referido gênero.

Os estudos fazem parte da Análise da Conversação, os quais se justificam pelo fato de que o objeto de análise é formado por textos orais que foram transcritos, extraídos das entrevistas veiculadas na televisão. Há também que se colocar que o referido estudo também observa o aspecto social da língua materna e sua efetivação no diálogo conversacional que é sociointeracional ou, dito de outra forma, baseia-se na interação social entre as pessoas de uma dada comunidade linguística.

Fávero, Andrade & Aquino (2012) apontam que foi por causa do crescimento e desenvolvimento, principalmente, nas áreas da Análise da Conversação, da Análise do Discurso, da Linguística Textual e da Sociolinguística Interacional que se despertou, nos estudantes em nível de graduação e pós-graduação, o interesse de estudar e aprofundar pesquisas nessas áreas que envolvem diretamente a língua materna e professores do ensino fundamental e médio por temas relacionados à língua falada/escrita. É gratificante visualizar o avanço das referidas áreas e seu crescimento no cenário acadêmico. Assim, a Linguística Textual e a Análise da Conversação vão se fixando e se expandindo com o passar dos anos.

De acordo com Silveira (2005), no século XX, a Linguística moderna decide estudar o texto, como segmento superior à frase e como elemento básico da comunicação humana. Nesse contexto, surge a Linguística Textual, que, por sua

vez, propõe-se explicitar aspectos linguísticos que os estudos frasais não conseguiriam explicar. A origem data da década de 1960 e 1970; a partir desse período, os estudos textuais analisam as especificidades textuais, centrando-se ultimamente na produção, compreensão e constituição textuais.

Era necessário, no cenário linguístico, um ramo centrado no texto e no seu estudo. Assim sendo, tem-se a Linguística Textual que vem para ampliar o conhecimento linguístico da época. Esse campo de estudos se relaciona com a Análise da Conversação, foco deste estudo.

Figueiredo & Santos (2015, p. 210) apresentam como enfoque dos estudos conversacionais a peculiaridade de assumir um caráter predominantemente interacionista: “a categoria da interação, muitas vezes, é tomada como conversação”. Dessa forma, a interação é um elemento presente nesta pesquisa, pois o trabalho com as entrevistas evidencia as interações sociais ordenadas que ocorrem face a face.

Para Kerbrat-Orecchioni (2006), na situação conversacional interativa, os interlocutores dialogam também através de elementos verbais, por meio das palavras; e não verbais, por não fazer uso das palavras, apontando que o envolvimento interacional pode acarretar a harmonia ou a desarmonia conversacional.

## **2.5 A simetria e assimetria: as possibilidades de intervenção dos falantes na interação**

Ao analisar categorias conversacionais, aparecem alguns aspectos muito importantes, os quais merecem um olhar atento, como a questão da simetria e assimetria nas interações. Segundo Galembeck (1999), um dos aspectos muito claros em uma conversação é que os interlocutores se revezam nas funções de falantes e ouvintes. Pode-se observar e estudar como ocorre esse revezamento, como os envolvidos no processo conversacional atuam para que o diálogo aconteça efetivamente, ou seja, como ocorre a troca de turnos, ou ainda quem norteia o uso da fala.

De acordo com Fávero, Andrade & Aquino (2012), turno é o uso da palavra em uma conversação. Então, quem está no papel de falante, fazendo uso da palavra no momento, está com o turno, e a conversa é formada por uma sucessão de turnos



nos quais os interactantes, ora é falante, ora é ouvinte. Faz-se necessário, portanto, entender como ocorre a negociação da palavra, ou como efetivamente se alternam os turnos, como um locutor passa a interlocutor e vice-versa.

A mudança de turno pode ocorrer naturalmente na conversa ou por meio de uma solicitação, ocasião quando se diz que ocorreu a solicitação explícita. Esta é perceptível pelo discurso, ocorrendo quando o falante, na condição de interlocutor, pede a fala diretamente para obter o uso do turno.

Para iniciar e manter uma conversação, é preciso que os envolvidos tenham algo em comum, compartilhem de conhecimentos culturais mútuos ou possuam uma afinidade. Sem essa afinidade, a conversação não se mantém. Não é necessário apenas um domínio da língua, mas devem partilhar também aptidões cognitivas. Fávero, Andrade & Aquino (2012) afirmam, ainda, que é possível distinguir dois tipos de discurso, nomeados *simétricos* e *assimétricos*.

Assimétrico é aquele no qual um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e encerrar a conversação e ainda fazer pressão sobre o outro. É muito comum esse tipo de discurso em entrevistas. E o diálogo simétrico é aquele em que supostamente ambos os envolvidos apresentam o mesmo direito do controle da palavra e da escolha do tópico.

A assimetria ocorre quando um dos interlocutores ocupa a cena por meio de uma série de intervenções e domínio absoluto do turno, de intervenções nas quais se desenvolve o tópico ou o assunto. Nesse tipo de conversa, um dos participantes só contribui com intervenções menos expressivas. Quem tem o poder e controla a conversa é o locutor, cabendo ao interlocutor o papel de coadjuvante do processo dialógico. Durante a conversação assimétrica, é comum o uso de alguns marcadores conversacionais, tais como “certo”, “ok”, através dos quais o interlocutor explicita estar participando do diálogo, mesmo que seja apenas confirmando o que está ouvindo.

Na conversação assimétrica, um domina o turno, enquanto o outro apenas apresenta pequenas intervenções e contribuições ao tópico discursivo. A conversação é um ato que pode ocorrer face a face ou a distância. Como exemplo disso, aparecem as conversações telefônicas; no gênero entrevista televisiva, o evento comunicativo se efetiva face a face, e os interlocutores dialogam por meio de um discurso predominantemente assimétrico.

No exemplo a seguir, tem-se a entrevistadora (E1) que está com a palavra e, conseqüentemente, exercendo controle sobre o turno. Aparece o entrevistado (E2) que, por sua vez, aguarda pacientemente seu momento de falar e assim ter também o turno, mesmo que de forma breve. A negociação ocorre de forma indireta, pois o interlocutor assume a sua condição de coadjuvante na conversa, deixando claro o protagonismo do locutor. Essa situação não ocorre em todas as conversas, algumas podem ser representadas pelo que foi posto e ocorrendo a petição do direito de fala.

No exemplo 3, porém, há a passividade do interlocutor e o empoderamento do entrevistador, que, de forma assimétrica faz uso do turno.

### Exemplo 3 – A assimetria no turno conversacional

**E1:** “quanto maior for o obstáculo... maior a glória de tê-lo superado”... Muillier o dramaturgo francês disse isso e eu achei perfeito pra apresentar meu convidado de hoje... o advogado piauiense E2... que tem uma história de vida extraordinária... filho de um pedreiro e de uma catadora de castanhas ele conseguiu realizar o seu sonho... e formar-se em direito... Ismael ficou conhecido pela mídia ao revelar como soube enfrentar seus obstáculos ((sempre de frente para a câmera)) ((vídeo com o perfil de E2))... E2... vou fazer uma declaração pública aqui... eu acho voCÊ e a sua história de vi:da... de uma chi::queria infinita  
**E2:** ((faz reverência com a cabeça))

**E1:** sabe... eu sempre:: fui um pouco cismada com o conceito do quê que é chique o que não é... chi::que pra mim... é você e a sua história de vida e os seus resultados num país que de repen:te tá aqui... atrapalhado ((mexe as mãos como se mistura-se algo)) a população toda atrapalhada como os seus ídolos de barro... com minti::ras com robalei::ras com comrrupçã::o ((raspa a palma da mão esquerda com o dedo indicador da mão direita como se estivesse a contar))... nós todos perdidos e aparece um ser humano como você... com a sua história de Vlda com o seu otimismo nessa tão pouca idade... você tá com quantos anos?...

**E2:** fiz 25 anos agora

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2018).

Visualiza-se, no fragmento, a utilização do turno de forma predominante pelo falante E1, enquanto E2 apenas gesticula consentindo com o que foi falado e, no final da interação, responde à pergunta de forma direta e sucinta. Embora as palavras de E1 apresentem um caráter elogioso referente a E2, ele não recebe a oportunidade de desenvolver o tópico.

Na entrevista, a presença da assimetria pode denotar os interesses da emissora, fazendo com que o entrevistado tenha o seu turno abreviado, ou até mesmo interrompido, priorizando, assim, não o conhecimento ou as contribuições que serão ofertadas à sociedade por parte do entrevistado, mas o que a emissora deseja transmitir à sua audiência. Tais situações podem ser um modelo claro de

descortesia, uma categoria conversacional que aparece na análise das entrevistas que constituem o *corpus* desta pesquisa.

Marcuschi (2003) expõe que, em uma conversação, tem-se a presença de fatores linguísticos e paralinguísticos, como gestos, olhares, movimentos do corpo etc. Quando duas pessoas iniciam uma interação conversacional, faz-se necessário prestar atenção ao tema escolhido. Se há uma concordância em relação àquele tópico, as situações não verbais falam alto na interação e facilitam a compreensão do que está sendo dito e/ou ouvido.

Santos (1999) aponta a questão da simetria e da assimetria conversacionais e explicita que tal interação ocorre nas conversas em sala de aula de forma dinâmica, uma vez que, nesse contexto, existem relações horizontais, aluno/aluno, e verticais, aluno/professor, e que, no ambiente escolar, ocorrem momentos simétricos, em que todos alternam o uso da palavra de forma igualitária e momentos assimétricos, que neste cenário, serão mais constantes. A mesma questão pode se efetivar em entrevistas, que, embora sejam prioritariamente assimétricas, também apresentam momentos de interação simétrica. Para que tal questão se esclareça, aponta-se o momento interativo no exemplo 4.

Percebe-se no fragmento a questão da simetria que se efetiva pela quantidade de falas de E1 (entrevistadora) e de E2 (entrevistado) e também pelo tamanho dos turnos. Embora E2 tenha uma fala um pouco maior, ainda assim é visível a presença da simetria conversacional.

#### **Exemplo 4 – A simetria no turno conversacional**

E1: nhm você era o pequeno você disse que tinha uma irmão mais velha...  
 E2: é eu tenho uma irmã mais velha... um ano mais velha do que eu...  
 E1: mas... dos mesmos pai?  
 E2: isso [dos mesmos pai  
 E1: [ah... depois eles se separam e você tem [irmãos de outros  
 E2: [e aí eu tenho... mas meu pai tem mais dois filhos... que inclusive um nasceu no dia da minha colação de grau... foram dois presentes no mesmo dia pra ele ((ri comedidamente))  
 E1: que bonito dia ((ri))... a sua mãe nunca mais casou?...  
 E2: éh::: a minha mãe tem união estável com u::m outro senhor/ um outro rapaz...  
 E1: bom... eu quero saber nhm::: você disse que foi difí::cil tal... mas você não foi uma criança complicada?...  
 E2: não graças a Deus nunca dei trabalho... às vezes a dificuldade que a minha mãe tinha quando eu ia... à escola... era sempre a mesma... chegava à escola os professores reclamavam "é muito esforçado é muito inteligente mas conversa demais" o meu problema [era só... a questão [da conversa mesmo  
 E1: [((risos))... [acabou isso ou você continua falador?  
 E2: eu acho que eu continuo falador ((risos))  
 E1: ((risos)) e agora vai fazer uso disso na sua profissão

E2: é
-------

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2018).

A respeito da simetria evidenciada no exemplo 4, Galembeck (1999) afirma que está relacionada ao processo interacional durante a conversação, quando ambos os interlocutores assumem os mesmos papéis, contribuindo para o desenvolvimento do tópico conversacional, ou seja, existe uma cooperação mútua, locutor e interlocutor ocupam o turno, um não controla ou utiliza a palavra mais que o outro e, desse modo, a simetria fica evidente no processo interativo.

É possível também visualizar desvios comunicativos como hesitações e sobreposição de vozes de forma muito mais prática do que nas outras formas de entrevistas. Foram extraídas do fragmento sobreposições de vozes que ocorrem de forma breve, exemplificadas abaixo.

**Exemplo 5 – Sobreposições de vozes no turno conversacional**

E2: isso [dos mesmos pai	
E1: [ah... depois eles se separam e você tem [irmãos de outros	
E2: [e aí eu tenho... mas	
meu pai tem mais dois filhos... que inclusive um nasceu no dia da minha colação de grau... foram dois presentes no mesmo dia pra ele ((ri comedidamente))	

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2018).

Às vezes ocorre de o entrevistado ter poucas chances de falar e contribuir com o tópico. Isso é evidenciado por meio de assaltos ao turno e de sobreposições de vozes, violando, assim, uma regra básica em qualquer conversação: “fala um de cada vez” (MARCUSCHI, 2003, p. 19). Quando, em uma interação, os dois falam ao mesmo tempo, não conseguirão se entender, podendo afetar significativamente a troca de turnos. O que se espera é que, quando um fale, o outro pare de falar e escute o locutor, possibilitando, assim, que se alternem nas funções de falante e ouvinte. Ao perceber que ambos estão falando, um deve parar de falar, enquanto o outro mantiver a palavra.

Por essa razão, infere-se que as normas que regem as conversações em geral, sejam elas espontâneas ou programadas, são providas de organização e não caóticas como inicialmente se imaginava; variadas por envolver diversas categorias e flexíveis, pois podem ser quebradas a qualquer momento em uma interação. Todas essas características tornam o processo conversacional misto, às vezes, muito simples e prático por ser uma atividade cotidiana e, às vezes, complexo em

virtude das variações do próprio processo dos aspectos verbais, ao fazer uso dos não verbais, ao utilizar gestos e olhares e paraverbais que se relacionam com a entonação utilizada. Observa-se, portanto, o emprego de quase todos os órgãos dos sentidos, em uma interação conversacional e de forma mais completa, o corpo todo, tal a sua amplitude. A soma de todos os elementos das categorias elencadas apresenta uma contribuição efetiva para a desenvoltura do texto conversacional, detendo-se este trabalho na análise dos elementos verbais.

## **2.6 As relações de poder e sua ligação com a cortesia e a descortesia, com a simetria e a assimetria**

Santos (1999) apresenta uma definição do termo “poder” que se faz relevante, neste trabalho. É descrito como uma relação que se estabelece entre os grupos ou formações sociais, a partir da interação que se efetiva entre eles; “poder” seria, nesse contexto, a influência ou efeito de um grupo sobre o outro. Outras concepções apontam “poder” como força, coerção, exercício de autoridade, persuasão, ou ainda o aspecto da posição social ocupada pela pessoa, o prestígio, seja ele individual ou exercido sobre o grupo. Portanto, nas relações de poder, existe um que estabelece o controle sobre o outro por diversas motivações, seja por confiança nos atos da pessoa, ou ainda por medo de represálias no aspecto físico, econômico ou social.

As contribuições de Santos (1999) se confirmam no contexto cotidiano da maioria das pessoas; não é raro visualizar situações, nas quais, alguém é coagido ou submetido à autoridade de outrem por questões econômicas e sociais. Exemplifica-se essa questão no aspecto de trabalho, pois, às vezes, o trabalhador é submetido a ordenanças e abuso de autoridade e se submete a isso por depender do salário, ou seja, por motivo financeiro, e aponta que sem tal submissão seria demitido, o que, na maioria das vezes, realmente acontece.

Santos (1999) ainda explicita que exercer o controle, ser integrante de um grupo dominante, seria limitar a liberdade do grupo dominado, resultando assim em privilégios, *status* conferidos ao dominante em relação ao dominado. O aspecto discursivo tem grande influência no que se refere ao poder e à sua manutenção e se efetiva através de atos de fala específicos, tais como recomendações, ordens, ameaças ou conselhos. É possível ter acesso ao poder, utilizando o aspecto discursivo oral ou o discurso escrito.

A autora corrobora com essa ideia, ao propor: “O discurso é a condição necessária e eficaz para que o poder se instaure nas relações entre indivíduos, membros ou grupos sociais” (SANTOS, 1999, p. 17). Portanto, o poder se instaura no texto falado ou escrito e pode ser visualizado nas permutas dos tópicos discursivos, bem como nas suas escolhas, no estilo e também na questão de se apropriar do turno conversacional, ou utilizá-lo por mais tempo, demonstrando empoderamento. Considera-se também a existência de uma ligação entre dominados que possuem condição de passividade e dominantes com mais acesso inclusive à informação.

A questão da simetria e da assimetria, mesmo que de forma relativa nas entrevistas, revela o aspecto da dominância; o entrevistador exerce o papel de organização da entrevista, portanto assume a função de dominante em relação ao entrevistado que ocupa o papel de dominado. Até a questão do tópico discursivo é proposta pelo entrevistador, priorizando alguns aspectos como, por exemplo, os interesses da emissora, a audiência e as questões informativas que acredita chamar a atenção do público.

Em virtude dessa variedade de interesses e da própria estrutura da entrevista, os turnos são geridos pelo entrevistador que oferece a palavra e a retoma, conduzindo a entrevista. A questão da cortesia e da descortesia também pode ser visualizada em consonância com as relações de poder, uma vez que, às vezes, o entrevistador permite ao entrevistado concluir suas ideias, permitindo-lhe fazer uso da palavra por mais tempo e, às vezes, não permite; por essa razão, compreender o motivo pelo qual isso ocorre, faz-se necessário.

É possível, portanto, depreender que não interromper o turno antes de sua conclusão é um elemento de cortesia. O oposto pode ser inferido como verdade: interromper o entrevistado e não permitir que ele conclua seu raciocínio ou que sua linha de pensamento possa ser apontada como um exemplo de descortesia.

Com base no exposto, propõe-se entender as relações de poder e seu caráter prático e real, bem como interpretar como ocorre efetivamente essa categoria conversacional em entrevistas televisivas, por ser relevante nesta pesquisa.

### **3 ACERCA DO GÊNERO MIDÁTICO ENTREVISTA TELEVISIVA**

Uma vez que foram apresentadas a origem e a expansão dos estudos conversacionais e sua importância para esta pesquisa, vale explicitar de que maneira tais estudos se relacionam ou se entrelaçam com os gêneros midiáticos, ou mais especificamente com a mídia televisiva.

Entrevistar é coletar declarações, informações e opiniões, que são utilizadas para divulgação, a fim de tornar o meio social conhecedor de algum conteúdo, tratado pelo entrevistador, num determinado programa televisivo, entre outros aspectos.

As pessoas, em geral, sejam elas telespectadoras, leitoras ou mesmo ouvintes, identificam quando uma entrevista transmite emoção, está recheada de verdade e autenticidade. É possível visualizar segurança e condução das perguntas pelo entrevistador, assim como das respostas e colocações realizadas pelo entrevistado. Para que essa segurança se efetive satisfatoriamente, é necessária uma tríade formada por entrevistador ou fonte de informação, entrevistado e receptor. KERBRAT- ORECCHIONI (2006).

#### **3.1 Definição de gênero**

Segundo Marcuschi (2008), estudar os gêneros não constitui uma atividade recente. Ao contrário, essa prática, no ocidente, é bem antiga e conhecida através da filosofia de Platão e de Aristóteles e data pelo menos vinte e cinco séculos. O termo gênero assumiu variadas conotações ao longo do tempo e hoje é usado com facilidade para fazer referência a uma distinta categoria, envolvendo discurso falado e escrito, com ou sem aspectos literários.

De acordo com Silveira (2005), atividades bem organizadas e elaboradas previamente, sejam elas culturais ou artísticas, são explicitadas pela noção de gênero textual. Ainda, conforme a autora, uma das qualidades mais pontuais no que se refere ao gênero textual é ser muito fácil a sua identificação, e as pessoas como um todo apresentam essa facilidade na hora de o reconhecer, até pelo fato de que algumas culturas fazem uso constante de determinados gêneros.

As pessoas produzem e reconhecem os gêneros textuais quase que como uma habilidade inata, isso se reflete pela frequência de utilização. Empiricamente, a compreensão de gênero textual é simples e de uma praticidade real, porém, no aspecto teórico, seu estudo é permeado de polêmica e controvérsia. Isso ocorre em virtude de o termo “gênero” ter apresentado uma variedade de significados ao longo do tempo.

Marcuschi (2008) destaca que o termo gênero tem sido, na atualidade, utilizado com enorme recorrência e em diversas áreas investigativas. É notório que a noção de gênero é bem relacionada ao aspecto literário, mas essa noção se ampliou e hoje se tem um novo conceito, o de que os gêneros são interações faladas ou escritas distintivas e tipificadas, como aponta Silveira (2005), ao expor que os gêneros foram reconceitualizados e se associam à concepção de linguagem descrita nesse contexto como atividade de interação social, que lhe é inerente. Estudiosos do texto, da oralidade e da conversação como Silveira (2005) e Marcuschi (2008) têm se interessado em estudar os gêneros e suas práticas na sociedade.

Analisar gêneros implica trabalhar com o texto e o discurso. Lidar com os gêneros é lidar com a língua e sua aplicação diária. O gênero é um conceito que se amplia e se torna cada dia mais prático. É possível dizer que estudar os gêneros hoje é estudar uma área que cresce de forma visível.

Marcuschi (2008) diz ainda que há algumas perspectivas teóricas que abordam os gêneros, entre as quais se cita a distinção entre tipos textuais e gêneros textuais. Na verdade, as contribuições ofertadas pelos gêneros são: ordenação e estabilidade das atividades de comunicação cotidianas. Isso ocorre por causa da presença dos referidos gêneros e sua organização nas interações sociais e nos processos comunicativos, pois os gêneros e seu estudo ganham cada dia mais importância. Destaca ainda que, para se compreender a problemática das diferenças entre gênero textual e tipo textual, é necessário explicitar essa distinção que ocorre entre eles.

Tipo textual é uma expressão utilizada para apresentar composições teóricas de natureza linguística, com estrutura lógica, lexical e sintática. Os tipos textuais apresentam uma quantidade restrita de categorias que podem ser facilmente elencadas, tais como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção e diálogo.



No entanto, a expressão gênero textual é mais abrangente e de noção intencionalmente vaga, para fazer referência a textos que se materializam e se inserem no cotidiano com características sociais e comunicativas, pois se definem através dos conteúdos, funcionalidade, estilo e composição. Enquanto o tipo textual é restrito, o gênero textual é abrangente. Existem exemplos de gêneros textuais, como: telefonema, sermão, carta, reportagem, entrevista, aula, notícia, horóscopo, receita, inquérito, resenha, bula, lista de compras, dissertação, dentre outros.

Marcuschi (2008) aponta ainda que, anteriormente, existia uma abordagem mais tradicional dos gêneros, que eram considerados fixos, constituindo assim categorias e subcategorias, podendo ser definidos por regularidades de forma e de conteúdo. Essa linha de pensamento considerava que existem três categorias de gêneros literários: o épico, o lírico e o dramático. No gênero épico ou narrativo existe a presença de um narrador, que se responsabiliza por contar uma história na qual as personagens atuam em um espaço e tempo determinados. No gênero lírico, os textos expressam sentimentos e emoções, são representados pela função poética da linguagem. Predominam neles pronomes e verbos em 1ª pessoa, além de frequentemente se evidenciar a musicalidade das palavras.

Por fim, o gênero dramático apresenta um teor mais teatral, pois seus textos são adequados para a representação e compreendem a obra literária em verso ou prosa passíveis de encenação teatral, porém essas formas de pensamento evoluíram, proporcionando novos parâmetros de análise, de modo que, atualmente, a noção de gênero foi estendida, extrapolando a área da teoria literária e abrangendo praticamente toda a produção textual oral e escrita.

A teoria bakhtiniana sobre os gêneros é muito importante. Foi possivelmente a primeira a formular uma definição ligada às condições sociais de produção, pois sua proposta teórica marcava e apontava que as diferentes esferas da atividade humana, as quais se relacionam com a língua, também fazem relação com o repertório de gêneros.

A quantidade e a diversidade dos gêneros são praticamente inesgotáveis, já que a atividade humana também assim o é. Essa amplitude que circunda o estudo dos gêneros tem sua aplicação prática nesta pesquisa, pois também se insere, nesse contexto, a interação face a face, que se efetiva no gênero entrevista televisiva, com caráter público, informativo e útil.

Certamente, por estarem inseridos nas mais diversas atividades humanas, os gêneros discursivos englobam uma variedade de diálogos cotidianos, bem como enunciações científicas, filosóficas, artísticas, entre outras.

Ainda conforme o linguista russo, a definição de gênero textual tem sido usada de forma cada vez mais frequente na área do estudo de línguas e das habilidades da leitura e da escrita, para o desenvolvimento de métodos que sirvam para facilitar o ensino de línguas (BAKHTIN, 1992). Por gênero, nesse contexto, apontam-se as construções enunciativas, moldadas pelo meio social, sequências relativamente estáveis que se originam da comunicação social e da interação.

Partindo desse pressuposto, a utilização da linguagem em qualquer de suas formas será realizada por meio de gêneros textuais, ou, em outras palavras, desde as conversas informais entre familiares até construções bem mais elaboradas de forma oral ou escrita podem ser nomeadas gêneros.

Desse modo, o estudo dos gêneros deve respeitar as características adequadas a cada um de seus tipos. O emprego da fala ou da escrita, em uma conversação sem formalidade, jamais poderia ser entendida, usando a mesma análise para uma conversa entre peritos de uma determinada área do conhecimento. É como comparar os padrões de uma carta romântica com os de um memorando ou comunicado comercial: precisam ser vistos sobre ângulos diferentes por se tratarem de categorias diferentes.

Explicitar por meio de um estudo ou ainda tentar caracterizar todos os gêneros textuais que existem, como já colocado, não é rápido, simples, nem mesmo fácil, uma vez que a variedade dessa categoria de texto é imensa; tentar classificá-los também seria uma tarefa muito difícil de executar. Escreve Marcuschi (2008): a variedade de gêneros é tão extensa, tão incontável, a ponto de ser considerada quase uma impossibilidade querer listá-los todos.

O próprio Marcuschi (2008) informa que tal tentativa de descrever, classificar e detalhar cada gênero textual existente na atualidade acarretaria uma relação temporal praticamente infinita. Tal situação ocorre em virtude de sua possibilidade de adaptação ou mesmo por apresentar uma certa estabilidade enunciativa; os gêneros se transformam ao passo que a sociedade se modifica. Eles acompanham as transformações sociais e culturais pautadas na cronologia histórica. E em virtude dessa modificação histórica, pode ainda acontecer o surgimento de novos gêneros, ou o oposto, o desaparecimento de gêneros que anteriormente existiam.

O exposto pode ser ilustrado por meio do uso de *e-mails* que cresce a cada dia, tornando os telegramas quase que obsoletos. Além do mais, as mensagens instantâneas como SMS e as mensagens do *WhatsApp* tendem a restringir o uso dos *e-mails*, que hoje são utilizados de forma mais frequente para a transferência de arquivos e nada impede que se aprimorem ainda mais essas mensagens instantâneas, ou surjam outras formas de comunicação digital mais rápidas. São os gêneros acompanhando as modificações sociais, culturais e tecnológicas e adaptando-se a elas.

Quanto ao aspecto histórico, Marcuschi (2008) afirma que, inicialmente, os povos de tradição basicamente oral apresentavam um grupo limitado de gêneros textuais; no entanto, com o surgimento da escrita alfabética, essa situação é completamente modificada e surgem também os gêneros característicos da modalidade escrita, que, mais uma vez, são ampliados através da fixação da cultura impressa no período da industrialização. E quando se achava que já havia se expandido bastante, aparece uma gama de novos gêneros através do surgimento da cultura eletrônica por meio do telefone, rádio, televisão e computador. Não se findou essa questão, os gêneros ainda continuaram a sua expansão com o surgimento da internet e, dessa feita, de forma exponencial.

Bakhtin (1992) subdivide os gêneros do discurso em primários e secundários, ou ainda, em simples e complexos. São chamados de simples os que fazem parte da comunicação cotidiana; e secundários ou complexos são os que fazem parte da comunicação produzida a partir de códigos culturais elaborados, como a escrita. Os primários são ainda aqueles construídos por meio da espontaneidade, em conversas do dia a dia, sem uma elaboração prévia. São reflexos da interação oral, desenvolvidos em situações de oralidade.

Os gêneros secundários possuem uma maior formalidade ou organização: surgem a partir da comunicação escrita; apresentam formas dotadas de padrão; e a linguagem é bem trabalhada. Vale salientar que nem toda exposição oral é um gênero primário. Os seminários e apresentações acadêmicas, por exemplo, são apresentados oralmente, mas organizados formalmente através de uma elaboração prévia.

O que caracteriza o aspecto primário ou secundário na questão dos gêneros não é sua transmissão oral ou escrita e sim sua construção e seu surgimento mais ou menos dotado de espontaneidade. Pode-se então inferir que o gênero primário é

dotado de mais espontaneidade que o gênero secundário, e este se relaciona ao primeiro, ampliando suas atribuições. Ao crescerem tais atribuições, elevam-se a um novo patamar, evoluem, ganham novas características e tornam-se novo gênero, o que leva ao entendimento de que um gênero primário pode se transformar em um gênero secundário.

As entrevistas televisivas são marcadamente gêneros secundários por tratarem de textos que, embora expostos oralmente, apresentam em sua formulação um discurso previamente pensado, perguntas escritas e elaboradas a partir de determinadas características formais. Fica visível, nessa forma de interação, a presença de uma certa padronização e organização do texto conversacional. A interação que surgirá desse contexto não será totalmente dotada de espontaneidade, mas haverá uma preparação para a interação conversacional, tanto por parte do entrevistador, como por parte do entrevistado, que, embora não conheça as perguntas que lhe serão dirigidas, sabe a temática que será abordada e tem a possibilidade de se organizar previamente.

Estabelecer diferença entre texto oral e escrito no aspecto que apresentam um grau maior ou menor de formalidade, pode-se dizer que o texto oral é mais espontâneo, e o escrito é elaborado, contribuindo significativamente para o entendimento e estudo dos gêneros. É por essa razão que se diz que alguns gêneros surgem da oralidade, outros da modalidade escrita; uns se fixam e permanecem, como *e-mail*, e outros, por falta de uso, extinguem-se, como o telegrama que praticamente desapareceu. Têm-se ainda os que surgiram mais recentemente como a mensagem do *WhatsApp*. Marcuschi (2010b, p. 42) reforça essa ideia, ao dizer:

O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto as estratégias de formulação que determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade.

Marcuschi (2008) esclarece que, quando se tem o domínio de um gênero textual, tem-se o domínio de não apenas uma forma linguística, mas de uma forma de realizar linguisticamente determinados propósitos. Para a apropriação dos gêneros, faz-se necessário que ocorram formas de socializar e interagir com as práticas humanas de comunicação. O autor ainda destaca que os gêneros não são apenas organismos dotados de formalidade; são, em contrapartida, formas,

enunciados comunicativos nos quais ocorre a predominância de aspectos funcionais, ações, conteúdos e objetivos.

Os gêneros são de grande utilidade comunicativa e utilizados em praticamente todos os contextos linguísticos, com frequência. Embora não seja possível afirmar que se sabe tudo a respeito deles, sabe-se que, às vezes, apresentam complexidade e dinamismo bem oscilantes.

Os gêneros textuais são dinâmicos, de complexidade variável e não sabemos ao certo se é possível contá-los todos, pois são sócio-históricos e variáveis, não há como fazer uma lista fechada, o que dificulta ainda mais sua classificação. Por isso é muito difícil fazer uma classificação de gêneros. Aliás, quanto a isso, hoje não é mais uma preocupação dos estudiosos fazer tipologias. A tendência hoje é explicar como eles se constituem e circulam socialmente (MARCURCHI, 2008, p. 159).

Como bem colocado acima, a preocupação atual dos pesquisadores dessa temática não é contabilizar os gêneros, nem detalhar suas tipologias, mas procurar esclarecer como ocorrem, de que forma se efetiva o seu uso no ambiente social, na prática cotidiana. Uma questão relevante no estudo dos gêneros textuais é levar em consideração a natureza do enunciado, o seu universo diversificado, nas inúmeras esferas comunicativas. As esferas da linguagem também fazem direta referência aos enunciados concretos que se apresentam nos discursos (MARCUSCHI, 2010b).

Os gêneros textuais, nesse aspecto teórico, fazem-se presentes nas esferas comunicativas, por meio de um falante, um locutor, que possui o objetivo de se comunicar frente outra pessoa, o interlocutor. Então, o gênero é escolhido, é determinado e até mesmo é identificado de acordo com a especificidade da esfera na qual ocorre a comunicação.

Conforme a perspectiva bakhtiniana anteriormente apontada, é necessário haver a interação verbal com a temática e com os participantes, os sujeitos envolvidos. Para escolher, é preciso levar em consideração o contexto da enunciação. Bakhtin (1992) é enfático ao explicitar que desprezar a natureza do enunciado e as peculiaridades de gênero que assinalam o discurso e sua variedade em qualquer área do estudo linguístico conduz ao formalismo e leva à abstração, descaracteriza a historicidade do estudo, torna o vínculo existente entre a língua e a vida frágil.

A língua se insere na vida, faz parte dela, através dos enunciados concretos que a realizam, e é também por meio desses enunciados concretos que a vida se integra à língua, e ocorre o trocadilho, a língua é viva, ou seja, está em expansão,

em evolução; surgem nela palavras novas e nunca a teremos como pronta, sempre estará aberta a mudanças.

### 3.2 A mídia e o gênero entrevista televisiva oral

A mídia já está presente no cotidiano das pessoas, desde um simples acesso à *internet*, a uma sintonia em emissora de TV para assistir a um programa de entrevista. Mídia é entendida como um agrupamento formado por diversos meios de comunicação, os quais objetivam a transmissão de variados conteúdos, bem como a efetivação de informações. A mídia é formada por um abrangente universo de sistemas que servem para divulgar essas informações e esses conteúdos, como televisão, rádio, revistas, jornais, entre outros.

A palavra mídia teve sua origem do latim *Media*, plural de *Medium*, que em tradução literal seria meio ou forma. Na língua inglesa, a palavra também surgiu do vocábulo *Media*, que, por sua vez, surge da simplificação do termo *Mass media*, que em português significa meios de comunicação de massa. Então, de forma simplificada, a mídia é o meio de transmissão comunicativa de larga escala.

A mídia já apresentava caráter variado, mas tal característica se amplia após o surgimento da *internet*, evoluindo ainda mais através das redes sociais. A preocupação humana com a comunicação e a difusão dos conhecimentos adquiridos não é uma prática recente, ao contrário, é bem antiga, o que mudou na atualidade foi a agilidade de transmissão que ganha força com a tecnologia.

Conforme apontado, seria considerado mídia tudo que possuísse circulação e divulgação em larga escala, também a possibilidade de exposição e alcance público. O público precisa ter acesso para que se efetive o conceito de ser mídia. Desse modo, a comunicação veiculada na televisão pode ser considerada como uma comunicação midiática exatamente por seu caráter público e acessível à população como um todo.

Silva (2002) diz que o surgimento da televisão possui mais uma função de proporcionar entretenimento. No entanto, na década de 70, ocorre a ampliação do alcance desse meio midiático, e, pouco a pouco, cresce também a sua programação, à qual passam a se incorporar programas informativos, e hoje é um meio muito importante que alcança quase que a totalidade populacional brasileira,

inclusive os mais carentes possuem acesso à mídia televisiva, pois, onde há acesso à energia elétrica, existe o aparelho de televisão na referida comunidade.

Ainda, conforme Silva (2002), no Brasil, uma data marcante no que se refere à questão televisiva é o ano de 1969, quando a televisão passa a ter transmissão em rede ou ainda alcance nacional das transmissões. Silva (2002) apresenta a análise em relação ao linguajar ou à forma de comunicação televisiva, a qual traz consigo a produção de “instrumentos/meios apropriados”. Esses meios servem para tornar a TV uma mídia, e a nomenclatura mídia, por sua vez, refere-se à dimensão assumida, “modo de produção industrial (em série)”, sobretudo do telejornalismo e das telenovelas” que se tornaram muito abrangentes em sua circulação para o público (SILVA, 2002, p.29).

Com base no pressuposto apresentado por Silva (2002), o critério para ser nomeado mídia é ter uma amplitude de circulação nacional. A indústria midiática alcança a sua estabilidade nas finanças através dos anúncios publicados, permitindo, assim, que o jornalismo e a publicidade se tornassem próximos. Silva (2002) ainda afirma que foi, a partir do lucro gerado pela publicidade, que a imprensa passou a assumir um caráter empresarial. Nesse cenário midiático e televisivo, insere-se a entrevista, que é um gênero textual da modalidade oral e que também se efetiva por escrito ao ser realizada a sua transcrição.

Melo Junior (2016) expõe que a entrevista tem sua origem em Nova Iorque, aproximadamente no ano de 1836, depois de a divulgação de notícias sobre administração e política ter sido publicada e, nesse contexto, também começaram a ser veiculadas na imprensa dos Estados Unidos histórias que chamavam atenção e despertavam o interesse das pessoas. Na ocasião, o jornalista norte-americano James Gordon Bennet entrevistou, pela primeira vez, a cidadã e proprietária de um estabelecimento no qual havia ocorrido um assassinato. O jornal responsável pela publicação foi o *New York Herald*. Após a publicação, percebeu-se que houve uma resposta positiva e significativa do público, pois a entrevista, além de agradar, ajudou a inocentar o suposto criminoso que, de fato, não era o culpado. O referido repórter, ao perceber que a prática era apreciada pelo público, aprimorou o ato de entrevistar.

Dessa forma, o agrupamento nomeado no jornalismo de *pingue-pongue*, que significa a utilização do par adjacente pergunta e resposta, passa a ser consolidado (MELO JUNIOR, 2016) após a realização de uma entrevista com o fundador da

igreja Mórmon, na cidade de *Salt Lake City*, pelo jornalista Horage Greeley. Melo (2003) aborda que não existem conceitos precisos sobre a comunicação jornalística, mesmo sabendo que esses estudos são desenvolvidos há mais de cem anos. Ainda destaca que entrevistar é dialogar. O diálogo ocorre com a presença de um par interativo apontado por ele como “um jornalista e um personagem” do cotidiano.

Melo (2003) explica também que os gêneros jornalísticos podem ser divididos em duas categorias: os opinativos e os informativos. Para essa classificação, é necessário considerar as diferenças existentes entre a natureza da estrutura de tais gêneros. Os primeiros a serem descritos são os gêneros informativos que, como a própria nomenclatura aponta, estão ligados ao aspecto da informação, e sua estrutura depende de um referencial que está localizado fora da emissora, depende da relação mediador/protagonista, ou seja, o jornalista e quem vai dar as informações, sejam esses informantes considerados personalidades ou instituições.

Os gêneros que se relacionam ao aspecto da opinião apresentam sua estrutura fundamentada em variáveis controladas pela instituição jornalística ou emissora e se estruturam em dois aportes: autoria (quem está expondo a opinião) e aspectos de espaço e tempo (que sustentam a opinião, também nomeados de angulagem).

Ao destacar esses dois tipos de gêneros jornalísticos, o informativo e o opinativo, Melo (2003) deixa claro que a entrevista se inclui no gênero informativo, assim como também a nota, a notícia e a reportagem. E aponta o que significa entrevista ao propor: “[...] a entrevista é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade” (MELO, 2003, p.67).

Como já exposto, o interesse neste estudo se firma no gênero informativo entrevista televisiva que tem sua difusão na oralidade, ao ser veiculada na televisão. A entrevista oral constitui-se como uma categoria conversacional, o que justifica o interesse por tal objeto, embora seja possível elencar opiniões em uma entrevista: seu caráter é basicamente informativo, centra-se na realidade.

Medina (1986, p.18) explica que entrevista “é uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular”. A ênfase dada é para o aspecto interativo, para o diálogo que existe entre entrevistador e entrevistado. A autora ainda destaca que, para que uma entrevista seja bem-sucedida, o ouvinte precisa enxergar



emoção. As palavras do entrevistador, bem como as do entrevistado, precisam demonstrar naturalidade e serem autênticas.

Para a autora, a entrevista poderia ser descrita como uma organização básica para se obter respostas a perguntas formuladas previamente. Entretanto, a pesquisadora explica que a entrevista não é apenas uma técnica básica, pois, se assim fosse, não seria capaz de ser considerada uma veia importante da comunicação humana, ou seja, simplificá-la demais desmereceria sua valoração prática.

A entrevista apresenta uma linguagem expositiva, embora sejam encontradas outras sequências textuais no referido gênero. Costa (2014, p. 103) assim a define:

A entrevista pode designar também uma matéria jornalística chamada ping-pong que é redigida em forma de pergunta-resposta. Entrevista rápida com perguntas e respostas breves, trata-se de um discurso assimétrico em que os interlocutores têm papel diverso. O entrevistado tem o conhecimento do assunto/tema e deve se limitar ao que é perguntado. Os entrevistadores por sua vez organizam um conjunto de perguntas e interagem com o entrevistado.

Nesse aspecto, verifica-se que tanto entrevistador como entrevistado desempenham funções diferenciadas. Assim, o poder da fala ou da palavra de quem detém é o entrevistador que organiza e elabora as perguntas, com base em um planejamento prévio, para conduzir os turnos conversacionais e os tópicos (temas/assuntos); o entrevistado, por sua vez, limita-se ao que lhe é proposto durante a troca comunicativa, efetivando-se, nesse contexto, a assimetria conversacional.

Corroborando com tais ideias, Silveira (2002) direciona o olhar para as questões referentes a quem tem o poder e quem efetivamente controla o processo interativo nas situações de entrevista. Mesmo levando em consideração que cada participante exerça a sua função nesse processo comunicativo, essa assimetria nem sempre ocorre de forma plena, existe também a possibilidade de o entrevistado fazer uso de artifícios que lhe permitem permanecer com o turno, ele também pode se valer de estratégias de resistência. Tais estratégias poderiam ser uma resposta evasiva ou ainda responder à pergunta de forma parcial ou evidenciando apenas um aspecto da referida pergunta ou dando uma interpretação à pergunta de acordo com a sua intencionalidade da resposta, o que permite

apontar que o poderio do entrevistador tem certa relatividade e nem sempre é capaz de subjugar completamente o entrevistado.

Embora seja uma conversa elaborada, a entrevista se efetiva como um gênero oral, formado, na maioria dos casos, por duas pessoas, a saber: o entrevistador e o entrevistado, cada um dos participantes com o seu respectivo papel. Mesmo sabendo que é possível haver entrevistas com mais de dois participantes, cada um respondendo às mesmas perguntas, ou a perguntas distintas, continuam existindo esses dois papéis. Cada participante apresenta sua função, pautada em relações de poder (SANTOS, 1999) e de caráter diferenciado.

Vale lembrar que se trata de uma modalidade, um procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos. Em se tratando da entrevista televisiva, ela apresenta características mais específicas, como, por exemplo, a possibilidade de o telespectador visualizar (imagem) tanto o entrevistador quanto o entrevistado.

De acordo com Medina (1986), a entrevista nas suas diferentes aplicações é uma técnica de interação social e de interpretação informativa, que consegue quebrar isolamentos grupais, individuais e sociais.

Pode também servir para a pluralização de vozes e a distribuição democrática da informação, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano para além da troca de experiências, informações, juízos de valor. Lage (2005, p. 87) ainda reforça essa ideia, ao apontar:

Tal como no rádio, a entrevista em televisão pode ser ocasional e ao vivo, com todos os riscos e restrições; ocasionais e gravadas, documentando notícias e reportagens; produzida ao vivo ou produzida em gravação. A novidade é a presença da imagem do entrevistado, o que o expõe bem mais, dada a importância no processo de percepção de mensagens e atribuição das intenções. Mais do que em qualquer outro veículo, a entrevista televisiva devassa a intimidade do entrevistado, a partir de dados como sua roupa, seus gestos, seu olhar, a expressão facial, o ambiente.

Observa-se que a entrevista televisiva se assemelha à do rádio em alguns sentidos. Tanto no rádio como na televisão, as entrevistas podem ser gravadas ou ao vivo; nos dois casos, as entrevistas podem conter notícias ou abordar temas de interesse do público. Entretanto, existe uma diferença pontual: somente a entrevista televisiva utiliza a imagem. Ela torna os entrevistados mais evidenciados, ao contrário do que ocorre no rádio, que só divulga a voz. Isso confere a essa

modalidade textual um carácter exclusivo e atraente, pois o público, o telespectador, acaba também interagindo tanto com o entrevistador quanto com o entrevistado, mesmo a distância, possibilitando ao público visualizar reações e situações que só de posse da imagem é possível assimilar.

Visualiza-se também que o gênero entrevista é bem variado em sua tipologia. Considerando a tipificação, existem a entrevista jornalística veiculada na televisão ou no rádio, a entrevista informativa, entrevista de emprego, entrevista científica, entrevista médica, dentre outras. Em virtude dessa variedade tipológica, ocorre também uma variedade em seu estilo, em sua finalidade e até na sua estrutura. Mesmo diante dessas múltiplas formas e até objetivos diferenciados, as entrevistas, de forma geral, estão inseridas em um modelo, ou ainda possuem características que são comuns. Elas possuem também diferenças, o que permite analisá-las ou inclusive extrair delas novos significados.

Oyama (2015) corrobora com essa ideia ao expor que, para uma entrevista se tornar um sucesso, faz-se necessário ponderar um conjunto de fatores, sendo que alguns dependem do entrevistador, e outros dependem do entrevistado. Ela aponta como fatores que dependem do entrevistado o seu humor, se ele domina a pauta ou temática da entrevista, até mesmo a disposição de tempo de ambos pode influenciar o resultado da entrevista.

Quanto ao entrevistador, a autora expõe que depende de seu talento e da pesquisa que ele faz sobre a pessoa que irá entrevistar. A autora aponta que a pesquisa objetiva saber mais sobre o entrevistado e sua função ou importância social, e tal conhecimento permite ao entrevistador elaborar uma entrevista mais atraente. Ao apontar a pesquisa, a autora coloca que “antes de fazer uma entrevista, seja ela de informação ou de perfil, mergulho na leitura da maior quantidade possível de material publicado sobre e pelo entrevistado” (OYAMA, 2015, p. 15).

Ainda sobre a entrevista, é possível inferir das palavras da autora que entrevistado e entrevistador precisam ter em mente que uma entrevista é acima de tudo uma conversa e, como tal, é imprescindível cordialidade, simpatia. Mesmo que a ocasião seja formal, é necessário ter em mente que, naquela interação, os envolvidos são seres humanos e, portanto, dotados de afetividade, e não seres mecânicos.

Ela ainda diz que, se um dos participantes se intimidar pela titulação, posição social ou fama do outro, a interação não ocorrerá com fluidez. Ainda se considera o

que a autora explicita ao citar que a diferença mais pontual entre uma entrevista dotada de frieza e protocolos e de uma entrevista com uma carga de sentimento e realidade é o nível de confiança que o entrevistador consegue despertar no entrevistado.

Portanto, não restam dúvidas de que a entrevista é uma categoria conversacional que se efetiva com a presença de, na maioria dos casos, dois participantes, o entrevistador e o entrevistado. Esses participantes dialogam por meio principalmente do par dialógico: pergunta e resposta e, embora seja possível a presença de outros pares, as perguntas e respostas são mais preponderantes. Esse par, também chamado de adjacente, apresenta algumas variações de acordo com a tipologia das perguntas e das respostas e apresenta uma sistematização, em se tratando da referida tipologia, o que faz necessário explicitar, neste estudo, para uma maior clareza desse aspecto tão relevante na pesquisa, por ser uma categoria que será objeto de análise.

### **3.3 Os pares adjacentes e suas tipologias**

Não é difícil observar que as conversas acontecem em pares: o locutor apresenta a sua fala que é ouvida pelo interlocutor; o interlocutor, que escuta e se torna também locutor, ao lançar a sua fala em resposta ao questionamento daquele que também se tornou seu interlocutor. A conversa gira em torno dessa troca de papéis: em dado momento, um é locutor; o outro é interlocutor, e ambos se alternam nas funções. Tal descrição esclarece a noção de que os pares, que são a base da conversa, estão em posição de adjacência, uma vez que uma fala está próxima da outra e vice-versa.

Marcuschi (2003) apresenta os pares adjacentes como sequências integradas de dois turnos e mostra uma diversidade dessas sequências, o que permite a observância de que existem algumas tipologias de pares como, por exemplo, o par adjacente saudação/saudação, o par convite/aceitação/recusa, o par agradecimento/aceitação e, ainda, o par pergunta-resposta. Não é difícil visualizar e constatar que a predominância conversacional é do par adjacente pergunta/resposta. O par adjacente representa o elemento fundamental de uma conversação.

A respeito dos pares, Kerbrat-Orecchioni (2006) enfatiza que o par adjacente ocorre a partir do momento quando a troca comunicativa se constitui de duas intervenções. Ela explica ainda a nomenclatura de cada uma dessas intervenções: a primeira é descrita como *iniciativa*, e a segunda, como *reativa*, ou seja, uma reação ao falante que tomou a iniciativa. A autora destaca que, quando se trata de uma pergunta, a interação chamada de iniciativa terá, além da resposta, uma terceira fala que será construída pelo primeiro falante, apontando que recebeu a resposta. A esta terceira intervenção dá-se o nome de *avaliativa*.

O par dialógico pergunta/resposta ocupa posição de destaque nas interações conversacionais em virtude de sua recorrência. De forma mais específica, destaca-se nesta pesquisa o uso desse par, uma vez que focaliza prioritariamente essa categoria. Entrevistas, portanto, são interações, cuja presença do par adjacente pergunta/resposta se faz preponderante.

De acordo com Urbano *et al.* (2002), diferentemente de conversas espontâneas, as entrevistas são acontecimentos conversacionais que apresentam uma estrutura marcadamente formada por perguntas e respostas e apontam que as respostas que se apresentam nas entrevistas possuem uma marca distinta das respostas em conversações ordinárias, e essa marca seria uma complexidade que não se observa nas conversas espontâneas.

Urbano *et al.* (2002) assinalam que perguntas e respostas constituem uma unidade dialógica mínima que Sacks, Schegloff & Jefferson (2003) denominam par adjacente. Para alguns estudiosos, o par adjacente representa o elemento fundamental em uma conversação. Os autores ainda colocam que a relação entre perguntas e respostas é dupla, pois as perguntas antecedem e apresentam restrições para as respostas e, do ponto de vista semântico, as respostas apresentam dependência em relação às perguntas e vice-versa.

Urbano *et al.* (2002, p.77) apontam: “a pergunta escolhe uma resposta e um outro ato de fala, a resposta é a ação escolhida pela pergunta”. Ainda, segundo os autores, o que diferencia as perguntas das respostas é que as perguntas impõem restrições ilocucionárias e discursivas sobre as respostas, sendo assim possível saber se uma resposta corresponde ou não à determinada pergunta, já que as respostas podem indicar a satisfação ou não de certas condições.

Quanto à tipologia das perguntas, os autores que tratam desse assunto como, Urbano (2006), Fávero, Andrade & Aquino (2006), apresentam dois tipos

fundamentais que são as perguntas fechadas e as perguntas abertas. As perguntas fechadas são aquelas que têm como respostas “sim” ou “não”, usadas para confirmar ou negar aquilo que foi perguntado. Já as perguntas abertas trazem uma informação nova que é acrescentada por quem responde à pergunta. Para que se visualize melhor o exposto, segue o exemplo a seguir que apresenta inicialmente uma pergunta fechada e sua respectiva resposta. O contexto do primeiro fragmento aponta para uma parte da conversa em que aparece a temática da corrupção que acompanha o cenário político.

O exemplo mostra que a entrevistadora (E1) lança as questões sobre a corrupção na política, enfatizando que essa corrupção é histórica, o que faz com que o entrevistado (E2) confirme, por meio de elementos não verbais (acenar positivamente com a cabeça) e de um marcador discursivo (ahan) que equivale à resposta “sim”.

#### **Exemplo 6 – Pergunta fechada**

<b>E1:</b>	[deixa eu fazer uma pergunta pra você também... você acha... historicamente (né?) existe um conceito... que é o::... de que a política e a corrupção caminham juntas... isso é histórico[...]
<b>E2:</b>	(((acena positivamente com a cabeça)))
<b>E1:</b>	não é novo...
<b>E2:</b>	ahan
<b>E1:</b>	agora ela foi jogada na nossa cara
<b>E2:</b>	((acena positivamente com a cabeça))

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2018).

O exemplo 7 mostra que a pergunta aberta exige, necessariamente, uma resposta que acrescente informações ao que foi solicitado. Dessa forma, a entrevistadora (E1) quer saber como tinha sido o comportamento do entrevistado (E2) quando era criança: “mas você não foi uma criança complicada?”. E obtém como resposta informações novas: o fato de os professores se queixarem que ele conversava muito na escola.

#### **Exemplo 7 – Pergunta aberta**

<b>E1:</b>	bom... eu quero saber nhm::: você disse que foi difí::cil tal... mas você não foi uma criança complicada?...
<b>E2:</b>	não graças a Deus nunca dei trabalho... às vezes a dificuldade que a minha mãe tinha quando eu ia... à escola... era sempre a mesma... chegava à escola os professores reclamavam “é muito esforçado é muito inteligente mas conversa demais” o meu problema [era só... a questão [da conversa mesmo

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2018).

Visualiza-se nesse exemplo que, quando a pergunta é aberta, ela obtém como resposta informações novas. Tais informações ampliam a compreensão sobre o contexto da conversa entre E1 e E2. Observa-se que a situação interativa aborda a questão comportamental de E2 que, embora tenha sido uma criança extremamente pobre, apresentava uma boa média na escola como a interação descreve. Sua única indisciplina seria conversar demais, mas todos reconheciam que ele era esforçado e inteligente.

Fávero, Andrade & Aquino (2006), ao discorrerem sobre o par dialógico pergunta/resposta, postulam que o que torna determinado enunciado classificado como pergunta e como resposta são as marcas presentes nesse enunciado como, por exemplo, a entonação e a forma sintática. No caso das perguntas, estas possuem entonação ascendente, critério para que não haja ambiguidade na compreensão. Ao visualizar a entonação ascendente, geralmente, identifica-se logo que se trata de uma pergunta. No entanto, há que se ter cuidado com essa classificação, pois, em alguns casos, ela não se efetiva.

A entonação ascendente, quase sempre apontada como um critério que determina a função de um certo enunciado como P, é considerada uma marca possível de reconhecimento de uma P, já que se podem encontrar as perguntas com entonação ascendente/descendente ou com entonação descendente, evidências de Ps que não apresentam entonação ascendente, visto tratar-se de um ato indireto de fala, podem ser observadas no exemplo a seguir (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006, p. 135).

No contexto interativo a seguir, tem-se um fragmento extraído do *corpus* da pesquisa, que apresenta a exemplificação da citação. O exemplo 8 apresenta um ato indireto de fala, quando a entrevistadora (E1) pergunta indiretamente ao entrevistado (E2); a pergunta é elaborada de modo afirmativo. E1 quer de fato saber se E2 enxergou que o *notebook* que ele ganhou dos colegas foi, não apenas um presente, mas também uma forma de continuarem se beneficiando dos resumos que E2 fazia das aulas e entregava tais resumos por escrito aos colegas, o que beneficiava a todos. Ao perguntar se a relação era de colaboração mútua, E1 quer que E2 afirme que a relação acontecia por seus colegas tomarem proveito da situação. E2 entende e responde que ainda assim via sinceridade por parte dos colegas.

**Exemplo 8 – Entonação ascendente na pergunta**

**E1:** te deram um notebook de presente principalmente porque você entregava pra eles as aulas escritas [ao final ((risos)) fala a verdade?

**E2:** (((risos))

**E1:** quer dizer [era uma colaboração mútua

**E2:** [também mas é é... também mas eu conseguia ver sinceridade no olhar deles... porque assim... ( ) já era mais ou menos no terceiro bloco do curso de direito... já tinha se passado um ano e também sempre foram muito prestativos... me ajudaram inclusive financeiramente quando às vezes... faltava o/a questão da passa:gem... eu me emociono porque:: eles foram grande suportes... os meus professores também...

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2018).

Em se tratando do aspecto da circularidade entre perguntas e respostas, Fávero, Andrade & Aquino (2006) apresentam o significado do termo pergunta, propondo que significa efetivamente um pedido de informação, e essa informação está relacionada a um elemento desconhecido. A informação desconhecida seria, nesse caso, a resposta, que teria a função de apresentar tal informação e, dessa forma, tornar conhecido o que até então era desconhecido. A circularidade é, por vezes, impreterível e aceitável, mas não obrigatória. Em alguns casos, a circularidade não ocorre, pois, como se sabe, às vezes, uma pergunta é seguida de outra pergunta e não de uma resposta, contrariando assim a ideia que alguns alimentam que, após uma pergunta, recebe-se uma resposta. Isso pode ocorrer ou não.

Observa-se, no exemplo, a entrevistadora (E1) fazendo duas perguntas em uma só para o entrevistado (E2), que, por sua vez, faz uma outra pergunta, em lugar de dar a resposta. E2 se dirige a E1 com outra pergunta para depois acrescentar e prestar as informações que foram perguntadas.

**Exemplo 9 – Relação pergunta/resposta**

**E1:** você:: oh ótimo chegou onde eu queria... você começou a ler muito cedo? quem é que te passou o gosto pela leitura ou foi cordel que te puxou?

**E2:** o quê que aconteceu? quando eu ainda estava no jardim eu aprendi a ler muito cedo... inclusive não fiz alfabetização já fui pra primeira série... quando chegou na terceira série tentaram me colocar na quinta mas minha mãe já não permitiu... eu sempre fui muito apaixonado pela leitura... sempre fui muito apaixonado por:::... curiosidades que dissessem respeito aos estudos... e quando eu cheguei no ensino médio quando eu tive contato com a literatura de cordel... foi quando eu consegui disse “poxa encontrei o que eu queria”... conseguia me expressar: éh: ler ainda mais... e a partir de então eu fui só tendo a certeza do que eu queria

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2018).



Vê-se que é possível uma pergunta receber, em seguida, não uma resposta e sim outros atos de fala, inclusive outra pergunta. É por essa razão que Fávero, Andrade & Aquino (2006) apontam que o emprego do que chamam de “responsividade” seria de grande complexidade, o que significa que, após uma pergunta, não há uma garantia de resposta, levando à conclusão de que não há uma lógica determinada na ordem do par dialógico pergunta/resposta. Portanto, não é possível fixar uma regra que restrinja o emprego do par dialógico pergunta/resposta em virtude da possibilidade de variações.

Quanto à tipologia do par adjacente pergunta/resposta, é importante que se considere que, para se estabelecer essa referida tipologia, faz-se necessária a observação de certas conversações espontâneas em virtude da variedade de perguntas e de seu caráter natural. O par dialógico e o tópico discursivo apresentam uma íntima relação pelo fato de que as conversações se organizam em tópicos ou assuntos e se efetivam através dos pares. Infere-se, por essa razão, que a pergunta é o elemento de iniciação para o desenvolvimento e até mesmo a mudança do tópico discursivo, o que lhe confere um aspecto de multifuncionalidade.

As conversas geralmente se iniciam através de perguntas, que servem também para dar continuidade ao tópico que é o assunto da conversa e servem, inclusive, para se reintroduzir o tópico, pois se o interlocutor perceber que o tópico foi desviado, ele poderá reintroduzi-lo através de uma pergunta. Existe, ainda, a possibilidade de a pergunta ser utilizada para modificar o tópico que esteja já desgastado ou que não seja mais o foco de interesse de um dos interactantes que pode buscar novos assuntos para a conversa. Nesse caso, a pergunta serviria para mudar o tópico. Em virtude dessas múltiplas funções, a pergunta é bem importante na interação conversacional.

É por essa razão que as perguntas podem ainda ser observadas do ponto de vista da sua estrutura. Além das perguntas fechadas e das perguntas abertas, Fávero, Andrade & Aquino (2006) acrescentam as perguntas retóricas, que são aquelas, através das quais, o falante formula a pergunta, esperando que o ouvinte não lhe dê a resposta. Essa tipologia de pergunta é usada para manutenção do turno ou estabelecimento de contato.

Como já apontado, nem sempre o enunciado que aparece após uma pergunta é uma resposta, e isso ocorre por diversos fatores, anteriormente abordados. Então surge o questionamento: quando estabelecer que determinada resposta se refere à

pergunta que foi elaborada? As condições que indicam que uma resposta satisfaz à determinada pergunta podem ser de quatro tipos, que apresentam também uma sequência hierárquica que vai de 1 a 4 e que significa que, se determinada resposta não atender ao grau 1, essa resposta possui uma grande inadequação; entretanto, se a pergunta atende às três primeiras condições e não atende à quarta condição significa que seu grau de inadequação não é tão elevado. Tais condições são elencadas por Fávero, Andrade & Aquino (2006, p. 162-163), ao esclarecerem que as respostas podem ser:

- 1- De manutenção do tópico – as Rs precisam estar relacionadas, implícita ou explicitamente, com as Ps no que se referem ao tema.
- 2- De conteúdo proposicional – as Rs devem referir-se semanticamente às Os, por meio de relações como paráfrase, implicação ou oposição;
- 3- De função ilocucionária – as Rs precisam ser de um tipo ilocucionário compatível com as Ps.
- 4- De orientação argumentativa – as Rs precisam apresentar a mesma orientação argumentativa das Ps.

Através do emprego do par dialógico pergunta/resposta, foi possível concluir que seu emprego precisa, necessariamente, obedecer a determinadas regras e condições e que a Análise da Conversação é responsável por explicitar e explicar as referidas regras, que servem para produzir e interpretar um discurso dotado de significação. As perguntas são a primeira parte do par, e as respostas, por sua vez, representam a segunda parte do par, e que a elaboração dessas duas partes, tanto da pergunta como da resposta, apresenta uma gama de opções, pois para cada pergunta formulada podem aparecer diversas opções de resposta.

### **3.4 Cortesia e descortesia na entrevista televisiva**

A cortesia é de elevada importância nas entrevistas pelo fato de se tratar de um fenômeno social recorrente e, sem ela, a entrevista pode fracassar. Segundo Leite (2008), ao longo da história, visualiza-se que a humanidade precisou se conter, suavizar seus instintos naturais para que hoje seja considerada e representada por seres civilizados. Ser cortês é cultivar boas maneiras em vários aspectos, na forma de falar, de agir, de se comportar.

A cortesia adquire os seguintes aspectos: históricos, por se fundamentar em uma cadeia temporal; antropológicos, por envolver o ser humano em seu aspecto cultural; e psicanalítico, por envolver questões sentimentais e atitudinais, pois, às

vezes, deve-se refrear sentimentos, conter atitudes para que possam ser considerados dotados de cortesia.

A origem da cortesia, enquanto fenômeno social, remonta a uma época bem distante da época atual, bem como pertence a um espaço distinto do vivenciado pelos brasileiros, pois se originou na Europa. A cortesia surgiu da necessidade que circundava a sociedade medieval, especialmente no trato com o sexo feminino, pois as mulheres eram muito mais vitimadas, inclusive, com maus tratos físicos. Um detalhe relevante é que as referidas mudanças foram se tornando reais e se efetivando de forma lenta e gradativa.

Fávero, Andrade & Aquino (2006) abordam que as questões que envolvem a cortesia de forma geral são consequências de acordos ou compromissos sociais que se desenvolveram ao longo do tempo e da história. Ao considerar que determinadas posturas eram inadequadas e outras posturas adequadas, foram desenvolvendo normatizações. Leite (2008) corrobora com essa ideia, ao expor:

Elias (op.cit., p.113) assinala que os termos cortesia, civilidade e civilização marcam 'três estágios do desenvolvimento social e indicam qual sociedade fala e é interpretada". O primeiro diz respeito à adoção de comportamentos sociais considerados "civis", descritos linguisticamente por meio da palavra "civilidade"; o segundo, em continuação ao primeiro, decorreu da incorporação de comportamentos cortesês; o terceiro, o último, o estágio da civilização, é a culminância da expansão dos padrões de comportamento das classes altas, e que continuam a refletir a essência dos sentidos contidos nos termos civilidade e cortesia, que é a busca da convivência social harmônica, dentro de padrões delimitados e que tem de ser respeitados. São normativos, portanto (LEITE, 2008, p. 54).

Essa busca por uma convivência mais harmoniosa e a delimitação dessas normas objetivam um melhor relacionamento interpessoal entre os habitantes de um determinado grupo social, levando a questões relacionadas não só a atitudes e a comportamentos, mas à questão linguística. Aquino (2008), examinando as atividades do ponto de vista linguístico-discursivo, explica que compreender o fenômeno da cortesia e descortesia que os interlocutores desenvolvem pode ser de grande valia. Deve-se visualizar a cortesia como reguladora da interação.

Leite (2008) apresenta a ideia de que, quando uma norma social relacionada ao comportamento esperado existe, com ela vem uma obrigatoriedade de utilização da referida norma. Sua quebra e seu descumprimento fazem com que o indivíduo sofra as consequências dessa quebra, que a autora chama de "sanção". Ela aponta uma punição indireta, mas o que possui grande força seria o julgamento negativo da

sociedade. Quando, por algum motivo, o comportamento das pessoas se desvia das regras sociais, elas são julgadas, e sua atitude repudiada por descumprir as regras do convívio agradável e bom entre as pessoas.

Kerbrat-Orecchioni (2006) nomeia a cortesia como polidez e diz que esse elemento é de interesse da Linguística e da Pragmática, uma vez que, para fazer uma análise eficiente da interação verbal e como ocorrem as trocas comunicativas, é imprescindível considerar e observar alguns aspectos da polidez ou cortesia. A autora coloca que a observância ou não desses princípios exerce influência marcante na construção dos enunciados, pois “a polidez é um fenômeno linguisticamente pertinente” (KERBRAT- ORECCHIONI, 2006, p.77).

A comunicação e interação verbal dependem da utilização da polidez também nomeada cortesia para se efetivar satisfatoriamente. Visualiza-se que o ponto alto dessa relação é o acordo que deve ocorrer entre os participantes da interação. A polidez é de grande importância em uma conversação, seja ela face a face ou a distância, seja ela espontânea ou mais formal, previamente pensada. É exemplo o gênero entrevista, que focaliza este estudo, de forma mais específica a entrevista televisiva.

Ao apontar a noção de face, Kerbrat-Orecchioni (2006) destaca que as pessoas possuem duas faces: a face positiva e a negativa. Em uma situação interativa, essas faces tornam-se quatro, uma vez que locutor e interlocutor possuem, de maneira individual, duas faces. Se locutor possui a face positiva e a negativa; seu interlocutor também as possui; então se justifica a presença das quatro faces.

Fazendo uso dessa ideia, é possível dividir os atos de fala em quatro categorias descritas por Kerbrat-Orecchioni (2006), como atos de fala que ameaçam a face negativa do emissor que seria prejudicar seu próprio território. Há também a segunda categoria que são os atos que ameaçam a face positiva do emissor, que seriam todos os atos que degradam a si mesmo como se desculpar ou confessar algo que o desmerece.

Existem ainda os atos que ameaçam a face negativa do receptor que seriam as inadequações e agressividades sonoras, gestuais e visuais, como, por exemplo, as perguntas invasivas e indiscretas e os contatos corporais que invadem a

proxêmica<sup>4</sup>, entre outros. E, por fim, têm-se os atos que ameaçam a face positiva do receptor que são a discordância, a crítica que visa a reprovar e insultar o outro, o injuriar e até mesmo fazer chacota do outro.

Kerbrat-Orecchioni (2006) ainda esclarece o que seria a polidez positiva e como se efetiva na prática: seria o emprego não da ameaça e sim da antiameaça. Seria, de forma simples, entrar em acordo, elogiar, agradecer e convidar, dar boas-vindas e assim sucessivamente; dito de outra forma, seria a suavidade de alguns comportamentos considerados ameaçadores. No aspecto interativo, a polidez significa, na prática, o respeito ao território do outro, significa demonstrar algum interesse pelo seu interlocutor e enaltecer sua face positiva através do elogio e do ato de lhe ser disponível e atento.

O exemplo 10 consta de um fragmento do *corpus* da pesquisa e evidencia traços da polidez positiva. É possível visualizar a entrevistadora (E1) elogiando o entrevistado (E2), o que seria uma das propostas da polidez positiva que foi postulada de forma explícita. O fragmento mostra como ocorre a interação no momento de apresentar o entrevistado, pois a entrevistadora o apresenta de forma elogiosa e amistosa.

**Exemplo 10 – A cortesia verbal na entrevista**

**E1:** “quanto maior for o obstáculo... maior a glória de tê-lo superado”... Muillier o dramaturgo francês disse isso e eu achei perfeito pra apresentar meu convidado de hoje... o advogado piauiense E2... que tem uma história de vida extraordinária... filho de um pedreiro e de uma catadora de castanhas ele conseguiu realizar o seu sonho... e formar-se em direito... Ismael ficou conhecido pela mídia ao revelar como soube enfrentar seus obstáculos ((sempre de frente para a câmera)) ((vídeo com o perfil de E2))... E2... vou fazer uma declaração pública aqui... eu acho voCÊ e a sua história de vida... de uma chi::queria infinita  
**E2:** ((faz reverência com a cabeça))

**E1:** sabe... eu sempre:: fui um pouco cismada com o conceito do quê que é chique o que não é... chi::que pra mim... é você e a sua história de vida e os seus resultados num país que de repen::te tá aqui... atrapalhado ((mexe as mãos como se mistura-se algo)) a população toda atrapalhada como os seus ídolos de barro... com minti::ras com robalei::ras com comrrupçã::o ((raspa a palma da mão esquerda com o dedo indicador da mão direita como se estivesse a contar))... nós todos perdidos e aparece um ser humano como você... com a sua história de vida com o seu otimismo nessa tão pouca idade...

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2018).

<sup>4</sup>Proxêmica: uso do espaço, estudo da distância física entre os indivíduos, que influencia a comunicação. O antropólogo Edward T. Hall (1914-2009) definiu quatro distâncias: íntima, pessoal, social e pública. Distância íntima pressupõe uma aproximação de até 40 cm, A distância pessoal é de cerca de 1,25 m. A distância social caracteriza-se por um relacionamento impessoal e pode ir até 3,60 m, A distância pública excede os 3,60 m, obrigando quem comunica a se exprimir em voz alta.

Como é possível notar, a entrevistadora utiliza a palavra “extraordinária” em referência à história de vida de seu entrevistado. Fala que sua história define o conceito do que é chique, conceito esse que, segundo ela, não se aplica a qualquer situação, ainda que lhe cause uma certa relutância em utilizar, mas que na situação de vida de seu entrevistado se aplica com eficácia. Tais palavras mostram o caráter elogioso e amistoso da entrevista e permitem ver na prática os conceitos sobre cortesia ou polidez apresentados ao longo desta pesquisa.

As categorias explicitadas e exemplificadas, bem como a compreensão a respeito dos gêneros textuais e a ideia de que a entrevista televisiva é um gênero midiático que se pauta principalmente com a presença do par adjacente pergunta/resposta, tudo isso amplia o entendimento a respeito da interação conversacional, bem como para que se possa situar a cortesia verbal como fator determinante em uma conversa e saber da sua valoração, uma vez que, ser cortês, é também ser civilizado, o que é importante no dia a dia, especialmente no mundo atual.

## **4 QUESTÕES METODOLÓGICAS E ANÁLISE DO *CORPUS***

A metodologia deste trabalho é de natureza qualitativa, cujas pistas teóricas apontam para os estudos conversacionais, a partir de dados verbais que foram coletados, transcritos e analisados. Assim, a pesquisa qualitativa sistematiza conhecimentos, coloca em destaque a informação, descreve dados de forma processual, possibilita uma análise flexível e subjetiva do fenômeno e enfatiza a qualidade em vez da quantidade. A Análise da Conversação estuda, de forma qualitativa e pragmática, as interações sociais humanas, desenvolvendo, portanto, um estudo empírico dos métodos que os integrantes de uma sociedade utilizam para se comunicar ou conversar.

### **4.1 Etapas da pesquisa em Análise da Conversação**

A Análise da Conversação pertence a uma área da Linguística que estuda as questões discursivas da linguagem e, por essa razão, apresenta uma base metodológica que busca ajudar o analista a lidar com os dados de sua pesquisa. De acordo com Cestero Mancera (2000), os estudos na área conversacional se realizam por meio da análise de dados reais e palpáveis relacionados ao emprego da língua.

Cestero Mancera (2000) aponta ainda que do ponto de vista metodológico as pesquisas conversacionais ocorrem seguindo uma sequência; acontecem por meio de etapas. A primeira etapa é a coleta de dados; a segunda, refere-se à transcrição criteriosa e detalhada dos dados colhidos na primeira etapa. Essa transcrição se efetiva através das gravações das interações conversacionais em áudio, vídeo ou ambos; a terceira etapa consiste em fazer uma análise dos dados que outrora foram coletados e transcritos; a quarta etapa aponta para a apresentação dos resultados (CESTERO MANCERA, (2000).

A pesquisa em foco utilizou de forma prática as quatro etapas acima elencadas. Em um primeiro momento, realizou-se a coleta de dados, em que se fez uso de oito entrevistas televisivas de um programa de circulação nacional. Após ouvir o áudio e ver o vídeo repetidas vezes, foi realizada a transcrição minuciosa dos dados. As outras duas etapas também aconteceram gradativamente: os dados

coletados e transcritos foram analisados, e os resultados obtidos foram apresentados.

Em sua tese de doutorado, Oliveira (2012) salienta que a análise de elementos conversacionais se revela um fenômeno de “caráter estrutural”, pois se trata da organização sistemática da fala, efetivada pela alternância de turnos. É nesse intercâmbio que a construção interativa dos turnos sinaliza fatores linguísticos e não linguísticos presentes na conversação.

Analisar os dados representou uma etapa de grande relevância, pois significou extrair e interpretar características e categorias conversacionais presentes na interação televisiva. Visualiza-se também que, por se tratar de uma interação, a entrevista apresenta uma carga de subjetividade. No entanto, foram visualizados e colhidos dados objetivos, uma vez que a entrevista representa uma conversa com um nível de exigência e organização prévias.

## **4.2 A pesquisa qualitativa**

Acerca da pesquisa qualitativa, Flick (2009, p.21) enfatiza: “a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida”. As expressões-chave para esta pluralização são a crescente “individualização das formas de vida e dos padrões biográficos” e a dissolução de “velhas” desigualdades sociais dentro da nova diversidade de ambientes, subculturas, estilos e formas de vida.

Essa pluralização exige uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões. A pesquisa qualitativa é diferente da quantitativa; para sua realização, é necessário escolher adequadamente os métodos, as teorias; reconhecer e analisar diferentes perspectivas; refletir e entender que as pesquisas representam parte do processo de produção do conhecimento.

Este trabalho utiliza um *corpus* formado por entrevistas televisivas que foram gravadas e transcritas de um programa de televisão de rede nacional. Tais entrevistas são de domínio público e estão disponíveis para gravação apenas para assinantes do canal fechado. O *corpus* é formado por oito entrevistas que foram gravadas no período de dois meses consecutivos, a saber: os meses de novembro e dezembro de 2015.



As referidas entrevistas apresentam entre 45 a 47 minutos de duração. Cada entrevista foi transcrita através das regras de Marcuschi (2003)<sup>5</sup>. Escolheu-se a entrevista televisiva por ser um gênero em que o discurso é recorrente ao aparecimento dos pares adjacentes, podendo serem visualizados os turnos, seus tipos e suas variações.

Em se tratando do ato de transcrever, Marcuschi (2010a) diz que transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados. Afirma que, no caminho da transcrição, ocorrem diversas mudanças; no entanto, tais mudanças não podem interferir na natureza do discurso produzido do ponto de vista da linguagem e do conteúdo. O discurso precisa ser preservado e seu sentido original mantido, e essa característica deve ser buscada veementemente.

Por ser uma pesquisa de natureza qualitativa, Flick (2004) propõe que essa modalidade de estudo vem se ampliando e se estabelecendo nas ciências humanas e no ambiente acadêmico como um todo. Não é apenas a pesquisa qualitativa que se amplia na academia, amplia-se também a variedade de métodos que se tornam disponíveis e se distinguem também em seus propósitos e enunciados.

A relevância dessa tipologia de pesquisa se define a partir da ideia de que estudar as relações sociais é importante para a compreensão da vida em seu aspecto plural. A vida social é amplamente variada. Diante dessa infinidade de situações sociais, faz-se necessário um olhar mais subjetivo, mais dotado de sentimento e um estudo em que apresente um empirismo ou um conhecimento mais voltado para a prática do que para a teoria. O autor coloca, ainda, que existe a aplicabilidade da teoria na práxis da pesquisa, no fazer ciência, haja vista toda pesquisa qualitativa se faz com elementos empíricos e com a adequação de ideias aos procedimentos investigativos. Há frequentemente novidades contextuais que podem tornar-se novos conhecimentos.

Flick (2004) também comenta que, por vezes, o conhecimento e as descobertas não apresentam um caráter prático ou aplicado ao dia a dia; isso ocorre por se prender muito a questões metodológicas padronizadas e esquecer a realidade social. Porém, o autor reconhece que o pesquisador normalmente imprime na pesquisa sua identidade. Ele menciona isso ao dizer:

---

<sup>5</sup> Ver anexo I.

Apesar de todos os controles metodológicos, a pesquisa e suas descobertas são inevitavelmente influenciadas pelos interesses e pelas formações social e cultural dos envolvidos. Tais fatores influenciam a formulação das questões e hipóteses da pesquisa, assim como a interpretação de dados e relações (FLICK, 2004, p. 19).

Embora o pesquisador imprima a sua marca na pesquisa pelo fato de propor questionamentos e hipóteses direcionadas a sua experiência e realidade, há que se utilizar uma metodologia que o ajude a desenvolver esta referida pesquisa, enfocando uma análise social da interação conversacional, uma vez que se infere aspecto social da interação, por se tratar da presença de mais de um indivíduo, o que descarta o caráter individual e propõe o aspecto plural.

Minayo (1998) propõe que o trabalho acadêmico seja bifurcado sempre, seguindo dois direcionamentos: na primeira direção, constrói teorias, procedimentos, técnicas e encontra resultados; e, por outro lado, cria, valida, confirma seu caminho, deixa de lado certas direções e busca outras vias. No entanto, nesse caminhar, os pesquisadores consentem em aceitar padrões e fatores históricos. Apresentam de maneira humilde a ideia que praticamente todo o conhecimento é fruto de construção e está em constante aprimoramento.

A autora ainda aborda o que significa metodologia, ao dizer que é o percurso que faz o pensamento; é a aplicação de uma determinada prática, que foi exercida, abordando a realidade. É por esse motivo que se pode entender que a metodologia apresenta uma posição de destaque e se insere dentro das teorias e se refere a essas mesmas teorias. Dito com outras palavras, a metodologia contempla técnicas e concepções teóricas que, unidas e atreladas à competência criativa do pesquisador, possibilitam a construção da realidade.

Minayo (1998, p. 16) corrobora com essa ideia, ao dizer:

Enquanto abrangência de concepções teóricas de abordagem, a teoria e a metodologia caminham juntas, intrincavelmente inseparáveis. Enquanto conjunto de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática.

Como a autora aborda, teoria e metodologia andam lado a lado, imbricam-se, o método é o princípio vital da teoria. Entretanto, não se dispensa, em hipótese

nenhuma, a criatividade do pesquisador; ela é tão importante que a autora apresenta essa qualidade como a característica dos seres humanos.

A teoria é posta em foco, no sentido que ela é edificada com a finalidade de explicitar um fenômeno, ou vários e por apresentar caráter abstrato; a teoria possui domínio empírico. É por isso que se pode dizer: não existe teoria que consiga explicar todos os fenômenos, sendo possível fazer recortes de elementos significativos da realidade e tentar explicá-los. Teoria é efetivamente fazer uso de certas informações como um modelo organizado da realidade que dificilmente contemplará todas as variáveis da referida realidade em uma investigação. É por isso que a utilização de vários autores possibilita que uma pesquisa científica aborde aspectos diversificados que o tema alvo de investigação suscita.

Minayo (1998) aponta o que significa teoria quando expõe que é utilizar um determinado conhecimento de forma organizada em uma referida investigação científica, de posse de tal organização, com proposições. É possível a obtenção de dados para analisá-los como conceitos que ampliam o sentido apresentado. Proposições são descritas como afirmações a respeito de um determinado fenômeno.

Há também um importante direcionamento para que se realizem pesquisas em uma perspectiva de AC que seria fazer uma análise das situações e interações naturalísticas. Nesse sentido, os materiais utilizados pela Análise da Conversação não advêm de dados coletados, de forma artificial ou ensaiada, e sim de forma natural, ou ainda através da análise de situações práticas, que ocorrem no cotidiano. Enfatizando essa ideia, Heritage & Atkinson (1984) destacam que fazer uso dos aspectos naturalísticos significa esclarecer que o objetivo de quem faz a análise não é manipular, selecionar ou reconstruir os dados pesquisados, e sim fazer uso desses dados da forma como foram propostos, conservando o máximo de originalidade da interação.

O objetivo central de pesquisas em Análise da Conversa é a descrição e a explicação das competências que os falantes comuns usam e de que se valem para participar de interações inteligíveis e socialmente organizadas. Em sua forma mais básica, esse objetivo é descrever os procedimentos por meio dos quais os participantes produzem seus próprios comportamentos e entendimentos e por meio dos quais lidam com o comportamento dos outros. Uma concepção básica é a proposta de Garfinkel (1967: 1) de que essas atividades - produzir comportamento e entendimento e lidar com isso - são realizadas como produtos de um conjunto de procedimentos passíveis de serem explicados (HERITAGE; ATKINSON, 1984, p. 1).

A melhor forma de coletar informações naturalísticas é por meio de gravações das entrevistas e conversações de quem está participando das interações. Essas falas ou conversas podem ser gravadas em áudio ou em vídeo ou em ambos. No entanto, isso não significa que tais dados coletados pela Análise da Conversação sejam dados completamente puros ou genuínos no sentido de impor que não são influenciados de maneira alguma no período ou momento em que foram coletados. O que se destaca é a questão do caráter abstrato do ser humano, o qual se insere na vida do pesquisador a partir do momento quando ele se dispõe a gravar as conversas que se tornarão elementos de sua pesquisa.

Uma maneira encontrada por grande parte dos pesquisadores é o descarte das gravações iniciais (obviamente se houver tal possibilidade), conferindo assim aos interactantes mais naturalidade em suas falas; o locutor vai se adaptando, acostumando-se ao fato de que sua fala está sendo gravada e, com isso, vão readquirindo a espontaneidade quase ao nível de uma conversa informal

As pessoas que participam da interação gravada, com o passar do tempo, vão se acostumando com as câmeras e microfones e chega um momento quando a presença desses recursos deixa de ser percebida, e a conversa ou entrevista passa a ter uma naturalidade cada vez maior. Outro elemento que merece atenção por sua importância nos estudos conversacionais refere-se às transcrições das interações que foram gravadas.

A relevância das transcrições para os estudos conversacionais é uma realidade e não se efetiva apenas pelo ato de tornar o texto oral em escrito. A transcrição ocorre fazendo uso de regras e sinais que permitem uma análise mais profunda e importante como as pausas, as sobreposições, as hesitações e até mesmo a entonação podem ser transcritas, o que favorece a análise e os resultados.

Outro fator a ser considerado, do ponto de vista metodológico, é que qualquer seleção que se faz do *corpus*, bem como qualquer análise, faz-se considerando a intuição e com base em concepções teóricas do pesquisador, mas essa ideia se amplia ao se considerar que tal situação ocorre e se efetiva tanto na coleta de dados, quanto no estabelecimento das relações entre os aspectos linguísticos a serem analisados.

O método empírico-indutivo também se aplica a esta pesquisa, pois apresenta em si a fluidez e a imprevisibilidade que são reais na língua falada. Assim se fazem necessários recursos metodológicos que comportem os fenômenos peculiares à

oralidade. São funções do analista a criação e recriação frequente de categorias que se relacionem com o objeto do estudo de forma realística, já que os fenômenos, que caracterizam a língua falada com mais proximidade, tem correspondência direta e imediata com o contexto.

Galembeck (1999) apresenta a ideia de que qualquer estudo empírico de uma língua apresenta uma precisão metodológica mais latente que um estudo não empírico. “O enfoque funcionalista é empírico e mais rigoroso do que um enfoque baseado exclusivamente em intuições” (GALEMBECK, 1999, p.11).

O estudo empírico ajuda a demonstrar que existem certos fenômenos na língua falada que não são alcançados pela formalização. Dessa forma, formulam-se hipóteses que não representam apenas meras intuições, representam aspectos baseados em dados reais encontrados e extraídos do *corpus*.

Marcuschi (2003) informa que a metodologia básica utilizada nos estudos conversacionais tem sua origem pautada em pensamentos indutivos, uma vez que nem sempre existem modelos a serem seguidos. Como o procedimento de análise se dá por indução, tomam-se, como ponto de partida, dados empíricos em situações reais. Esse aspecto do empirismo confere à Análise da Conversação uma vocação naturalística que foi descrita, deixando de lado análises quantitativas, o que prevalece e predomina, então, é o aspecto e as interpretações qualitativas utilizadas nesta pesquisa (GALEMBECK, 1999).

#### **4.3 Análise do *corpus***

Tomando por base pontuações de Oliveira (2008), define-se o que significa momentos interativos como contextos comunicativos, que proporcionam o estabelecimento da interação entre os participantes, nas entrevistas televisivas, o entrevistador e o entrevistado. Essa interação objetiva estabelecer sentidos, que se apresentam a partir da explicitação do conteúdo.

A tabela abaixo apresenta as categorias conversacionais que propiciaram a análise dos momentos interativos. Salienta-se que as análises não seguiram a sequência de categorias descritas nela. Também é possível observar que cada momento interativo apresenta uma e/ou outra categoria proposta, havendo uma flexibilização.

Tabela 1 – Categorias de análise presentes nos momentos interativos

Categorias de análise	Principais teóricos	Exemplos
Alternância de turnos	Marcuschi (2003); Fávero, Andrade & Aquino (2006); Kerbrat-Orecchioni (2006).	Par Pergunta-Resposta: E1: pergunta; E2: responde. <b>Exemplo:</b> <i>E1: quer dizer pela lei da probabilidade... então... até temos baixo índice de câncer?</i> <i>E2: é... existe até uma fórmula matemática [pra isso se você me permitir</i>
Pares adjacentes e suas tipologias	Marcuschi (2003); Fávero, Andrade & Aquino (2006); Kerbrat-Orecchioni (2006); Urbano <i>et al.</i> (2002).	Presença de turnos emparelhados, conforme exemplo anterior.
Simetria/assimetria	Galembeck (1999); Santos (1999); Marcuschi (2003); Fávero, Andrade & Aquino (2012); Kerbrat-Orecchioni (2006).	A fala de E2 aparece assimétrica em relação à fala de E1. <b>Exemplo:</b> <i>E2: e Hipócrates fez uma teoria sobre a formação do câncer</i> <i>E1: hum</i> <i>E2: e ele notou aquele crescimento estranho que o câncer tem nos órgãos normais... parece um caranguejo... então ele chamou de câncer... câncer vem do grego caranguejo</i> <i>E1: hum</i>
Cortesia/descortesia	Fávero, Andrade & Aquino (2006); Kerbrat-Orecchioni (2006); Aquino (2008); Leite (2008).	<b>Exemplo de cortesia:</b> <i>E1: “sabedoria é saber o que fazer... habilidade é co::mo fazer... virtude é fazer” o cientista e escritor americano de nome David Starr Jordan foi quem disse isso... e eu achei perfeito pra apresentar o meu convidado de hoje um homem de excelência... o médico oncologista E2... [...].</i> <b>Exemplo de descortesia:</b> <i>E1: mas você éh:: entende de que uma pessoa... por exemplo... que escolheu ser ateia na vida... pode chegar a algum lugar também? ou você é radical religioso radical?...</i> <i>E2: olhe... eu não sou radical religioso mas também éh::: tenho minhas... meu preceitos</i>
Relações de poder	Santos (1999).	A posição social de E2 instaura a relação de poder pelo fato de ser médico. Desse modo, E1 não possui domínio técnico dos conceitos da medicina. <b>Exemplo:</b> <i>E2: [...] o câncer é uma situação em que estes sistemas... que eram normais mas já deixaram de ter utilidade... são religados numa situação anômala e formam os tumores... então é muito difícil você:: evitar a formação de câncer completamente... você pode diminuir... através de hábitos prevenção etc. mas eliminar completamente é difícil</i> <i>E1: quer dizer pela lei da probabilidade... então... até temos baixo índice de câncer?</i>

Fonte: Tabela elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A seguir aparece o momento interativo 1 (parte dialogal, componente de um todo conversacional, retirado para análise, portando sentido). Tem a finalidade de mostrar como os princípios conversacionais acontecem entre entrevistadora (E1) e entrevistado (E2). Há uma tentativa de demonstrar como o tecer teórico acontece na análise da própria entrevista oral.

#### 4.2.1 Momento interativo 1

O primeiro momento interativo descreve a trajetória de um advogado do Estado do Piauí que é entrevistado em um programa de televisão por ter se tornado famoso, após homenagear os pais no dia de sua formatura. Apresentando um *Banner* que chamou atenção de todos, o rapaz tornou-se conhecido em todo o país ao expor a frase “o filho do pedreiro e da catadora de castanhas também conseguiu”. A entrevistadora (E1) tece elogios ao entrevistado (E2) devido à história de vida dele, pois nasceu de uma família extremamente humilde, venceu na vida e atualmente se tornou referência no seu estado, principalmente, por desenvolver projetos de assistência a adolescentes e jovens da mesma comunidade onde cresceu.

##### **Fragmento da entrevista**

**E1:** “quanto maior for o obstáculo... maior a glória de tê-lo superado”... Muillier o dramaturgo francês disse isso e eu achei perfeito pra apresentar meu convidado de hoje... o advogado piauiense E2... que tem uma história de vida extraordinária... filho de um pedreiro e de uma catadora de castanhas ele conseguiu realizar o seu sonho... e formar-se em direito... Ismael ficou conhecido pela mídia ao revelar como soube enfrentar seus obstáculos ((sempre de frente para a câmera)) ((vídeo com o perfil de E2))... E2... vou fazer uma declaração pública aqui... eu acho voCÊ e a sua história de vida... de uma chi::queria infinita

**E2:** ((faz reverência com a cabeça))

**E1:** sabe... eu sempre:: fui um pouco cismada com o conceito do quê que é chique o que não é... chi::que pra mim... é você e a sua história de vida e os seus resultados num país que de repen::te tá aqui... atrapalhado ((mexe as mãos como se mistura-se algo)) a população toda atrapalhada como os seus ídolos de barro... com minti::ras com robalei::ras com corrupçã::o ((raspa a palma da mão esquerda com o dedo indicador da mão direita como se estivesse a contar))... nós todos perdidos e aparece um ser humano como você... com a sua história de vida com o seu otimismo nessa tão pouca idade... você tá com quantos anos?...

**E2:** fiz 25 anos agora

**E1:** você é muito chique... conta pra mim de onde sai um E2... me conta desde o começo...

**E2:** olha eu nasci numa família humilde éh::: como bem já relatado por você... pai... pedreiro... mãe... catadora de castanhas... e desde muito cedo eu aprendi a dar valor à vida éh:::

**E1:** você nasceu em que lugar?

**E2:** nasci em Teresina mesmo... no estado do Piauí... nu::ma comunidade

carente... vivi numa comunidade carente até os quatro anos de idade depois precisamos mudar... e nessa outra comunidade também ainda mais carente já moro há 21 anos nessa comunidade... mas as raízes [estão lá

**E1:** [ainda mais carente do que a anterior?

**E2:** mais... muito mais carente que a anterior... até porque quando nós chegamos nessa comunidade éh:: não tinha desenvolvimento... não tinha nenhum crescimento... eram poucas as residências inclusive pra:: não tinham acesso de ônibus... tinha que ter acesso que a gente chama de pontão que era uma espécie de: embarcação que atravessa o rio de um lado a outro da cidade...

**E1:** você é de uma família grande pequena média? você tem irmãos?

**E2:** eu tenho uma irmã... do primeiro casamento dos meus pais... mas meus pais acabaram separando ainda muito novo...

**E1:** quantos anos você tinha?

**E2:** eu tinha 10 anos de idade...

**E1:** foi ruim pra você ou você ((balucios)) não... por necessidade não sintonizava muito nisso?

**E2:** à época foi ruim... eu acho que:: uma criança aos seu 10 anos de idade vê o seu pai se distanciar da sua mãe dentro do seu lar você ter aquela referência dentro de casa éh:: muito complicado... até porque eu era muito apegado... minha família era muito unida... hoje eu consigo compreender mais... já estou adulto... entretanto aos 10 anos de idade é muito complicado pra mente de uma criança encarar uma situação como esta

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2018).

A primeira categoria encontrada no fragmento da entrevista revela forte presença da cortesia verbal, pois a entrevistadora inicia e conduz a entrevista elogiando o entrevistado: “o advogado piauiense E2... que tem uma história de vida extraordinária”, “eu acho voCÊ e a sua história de vida... de uma chi::queria infinita”. E, de acordo com Leite (2008), as marcas de cortesia estabelecem sentido de convivência harmônica e respeitosa.

O elogio externado por E1 causou uma atitude de bem-estar em E2. No aspecto psicanalítico, a entrevistadora influencia o entrevistado para que ele se sinta valorizado. Isso é percebido pelo fato de E2 inclinar a cabeça em sinal de aprovação e de agradecimento, conforme comentário do transcritor: “((faz reverência com a cabeça))”. A posição do entrevistado envolve questões sentimentais e atitudinais (LEITE, 2008).

É nesse aspecto que Aquino (2008) salienta que a polidez, enquanto atividade linguística, funciona como um recurso interativo. É no processo de interação que a linguagem é produzida, facilitando a compreensão dos interlocutores que direcionam a discussão ao alcance de um objetivo comum propiciado pela troca comunicativa (SANTOS, 1999).

E2 também estabelece atitude cortês, ao dizer que E1 teceu muito bem os comentários a seu respeito: “olha eu nasci numa família humilde éh::: como bem já



relatado por você”. Isso lembra o que diz Kerbrat-Orecchioni (2006): a interação se torna satisfatória à medida que os participantes se envolvem e estabelecem laços de cordialidade, o que é perceptível na influência linguística denotada na entrevista, pois os interlocutores constroem seus enunciados desenvolvendo elogios mútuos.

Um aspecto preponderante em uma conversação e que também se evidencia no momento interativo 1 é o fato de que o locutor E1 e o interlocutor E2 dialogam, de forma emparelhada, as conversas são formadas por pares, que recebem o nome de pares adjacentes em virtude de sua posição contígua. Como é possível visualizar, quando E1 dirige a E2 uma pergunta e E2 apresenta de forma emparelhada a resposta, isso se efetiva. Tal situação está em consonância com o que apresenta Marcuschi (2003), ao destacar que os pares conversacionais são segmentos de dois turnos que se integram.

**Tabela 2 – Posição contígua dos pares**

Trecho da entrevista	Relação P-R
E1: você nasceu em que lugar?	Entrevistadora (P)
E2: nasci em Teresina mesmo... no estado do Piauí... nu::ma comunidade carente... vivi numa comunidade carente até os quatro anos de idade depois precisamos mudar... e nessa outra comunidade também ainda mais carente já moro há 21 anos nessa comunidade... mas as raízes [estão lá	Entrevistado (R)

Fonte: Tabela laborada pela autora da pesquisa (2018).

A entrevista realmente se dá com os princípios de comunicação conversacionais a saber: interação entre pelo menos dois falantes (MARCUSCHI, 2003), E1 e E2, nesse caso, entrevistadora e entrevistado. Percebe-se também a alternância de papéis neste momento interativo 1, assim como nas conversações em geral, o que permite inferir que, ora se exerce o papel de falante, ora de ouvinte em um contexto interativo, e assim a conversa evolui, girando sempre em torno dessa troca de funções. Visualiza-se, portanto, a ocorrência de pelo menos uma troca de falantes.

**Tabela 3 – Alternância de papéis dos falantes**

Trecho da entrevista	Interlocução	
	Locutor	Ouvinte
E1: você é de uma família grande pequena média? você tem irmãos?	E1	E2
E2: eu tenho uma irmã... do primeiro casamento dos meus pais ... mas meus pais acabaram separando ainda muito novo...	E2	E1
E1: quantos anos você tinha?	E1	E2
E2: eu tinh:a 10 anos de idade...	E2	E1

Fonte: Tabela elaborada pela autora da pesquisa (2018).

Na entrevista, é a entrevistadora quem começa a conversar, e o entrevistado reage dando continuidade e respondendo às perguntas que lhe são direcionadas. A respeito disso, Kerbrat-Orecchioni (2006) apresenta que a primeira parte do par é chamada de iniciativa e a segunda parte de reativa e ainda pode haver uma terceira parte nomeada avaliativa, que é produzida pelo primeiro falante.

O entrevistador toma a iniciativa e começa a conversa na expectativa de que o entrevistado dê continuidade à interação e tenha a reação de responder à pergunta formulada. Tal situação de fato acontece no fragmento do momento interativo 1, e a primeira parte do par, que é a pergunta, recebe a sua reação ou resposta e assim ocorre a alternância dos papéis de falante e ouvinte.

Existe uma variedade de pares adjacentes, no entanto, o par pergunta/resposta é o mais recorrente neste *corpus*, por se tratar de entrevistas que são conversas pautadas prioritariamente nesta tipologia de par. No fragmento apresentado, as perguntas são elaboradas e dirigidas pela entrevistadora que as propõe ao entrevistado, o qual se dispõe responder tais questões, de modo que a pergunta é feita, e a resposta é dada: “E1: quantos anos você tinha? E2: eu tinha 10 anos de idade”.

Nesse contexto, a comunicação fica mais fácil por estarem face a face e, assim sendo, terem a possibilidade de pedir algum esclarecimento de algo que não tenham entendido. Como quando E2 afirma que saiu de uma comunidade carente e foi morar em outra ainda mais carente, E1 fica em dúvida com a fala de E2 e pergunta novamente: “E1: [ainda mais carente do que a anterior? E2: mais... muito mais carente que a anterior...”. Através da resposta dada por E2, a dúvida é desfeita e ocorre a certeza de que a nova comunidade é mais pobre que a anterior. A primeira parte do par, a pergunta, recebe a segunda parte, ou seja, a resposta.

Com relação à troca de turnos, ela ocorre de maneira equilibrada, e destituída de falhas, pois o entrevistado exerce uma passividade latente em relação à entrevistadora. Ele se limita a responder o que lhe é perguntado; não ousa acrescentar nenhuma informação que não tenha sido perguntada; nem toma o turno sem que lhe tenha sido oferecida a palavra pela entrevistadora. Percebe-se que o entrevistado se sente intimidado pela fama e posição social da entrevistadora, o que se leva a enxergar de forma implícita as relações de poder (SANTOS, 1999).

Visualiza-se o que Marcuschi (2003) fala a respeito da alternância de turnos que deve seguir o padrão de ABAB, isso se efetiva no momento interativo 1, pois E1

fala e para; em seguida, E2 faz uso da palavra e também para; e E1 retoma a palavra e a distribui novamente a E2.

A entrevista é uma conversação mais formal pelo fato de a entrevistadora e o entrevistado terem conhecimento prévio a respeito do tópico discursivo que será elencado, embora tal interação ocorra face a face, não apresentando indícios de uma conversação espontânea e sim programada. Fica clara a interação assimétrica, pois se nota que o turno de E1 é mais longo que o de E2, assegurando assim a assimetria. A palavra está inicialmente com a entrevistadora, exercendo assim controle sobre o turno, enquanto o entrevistado aguarda pacientemente a sua oportunidade de se colocar e falar respondendo à pergunta proposta pela entrevistadora que é quem controla e distribui o turno.

**Tabela 4 – Relação assimétrica das falas**

Trecho da entrevista	Falante
<b>E1:</b> sabe... eu sempre:: fui um pouco cismada com o conceito do quê que é chique o que não é... chi::que pra mim... é você e a sua história de vida e os seus resultados num país que de repen::te tá aqui... atrapalhado ((mexe as mãos como se mistura-se algo)) a população toda atrapalhada como os seus ídolos de barro... com minti::ras com robalei::ras com comrrupçã::o ((raspa a palma da mão esquerda com o dedo indicador da mão direita como se estivesse a contar))... nós todos perdidos e aparece um ser humano como você... com a sua história de Vlda com o seu otimismo nessa tão pouca idade... você tá com quantos anos?...	Entrevistadora
<b>E2:</b> fiz 25 anos agora	Entrevistado

Fonte: Tabela elaborada pela autora da pesquisa (2018).

E1 utiliza o turno, de forma preponderante, em relação à fala de E2, e visualizam-se desta forma a assimetria e sua aplicação nesta interação. Visualiza-se mais uma vez, que E2 limita-se a responder apenas o que lhe é arguido, conferindo-lhe novamente a posição de subserviência e enfatizando a sua subalternidade em relação à entrevistadora.

**Tabela 5 - Relação simétrica das falas**

Trecho da entrevista	Falas simétricas
<b>E1:</b> você é de uma família grande pequena média? você tem irmãos?	Entrevistadora
<b>E2:</b> eu tenho uma irmã... do primeiro casamento dos meus pais... mas	Entrevistado
<b>E1:</b> quantos anos você tinha?	Entrevistadora
<b>E2:</b> eu tinh:a 10 anos de idade...	Entrevistado

Fonte: Tabela elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A questão da simetria também pode ser explicitada nas falas deste fragmento onde se observa que E1 e E2 fazem uso do turno de forma simétrica; ambos com

intervenções curtas e isso se perpetua inclusive na segunda fala de E2, objetivando responder às perguntas propostas por E1. E2 utiliza o turno de forma simétrica, o que possibilita a lembrança de que, embora a assimetria seja mais frequente por parte do entrevistador que é quem controla o turno em vez do entrevistado, neste fragmento, a situação é inversa, o que permite a conclusão de que as regras da organização conversacional apresentam uma certa flexibilidade visivelmente exposta neste contexto.

#### 4.2.2 Momento interativo 2

No momento interativo 2, a entrevistadora oferece a oportunidade ao entrevistado de narrar a sua trajetória enquanto cursava a universidade. Nessa narrativa, o entrevistado relembra e aponta as intensas dificuldades financeiras que vivenciou nesse período, inclusive o fato de ter passado muita fome por não ter recursos para se alimentar enquanto estava cursando a graduação de direito. A entrevistadora permite inclusive que o entrevistado faça uso do turno sem interrupções ou inadequações. Tal atitude constitui uma clara demonstração de cortesia verbal, uma das categorias de análise relevante neste estudo.

##### **Fragmento da entrevista**

**E1:** peraí que eu quero saber tudo muito mais ainda... eu tô entrevistando o advogado E2 que tem essa história de vida... brilhante... ele e eu voltamos logo depois do intervalo até já ((vinheta do programa))... eu continuo a conversar com o advogado piauiense E2... primeiro por que... direito por que advocacia?...

**E2:** eu não digo que é um paixão de infância eu digo que é um amor de infância... éh::: desde criança eu sempre fui muito preocupado com o social com a questão social... sempre fui muito preocupado com a questão da::: injustiça porque eu via muita injustiça acontecer na minha comunidade por ser comunidade carente... e aquilo me deixava... incomodado... sempre tive essa preocupação com o senso de ética e eu acho que isso me levou a fazer direito a querer fazer o bem ao próximo... e eu acho que isso acabou me inspirando depois a... desenvolver projetos sociais dentro da minha comunidade porque::: eu tenho essa paixão pelo próximo... o bem-estar do próximo é o é o meu bem-estar...

**E1:** bom... como você diz a sua comunidade... era longe da faculdade?

**E2:** longe da faculdade éh:::

**E1:** [que/ qual é a comunidade?

**E2:** a minha grande Santa Maria ((ri)) minha paixão éh ((gagueja)) eu me apaixono toda vez que eu falo nesse nome... porque a minha grande Santa Maria da ( ) é uma comunidade carente... que fica distante do centro da capital e fica ainda mais distante da faculdade... porque a faculdade fica na zona nobre de Teresina... fica na zona leste de Teresina... então eu tinha de pegar duas conduções pra ir e duas pra retornar

**E1:** eu já li... que você::: passava o dia sem se alimentar... é isso mesmo?

**E2:** eu chegava na::: faculdade por volta das 8 da manhã... no primeiro ano de faculdade... e ficava na biblioteca estudando até às 14h... e::: às 14 hora começava

a minha aula... e nesse intervalo eu não almoçava né?... e aí eu ia trabalhar... chegava em casa às 23 e 30 é quando eu ia comer alguma coisa... e aí certo dia me apareceu um desses anjos que Deus coloca na nossa vida que cê fica... sem entender como aquela pessoa chegou a saber como ela chegou a te interrogar por que que ela te interrogou isso... e aí ela um dia eu passando pelo corredor ela chegou pra mim e perguntou... isso uma:: a proprietária da cantina lá (da) faculdade... “quem é você?” aí eu ((faz cara de espanto)) fui me apresentar... “que você faz aqui todos os dias? a aula só é à tarde mas eu sempre te vejo aqui pela manhã”... aí eu fui explicar a ela que eu sempre ficava estudando pela manhã na biblioteca e à tarde assistia aula... e ela disse assim “poxa... e você almoça onde?” aí eu disse “não não almoço... eu como quando eu... eu almoço e janto ao mesmo tempo quando eu chego em casa... por volta das vinte e três::s vinte e três e trinta”... e aí ela disse assim pra mim “pois olhe a partir de hoje... você tem o lanche gratuito aqui na minha::/ na minha cantina... você vai lanchar... enquanto tiver e... por favor... venha todos os dias senão vou me sentir mal”... a partir daquele dia eu comecei ainda meio que sem graça né?... come/ sem entender muito também comecei a lanchar lá na cantina dela... e aí mais ou menos com um ano e meio ela começou vender almoço... e ela disse “não a partir de hoje você não lancha mais você almoça”... e aí foi acontecendo durante quatro anos do curso éh:: os últimos quatro anos de curso ela me abençoou com esse almoço diário

**E1:** venha cá ((diz rapidamente)) eu fico pensando assim ((apoia o queixo na mão direita)) desculpe eu ter a liberdade de pensamento... de chegar:: a essa questão... você podia ter... virado... uma coisa toda errada... não podia?

**E2:** ((acena positivamente com a cabeça))

**E1:** o que você acha que faz um homem como você de: FAto? o que é.. que alimentou nhm:: essa pessoa que você esse ser humano que tinha... tudo pra ah desviar e fazer (as) coisas de outra forma e: e: e que continuou sei lá? passando fome até que algué::m percebesse e o ajudasse invés de fazer alguma coisa errada pra resolver isso?

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2018).

A entrevistadora dá início ao momento interativo 2 perguntando a E2 se a comunidade onde ele morava era longe da faculdade. Essa pergunta que inicia o par adjacente pergunta/resposta é fechada. Perguntas fechadas são aquelas que objetivam respostas simples e diretas como sim ou não. Diante da indagação de E1, o entrevistado repete parte da pergunta e responde “é” que, no contexto, é sinônimo de sim, sendo a resposta esperada para essa tipologia de pergunta. A resposta “é” representa uma confirmação ou assentimento para a pergunta proposta por E1. A tabela abaixo explicita a parte da interação conversacional entre E1 e E2.

**Tabela 6 – Relação de divergência entre pergunta fechada/ resposta aberta**

Trecho da entrevista	Tipologia
<b>E1:</b> bom... como você diz a sua comunidade... era longe da faculdade?	Pergunta fechada
<b>E2:</b> longe da faculdade éh:::	Resposta fechada
<b>E1:</b> [que/ qual é a comunidade?	Pergunta fechada
<b>E2:</b> a minha grande Santa Maria ((ri)) minha paixão éh ((gagueja)) eu me apaixono toda vez que eu falo nesse nome... porque a minha grande Santa Maria da ( ) é uma comunidade carente... que fica distante do centro da capital e	Resposta aberta

fica ainda mais distante da faculdade... porque a faculdade fica na zona nobre de Teresina... fica na zona leste de Teresina... então eu tinha de pegar duas conduções pra ir e duas pra retornar	
---	--

Fonte: Tabela elaborada pela autora da pesquisa (2018).

Como é visualizada, a segunda pergunta proposta por E1 (“[que/ qual é a comunidade?”), que é uma pergunta fechada (a qual exige como resposta “sim” ou “não”), recebe como resposta (“a minha grande Santa Maria ((ri)) minha paixão éh ((gagueja)) [...] é uma comunidade carente [...] então eu tinha de pegar duas conduções pra ir e duas pra retornar”) uma informação nova e explícita, com detalhes, que não é o tipo de resposta esperada para a tipologia de pergunta. Na entrevista, esse tipo de resposta ocorre com menos frequência. Respostas com tais características, que não se limitam a um “sim” ou “não”, mas que se desenvolvem com mais elementos, dão margem para que sejam analisadas como uma resposta a uma pergunta tipicamente aberta, o que é o caso da resposta à segunda pergunta de E1.

A tabela abaixo apresenta uma pergunta entendida do ponto de vista da tipologia das perguntas, como aberta. Ao fazer uso de uma pergunta aberta, E1 explica para E2 que leu sobre ele e afirma que, em sua leitura, descobriu que o entrevistado no período universitário passava o dia sem se alimentar.

Tal informação corrobora com as palavras de Oyama (2015) ao propor que, para uma entrevista se tornar envolvente e chamar a atenção do ouvinte, é necessário que se faça uma pesquisa a respeito do entrevistado. É o que a entrevistadora afirma ter feito e, em virtude dessa pesquisa, ela procura uma confirmação para aquilo que previamente foi colhido sobre E2.

**Tabela 7 – Relação de conformidade entre pergunta aberta/ resposta aberta**

Trecho da entrevista	Tipologia
<b>E1:</b> eu já li... que você:: passava o dia sem se alimentar... é isso mesmo?	Pergunta aberta
<b>E2:</b> eu chegava na::: faculdade por volta das 8 da manhã... no primeiro ano de faculdade... e ficava na biblioteca estudando até às 14h... e::: às 14 hora começava a minha aula... e nesse intervalo eu não almoçava né?... e aí eu ia trabalhar... chegava em casa às 23 e 30 é quando eu ia comer alguma coisa... e aí certo dia me apareceu um desses anjos que Deus coloca na nossa vida que cê fica... sem entender como aquela pessoa chegou a saber como ela chegou a te interrogar por que que ela te interrogou isso... e aí ela um dia eu passando pelo corredor	Resposta aberta

ela chegou pra mim e perguntou... isso uma:: a proprietária da cantina lá (da) faculdade... “quem é você?” aí eu ((faz cara de espanto)) fui me apresentar... “que você faz aqui todos os dias? a aula só é à tarde mas eu sempre te vejo aqui pela manhã”... aí eu fui explicar a ela que eu sempre ficava estudando pela manhã na biblioteca e à tarde assistia aula... e ela disse assim “poxa... e você almoça onde?” aí eu disse “não não almoço... eu como quando eu... eu almoço e janto ao mesmo tempo quando eu chego em casa... por volta das vinte e três::s vinte e três e trinta”... e aí ela disse assim pra mim “pois olhe a partir de hoje... você tem o lanche gratuito aqui na minha::/ na minha cantina... você vai lanche... enquanto tiver e... por favor... venha todos os dias senão vou me sentir mal”... a partir daquele dia eu comecei ainda meio que sem graça né?... come/ sem entender muito também comecei a lanche lá na cantina dela... e aí mais ou menos com um ano e meio ela começou vender almoço... e ela disse “não a partir de hoje você não lanche mais você almoça”... e aí foi acontecendo durante quatro anos do curso éh:: os últimos quatro anos de curso ela me abençoou com esse almoço diário

Fonte: Tabela elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A resposta do entrevistado é aberta e também extremamente longa, o que nos remete à questão da assimetria, que está presente nesse contexto corroborando com as palavras de Fávero, Andrade & Aquino (2012), ao exporem que a assimetria ocorre quando um dos interlocutores ocupa a conversação por meio de intervenções continuadas e domínio completo do turno no qual se desenvolve o tópico ou o assunto. Nesse tipo de interação, um dos participantes só contribui com intervenções menos expressivas. A resposta, nesse caso, é considerada aberta por apresentar informações novas, situação esperada e comum em uma resposta aberta, pois a entrevistadora permite que o entrevistado faça uso do turno sem interrupções e sem haver tentativa de abreviá-lo. A situação confirma a flexibilidade das regras de interação conversacional, as quais propõem que é o entrevistador quem controla o turno e faz uso dele assimetricamente em relação ao entrevistado, que utiliza o turno de forma mais subalterna. O que se visualiza nessa fala é que a assimetria ocorre de forma contrária: o entrevistado é quem faz uso do turno de forma preponderante e não a entrevistadora. Inclusive, do ponto de vista interativo, percebe-se que a fala do entrevistado é bem mais longa que a da entrevistadora.

Visualiza-se também a cortesia verbal por parte da entrevistadora que demonstra solidarizar-se com a situação vivida pelo entrevistado. Ela também infere

e percebe que a narrativa chamaria a atenção do público e seria atraente, uma vez que, enquanto seres humanos, é comum solidarizar-se por situações de intenso sofrimento e superação. A entrevistadora de forma cortês, permite ao entrevistado narrar toda a sua história, essa ação transparece que os interesses da emissora também são priorizados, uma vez que a emissora visa à audiência. Pode-se elencar uma preocupação em manter a audiência televisiva através da permissão da entrevistadora no sentido de que o entrevistado mantenha o turno. A questão social também se faz presente como elemento motivacional para o público telespectador, que, ao enfrentar obstáculos, buscará superá-los a partir do exemplo proposto através da história do entrevistado.

A flexibilidade das regras conversacionais também se realiza na tipologia das perguntas e das respostas que podem surpreender, como no caso da pergunta fechada que obteve uma resposta aberta e, nesse caso, para uma pergunta fechada, pois o comum seria uma resposta de mesmo tipo, mas a resposta superou a expectativa da pergunta, sendo aberta e inserindo novas informações à interação.

#### 4.2.3 Momento interativo 3

No momento interativo 3, visualizam-se a entrevistadora e o entrevistado representado. Esse momento interativo apresenta um fragmento da entrevista entre um doutor, que é diretor do hospital Sírio-Libanês e do Instituto do Câncer de São Paulo, também oncologista renomado internacionalmente e muito respeitado por lutar e buscar a cura para o câncer. O câncer, sabe-se, é uma doença que ainda é responsável por um elevado número de mortes no mundo todo. O entrevistado, neste trecho, responde à entrevistadora a respeito de um medicamento novo que, segundo especulações da sociedade, seria um importante aliado na cura da doença.

##### **Fragmento da entrevista**

<b>E1:</b>	[hum
<b>E2:</b>	cada vez que a gente fala desse assunto como especialista da área... há muitas críticas... mas eu acho que é algo que tem de ser enfrentado... então vamos por partes... existem hoje um número enorme de substâncias que estão sendo desenvolvidas pra combater o câncer...
<b>E1:</b>	hum
<b>E2:</b>	elas têm fases de desenvolvimento
<b>E1:</b>	isso no mundo [imagino?
<b>E2:</b>	[no mundo
<b>E1:</b>	hum
<b>E2:</b>	em estudos clínicos... ensaios clínicos com seres humanos tem 800 moléculas



diferentes hoje... ou mais porque isso muda dia a dia a última vez que olhei eram 800 moléculas... então... a fosfoetanolamina não é um produto novo... a fosfoetanolamina por si é um incipiente utilizados em produtos de higiene nos xampus... ele é incipiente de certas drogas fitoterápicas existe uma chama ( ) que utiliza a fosfoetanolamina na sua fórmula como incipiente inerte... e houve por parte dos investigadores em São Carlos uma... adaptação desta molécula o que eles chamam de fosfoetanolamina sintética... não é a fosfoetanolamina normal há um processo encima desta... des/ deste produto... e geral algo que... na visão dos investigadores... poderia ter uso antitumoral

**E1:** hum

**E2:** antes de testar me seres humanos... ela passou por testes em linhagens celulares nas quais se mostrou positiva... houve algumas linhagens celulares que respondiam... ou seja havia uma redução no número de células cancerosas... em animais onde se implantava o tumor e se tratava os animais também houveram casos em que houveram melhora... então é um droga que apresentou parâmetro suficientes para justificarem o desenvolvimento clínico

**E1:** hum

**E2:** de cada cem... medicações que chegam nessa fase... e iniciam estudos clínicos... menos de cinco... têm comprovada atividade em seres humanos e viram produto comercial depois do seu período de desenvolvimento

**E1:** e isso dura no total mais ou menos?

**E2:** varia muito... varia de cinco a vinte anos dependo do nível de investimento do nível de interesse éh eficácia da medicação... eu só tô colocando porque ninguém discute... que eu conheça... ninguém discute o fato da fosfoetanolamina sintética ser uma molécula promissora que merece estudos futuros

**E1:** hum

**E2:** o problema começou a desandar é que invés de... depois dos estudos pré-clínicos se iniciarem os estudos primeiro em animais de grande porte... que é necessário pra saber a farmacocinética a farmacodinâmica e depois passar pro tratamento em seres humanos... por razões diversas ((dá de ombros))... não posso nem falar pelos investigadores... mas se começou a distribuir a medicação... e [é

**E2:**

[você tiveram

contato com eles? vocês tentaram? você particularmente tentou uma aproximação pra continuar esses estudos?

**E1:** vamos ser justos... na época... eu trabalhava no grupo... já era no Sírio-Linbanês o doutor Antônio Carlos Buzaid trabalhava conosco e ele havia tido contato... nós conversamos e tivemos interesse... então participamos de uma reunião... estavam além de nós os dois outros membros do centro e: o pessoal de São Carlos... nós não chegamos à: a um acordo de como desenvolver a medicação... aí eu ouço "mas por quê? largou de lado" não é assim... existe um número enorme de produtos a serem desenvolvidos... se não se encontra um acordo com esse... nós vamos desenvolver outros produtos... e imaginamos que os cientistas desenvolveriam com outras... outras parcerias... certo? isso foi em dois mil e:: nove...

**E1:** ah

**E2:** não é uma coisa recente... que eu saiba... eles também estiveram em contato com a Fiocruz e com... o INCA aparentemente eu li uma entrevista do doutor Carlos Gil Ferreira do:: Instituto Nacional do Câncer... onde ele fala terem tido contatos em 2013... então houveram contatos... por que não foi? existem desacor:dos ou visões diferentes de como desenvolver um produto... isso é um desenvolvimento conhecido...

**E1:** MAS... de cima da sua qualificação toda... você diria que ãh:: com as pesquisas... no estágio em que estão... a distribuição dessa pílulas podem ser/ essa distribuição pode ser criminosa?

**E2:** isso depende de como você visualiza... certo? existe uma coisa de formalismo e existe uma coisa mais ético-moral... se você olhar legalmente... esta/ este produto está sendo feito ou estava sendo feito fora de condições aprovadas pela vigilância sanitária ANVISA e não havia passado pelas fases de desenvolvimento usuais... então isto estava violando a lei de vigilância sanitária do país... não deveria haver/ ter havido essa distribuição... aí as pessoas ficam "mas um ente

querido teve benefício” eu não... de novo... não tô querendo entrar no mérito se a medicação pode ter algum benefício ou não podemos falar depois... mas tecnicamente violou a legislação [do país  
**E1:** [ãh  
**E2:** porque... existe... de novo... um grande número de substâncias que chegaram e chegam nesse estágio... infelizmente... é muito mais complexo você tratar um ser humano do que tratar um animal de pequeno porte [como camundongo

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2018).

Percebe-se que o fragmento do momento interativo 3 é iniciado pela entrevistadora, que utiliza apenas o marcador conversacional “hum” logo no início da interação. O uso do marcador mantém o canal de comunicação aberto. A esse respeito Kerbrat-Orecchioni (2006) aponta que, para que a interação conversacional ocorra satisfatoriamente, é necessário que os falantes se envolvam de fato, compartilhem o mesmo tópico discursivo e mantenham o canal de comunicação aberto, através da troca de turnos e dos pares conversacionais. Isso de fato ocorre na sequência conversacional analisada.

E1 permite que o entrevistado fale com grande liberdade a respeito do tópico discursivo em pauta, sem interrupções, pois não há sobreposições de vozes, nem tentativa de tomada de turno. A entrevistadora apenas mantém a sequência conversacional aberta ao usar marcadores de assentimento, não formula nenhuma pergunta e permite que o entrevistado faça uso irrestrito do turno, dominando-o.

Essa situação contraria a ideia de que, em uma entrevista televisiva, quem controla o turno é o entrevistador e, na referida interação, visualiza-se que é o entrevistado quem mantém o domínio do turno. A entrevistadora apresenta clara demonstração de cortesia verbal ao permitir que o entrevistado permaneça com o domínio do turno, cabendo-lhe apenas o papel de interagir por meio dos marcadores conversacionais que possibilitam ao entrevistado entender que ela está participando da interação e entendendo o exposto por ele. A assimetria também é uma categoria conversacional presente nesse momento interativo, corroborando com as palavras de Kerbrat-Orecchioni (2006), quando afirma que o discurso assimétrico é aquele no qual um dos participantes faz uso do turno de forma predominante em relação ao outro participante que apresenta falas curtas ou pequenas interações que, às vezes, servem apenas para demonstrar que ele está centrado e interessado no tópico que está sendo apresentado.

Salientam-se também as relações de poder na fala do entrevistado, por ele ser importante na comunidade médica e na sociedade, por ter domínio do tópico e

por haver conquistado o respeito generalizado. A associação de todos esses fatores lhe permite possuir o turno de maneira preponderante. Santos (1999) enfatiza essa ideia quando aponta que o prestígio ou a posição social ocupada por determinada pessoa são elementos que fazem com que se exerça autoridade sobre outrem, seja de forma individual ou mesmo de um grupo em relação ao outro.

Outra categoria que se faz relevante no momento interativo 3 é a questão dos pares conversacionais em posição adjacente. Eles estão presentes, mas o par predominante não é o par pergunta/resposta, que é normalmente o que predomina nas entrevistas, em geral. A entrevistadora formula apenas uma pergunta durante todo o fragmento. Percebe-se o entrevistado apresentando sucessivas respostas, e a entrevistadora está apenas acompanhando as respostas por meio dos marcadores conversacionais. O par pergunta/resposta aparece apenas uma vez em todo o fragmento. Visualiza-se esse único momento na tabela abaixo.

**Tabela 8 – Relação par pergunta/resposta**

Trecho da entrevista	Relação P-R
<p><b>E1:</b> MAS... de cima da sua qualificação toda... você diria que ãh:: com as pesquisas... no estágio em que estão... a distribuição dessa pílulas podem ser/ essa distribuição pode ser criminosa?</p> <p><b>E2:</b> isso depende de como você visualiza... certo? existe uma coisa de formalismo e existe uma coisa mais ético-moral... se você olhar legalmente... esta/ este produto está sendo feito ou estava sendo feito fora de condições aprovadas pela vigilância sanitária ANVISA e não havia passado pelas fases de desenvolvimento usuais... então isto estava violando a lei de vigilância sanitária do país... não deveria haver/ ter havido essa distribuição... aí as pessoas ficam “mas um ente querido teve benefício” eu não... de novo... não tô querendo entrar no mérito se a medicação pode ter algum benefício ou não podemos falar depois... mas tecnicamente violou a legislação [do país</p>	<p>Pergunta</p> <p>Resposta</p>

Fonte: Tabela elaborada pela autora da Pesquisa (2018).

Essa questão elencada permite novamente inferir que as regras conversacionais apresentam variações e relativa flexibilidade, e a mesma regra pode oscilar quando se modifica a situação interativa, o que deixa afirmar que cada situação interativa é dotada de particularidades e subjetividade, características tipicamente humanas e que se efetivam por se tratar de uma interação entre seres humanos.

#### 4.2.4 Momento interativo 4

O momento interativo 4 apresenta mais um fragmento da entrevista com o advogado piauiense recém-formado, que ficou famoso por homenagear os pais. Jovem e solteiro, é considerado uma pessoa exemplar, após ser exposto nas redes sociais e por algumas de suas virtudes aparecerem publicamente. Entre essas virtudes, listam-se projetos sociais de ajuda a comunidades carentes do Piauí, através dos esportes, do combate às drogas e do apoio a crianças com câncer.

Nesse contexto, o entrevistado, considerado um vencedor, apresenta algumas ideias, inclusive, a de escrever sua biografia. Este momento interativo traz uma grande carga de subjetividade por apresentar ideias individuais do entrevistado com relação às suas próprias convicções e valores.

##### **Fragmento da entrevista**

**E1:** ôh eu li... li em algum lugar também que você já pensou... ou já houve uma proposta... você já pensou em escrever uma:: ((morde os lábios)) bio[grafia precoce?

**E2:** [biografia... na verdade eu já venho escrevendo há algum tempo alguns rabiscos... eu venho colocando porque eu sempre... eu disse “meu Deus... eu acredito que eu vou ser um vencedor nessa vida... então... já vou...me antecipando escrevendo capítulos da minha vida”

**E1:** o que é um vencedor na ida?

**E2:** o que é um vencedor na vida?

**E1:** o que faz um/ uma pessoa/ de uma pessoa um vencedor?

**E2:** primeiro... colocar Deus antes de tudo o que você vai fazer... segundo... honrar seus pais... ter respeito pelo próximo... ter sempre os pés no chão... éh:: eu acho essencial... e:: eu vim escrevendo essa essa essa biografia... e:: ultimamente eu recebi uma mensagem... de alguém que chegou pra mim e disse “você tá escrevendo um biografia” a pessoa já deu até o título da biografia ((fala alegremente)) “coloque esse título” aí eu disse “não já tô escrevendo algo com o título que eu já tinha imaginado” mas o título é muito bom também...

**E1:** mas você éh:: entende de que uma pessoa... por exemplo... que escolheu ser atea na vida... pode chegar a algum lugar também? ou você é radical religioso radical?...

**E2:** olhe... eu não sou radical religioso mas também éh:: tenho minhas... meu preceitos

**E1:** nhm

**E2:** eu tenho meus preceitos... assim como o ateu tem os seus preceitos... eu estudei com um colega que era ateu... e que eu tinha um relacionamento muito bom com ele eu não era intolerante... eu acredito que... nós alcançamos vitória de acordo com o nosso mérito... isso é fato... ma::s eu costumo dizer que quando tem Deus no controle as vitórias vem/ a gente vai alcança[ndo bem mais fácil ((risos))

**E1:** [bem mais fácil ((risos))

**E2:** né?

**E1:** é ((ainda ri))

**E2:** então por isso que

**E1:** você também tá com trabalho social com crianças com câncer?

**E2:** é... na verdade assim... eu recebi um convite de uma amiga que já tem outro projeto social... e como o meu projeto ele tan/ tanto desenvolve quanto apoia outros

projetos também... a gente vai tá realizando uma festa gigantesca pras crianças com câncer

**E1:** você precisa de ajuda ou você acha que você já tem uma REde ((desenha uma espécie de círculo no ar com as mãos)) que é esse [seu jeito de se

**E2:** [((acena negativamente com a cabeça))

**E1:** constituiu e que... se entrarmos muitos mais do resto do país pode atrapalhar?...

**E2:** ajuda... é sempre bem-vinda... isso... isso é fato... hoje a gente... leva isso... com muita dificuldade... só que assim... eu vinha éh:: sempre conversando com as pessoas... “olha... falta dinheiro... mas vontade tem muita... [nós temos muita vontade”

**E1:** [então diga... existe alguma maneira de ajudar esse movimento? pode dizer [aqui

**E2:** [sim... pode nos procurar nas redes sociais... éh:: nós estaremos realizando eventos... nós realizamos eventos todas as datas comemorativas...

**E1:** procura aonde na rede social?

**E2:** pode ser no facebook.com... pode ser no meu perfil pessoal... Ismael Silva... se colocar Ismael da Silva vai aparecer um montão... mas se colocar Teresina vai chegar no Ismael Silva... que sou eu... mas também nós temos a nossa fan page que é ((aparece na tela o endereço da fan page)) éh facebook.com/JovemComVisão... porque a nossa equipe é de muitos jovens na verdade...

**E1:** querido... foi um grande prazer... eu espero nhm:... ((abre os braços)) ter tido uma audiência significativa e que e que você tenha brilhado como exemplo... e:: parabéns... queria muito que você dissesse uma frase ou um VERso... ou um diTAdo de sua preferência

**E2:**... “sem saber que era impossível ele foi lá e fez... com Deus ((aponta o dedo para os céus))... nada é impossível” ponto final

**E1:** de quem é?

**E2:** a prime/ a primeira parte da frase éh::: de um autor desconhecido... e a segunda parte da frase é uma frase que eu levo comigo sempre que é uma frase bíblica... que pra Deus nada é impossível

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2018).

O fragmento se inicia com a entrevistadora novamente afirmando que leu a respeito de seu entrevistado, característica que, de acordo com Oyama (2005), contribui para o sucesso em uma entrevista. Sem o prévio conhecimento a respeito do entrevistado, a entrevista tende a fracassar, pois alguns fatores dependem do entrevistado e outros, do entrevistador. Essa pesquisa prévia é um dos fatores que está associado ao entrevistador, que, conhecendo bem a vida e características de seu entrevistado, formulará uma entrevista mais atraente e produtiva. Essa característica se efetiva logo no início do fragmento. Na primeira parte da tabela 9, ocorre uma relativa simetria, e os turnos são relativamente curtos. O tópico em pauta é a escrita de uma biografia precoce e também o que significa ser um vencedor para o entrevistado.

**Tabela 9 – Simetria presente nos turnos**

Trecho da entrevista	Relação de simetria/assimetria
<b>E1:</b> ôh eu li... li em algum lugar também que você já pensou... ou já houve uma proposta...	Exemplo da relativa simetria dos turnos, exceto na última fala de E2, na qual se efetiva a

<p>você já pensou em escrever uma:: ((morde os lábios)) bio[grafia precoce?</p> <p><b>E2:</b> [biografia... na verdade eu já venho escrevendo há algum tempo alguns rabiscos... eu venho colocando porque eu sempre... eu disse “meu Deus... eu acredito que eu vou ser um vencedor nessa vida... então... já vou...me antecipando escrevendo capítulos da minha vida”</p> <p><b>E1:</b> o que é um vencedor na ida?</p> <p><b>E2:</b> o que é um vencedor na vida?</p> <p><b>E1:</b> o que faz um/ uma pessoa/ de uma pessoa um vencedor?</p> <p><b>E2:</b> primeiro... colocar Deus antes de tudo o que você vai fazer... segundo... honrar seus pais... ter respeito pelo próximo... ter sempre os pés no chão... éh::: eu acho essencial... e::: eu vim escrevendo essa essa essa biografia... e::: ultimamente eu recebi uma mensagem... de alguém que chegou pra mim e disse “você tá escrevendo um biografia” a pessoa já deu até o título da biografia ((fala alegremente)) “coloque esse título” aí eu disse “não já tô escrevendo algo com o título que eu já tinha imaginado” mas o título é muito bom também...</p>	<p>assimetria e presença dos tópicos elencados.</p>
---	---

Fonte: Tabela elaborada pela autora da Pesquisa (2018).

A respeito dos tópicos abordados nessa tabela, a entrevistadora apresenta duas perguntas abertas e o entrevistado confirma a normalidade da tipologia desse par adjacente, ao dar também duas respostas abertas, que se efetivam ao expor que já está escrevendo sua biografia e também quando aponta que, para ele ser um vencedor, significa priorizar a família e a Deus, todas as informações novas típicas de respostas abertas. Deixa transparecer valores religiosos: “primeiro... colocar Deus antes de tudo o que você vai fazer”. A entrevistadora, então, apresenta-lhe uma pergunta mais específica a esse respeito, mudando o tópico para a temática religiosa, consoante se observa na tabela a seguir.

**Tabela 10 – Mudança de tópico evidenciando a relação assimetria/cortesia/descortesia**

Trecho da entrevista	Relação assimetria/cortesia/descortesia
<p><b>E1:</b> mas você éh::: entende de que uma pessoa... por exemplo... que escolheu ser atea na vida... pode chegar a algum lugar também? ou você é radical religioso radical?...</p>	<p>Descortesia</p>
<p><b>E2:</b> olhe... eu não sou radical religioso mas também éh::: tenho minhas... meu preceitos</p>	<p>Cortesia</p>
<p><b>E1:</b> nhm</p>	
<p><b>E2:</b> eu tenho meus preceitos... assim como o ateu tem os seus preceitos... eu estudei com um colega que era ateu... e que eu tinha um relacionamento muito bom com ele eu não era intolerante... eu acredito que... nós alcançamos vitória de acordo com o nosso mérito... isso é fato... ma:::s eu costume dizer que quando tem</p>	<p>Assimetria</p>

<p>Deus no controle as vitórias vem/ a gente vai alcança[ndo bem mais fácil ((risos))  <b>E1:</b> [bem mais fácil ((risos))  <b>E2:</b> né?  <b>E1:</b> é ((ainda ri))  <b>E2:</b> então por isso que  <b>E1:</b> você também tá com trabalho social com crianças com câncer?  <b>E2:</b> é... na verdade assim... eu recebi um convite de uma amiga que já tem outro projeto social... e como o meu projeto ele tan/ tanto desenvolve quanto apoia outros projetos também... a gente vai tá realizando uma festa gigantesca pras crianças com câncer</p>	<p>Assimetria</p>
---	-------------------

Fonte: Tabela elaborada pela autora da Pesquisa (2018).

A tabela 10 apresenta, em seu início, a entrevistadora perguntando ao entrevistado se ele é um radical religioso. Tal pergunta apresenta um aspecto de descortesia que Kerbrat-Orecchioni (2006) chama de atos de fala que ameaçam a face negativa do receptor, os quais são as perguntas indiscretas e invasivas. No caso específico abordado no trecho da entrevista, perguntar se o entrevistado é um radical religioso se encaixa nesse tipo de pergunta indiscreta.

O entrevistado responde à pergunta, fazendo uso da cortesia (não sendo arrogante) e dizendo que não é um radical religioso, mas que tem seus preceitos: “olhe... eu não sou radical religioso mas também éh::: tenho minhas... meu preceitos”. A resposta dada foi polida e cortês. No aspecto da tipologia do par adjacente pergunta/resposta, vê-se que a pergunta fechada exige uma resposta fechada, no caso, o “não”. No entanto, E2 apresenta uma resposta aberta, ampliando a ideia do “não”, ao dizer que “mantém seus preceitos”, acrescentando informações novas ao que foi arguido, ou seja, ele possui suas próprias ideias.

A questão da simetria e da assimetria aparece na tabela 10 de forma relativa. Parte dos turnos são simétricos e parte, assimétricos. Esse aspecto foi recorrente em outros momentos interativos, embora se vislumbre que a assimetria se apresenta mais frequente neste estudo, mas também se visualizam turnos simétricos.

As relações de poder (SANTOS, 1999) também se apresentam logo no início do trecho em análise através do aspecto da descortesia por parte de E1, ao dirigir ao entrevistado uma pergunta invasiva. Infere-se, dessa maneira, que a entrevistadora se sente em posição de prestígio e *status* superior ao seu entrevistado e, por essa razão, dirige-lhe a pergunta. O entrevistado assume a sua posição subalterna e responde de forma cortês, apontando, inclusive, mais uma vez suas convicções

religiosas, ao dizer que, embora os ateus consigam ser vencedores, com Deus, o processo é mais fácil: "... mas eu costumava dizer que quando tem Deus no controle as vitórias vem/ a gente vai alcanç[ando] bem mais fácil ((risos))". Isso reitera a subjetividade, pois tal crença é um aspecto da individualidade do entrevistado, não é apresentada como uma verdade absoluta e sim como uma ideia particular.

#### 4.2.5 Momento interativo 5

O momento interativo 5 apresenta a parte inicial da entrevista com o oncologista (E2), como já exposto, em momento interativo anterior. Trata-se de um médico renomado, que ocupa posição de destaque internacional nessa área. No fragmento a seguir, o entrevistado responde a respeito de como descobriu a vocação para a medicina e conta parte de sua trajetória até se tornar médico.

##### **Fragmento da entrevista**

((vinheta de abertura do programa))

**E1:** "sabedoria é saber o que fazer... habilidade é como fazer... virtude é fazer" o cientista e escritor americano de nome David Starr Jordan foi quem disse isso... e eu achei perfeito pra apresentar o meu convidado de hoje um homem de excelência... o médico oncologista E2... para sabermos mais sobre o câncer os avanços no tratamento e as novas técnicas usadas... eu entrevisto E2 que é um dos oncologistas mais conceituados do mundo... ele é diretor geral do centro de oncologia do Hospital Sírio-Libanês e do Instituto do Câncer de São Paulo... o programa de hoje é de utilidade pública ((vídeo com um pequeno perfil de E2))... E2... você é muito jovem pra carregar toda essa... fama todo esse prestígio e essa... qualificação... você tem quantos anos ((fala rapidamente))

**E2:** 47 E1

**E1:** 47 como eu disse é muito jovem

**E2:** ((risos comedidos))

**E1:** eu posso te chamar de E2?

**E2:** por favor

**E1:** então vamos lá... E2 você começou estudar éh: ah:: medicina aos 16?

**E2:** é comecei aos 16 anos

**E1:** e por que que você escolheu a medicina? é hereditário ou não?

**E2:** interessante... na minha família eu sou o primeiro médico E1

**E1:** é?

**E2:** é... eu tenho uma prima que entrou também na mesma época... mas nós somos os primeiros a manifestar esse: esse interesse... especificamente na área médica... acho que é vocação... a medicina tem muito disso é quase como se fosse um chamado... você quer ajudar as pessoas também você quer fazer pesquisa... você quer tá na fronteira do conhecimento humano... pra quem gosta de ciência... a Medicina é um campo riquíssimo

**E1:** mas você já sabia disso antes dos 16? porque aos 16 é quando você presta exame pra entrar não é isso?

**E2:** pois é... eu tinha as minhas dúvidas E1... então eu fiz vestibular pra Direito... eu fiz vestibular pra Administração vestibular pra Medicina... aí eu passei em todos e tive que decidir ((risos))

**E1:** e aí você escolheu [pela Medicina

**E2:** [eu escolhi a Medicina até porque havia uma ideia na época



que se eu tivesse... algum tipo de... desânimo... ou resolvesse que não era o caminho certo seria mais simples tentar entrar numa das outras do que o contrário né? ((risos))  
**E1:** entendi  
**E2:** então comecei Medicina e:: realmente acabei me achando... eu gosto muito do que eu faço  
**E1:** você encontrou sua... real vocação  
**E2:** encontrei

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2018).

A primeira categoria conversacional que se observa no momento interativo 5 é cortesia com a qual a entrevistadora se refere ao entrevistado. A cortesia se torna visível logo no início do fragmento, quando E1 refere-se a E2 como um homem de “excelência”, extremamente “jovem” para a posição que ocupa, evidenciando que ele começou a sua trajetória muito cedo (com apenas 16 anos). O turno é repleto de elogios.

Após a apresentação bem polida e cortês de seu entrevistado e as constatações a respeito de sua idade e fama, E1 pergunta a respeito do motivo de E2 ter escolhido ser médico e se a medicina era hereditária. Até o momento dessa pergunta, E1 apresentou um turno assimétrico e os demais turnos simétricos e curtos, sendo o primeiro turno mais longo. Ao responder que é o primeiro médico em sua família e que a medicina não é uma profissão hereditária, E2 constrói uma resposta mais assimétrica e explica que tem uma prima que, pouco tempo depois dele, também escolheu a medicina. A questão da assimetria é uma categoria recorrente em todos os momentos interativos; já a simetria ocorre de forma menos pontual.

Com relação à troca de turnos, nota-se que, no momento interativo 5, ela ocorre de forma bem natural, não havendo hesitações ou sobreposição de vozes, e a comunicação interacional flui de forma organizada. As palavras de Kerbrat-Orecchioni (2006) apontam que o termo para essa relação é sincronização interacional. Segundo a autora, são atividades fáticas solidárias, que podem ser claramente visualizadas nas trocas de turno presentes na tabela 11.

**Tabela 11 – A sincronização interacional dos pares adjacentes**

Trecho da entrevista	Sincronização interacional
<b>E1:</b> 47 como eu disse é muito jovem	Pergunta
<b>E2:</b> ((risos comedidos))	Resposta
<b>E1:</b> eu posso te chamar de E2?	Pergunta
<b>E2:</b> por favor	Resposta
<b>E1:</b> então vamo lá... E2 você começou estudar éh: ãh:: medicina aos 16?	Pergunta
<b>E2:</b> é comecei aos 16 anos	Resposta

<b>E1:</b> e por que que você escolheu a medicina? é hereditário ou não?	Pergunta
<b>E2:</b> interessante... na minha família eu sou o primeiro médico E1	Resposta

Fonte: Tabela elaborada pela autora da Pesquisa (2018).

A constatação evidenciada na tabela coloca esse tipo de par conversacional em posição de destaque nesta pesquisa por aparecer também de forma recorrente nas entrevistas como um todo. Nota-se também que o par adjacente predominante nesse momento interativo é o par mais recorrente em entrevistas de forma generalizada que é o par pergunta/ resposta. A próxima tabela apresenta as relações de poder, que também se fazem presentes no momento interativo 5.

**Tabela 12 – As relações de poder**

Trecho da entrevista	Relação de poder
<b>E1:</b> “sabedoria é saber o que fazer... habilidade é como fazer... virtude é fazer” o cientista e escritor americano de nome David Starr Jordan foi quem disse isso... e eu achei perfeito pra apresentar o meu convidado de hoje um homem de excelência... o médico oncologista E2... para sabermos mais sobre o câncer os avanços no tratamento e as novas técnicas usadas... eu entrevisto E2 que é um dos oncologistas mais conceituados do mundo... ele é diretor geral do centro de oncologia do Hospital Sírio-Libanês e do Instituto do Câncer de São Paulo... o programa de hoje É de utilidade pública ((vídeo com um pequeno perfil de E2))... E2... você é muito jovem pra carregar toda essa... fa::ma todo esse prestí::gio e essa:: qualificação... você tem quantos anos ((fala rapidamente))	Formação acadêmica elevada Referência na área que atua Fama internacional Prestígio social <i>Status</i>

Fonte: Tabela elaborada pela autora da Pesquisa (2018).

Quando E1 apresenta a entrevista como de utilidade pública e descreve o entrevistado como alguém de elevada qualificação e prestígio, está também elencando as relações de poder. O poder transformador da temática para a sociedade, conhecer sobre o câncer de uma fonte confiável e qualificada como E2, realizará um efeito transformador na sociedade tanto no aspecto preventivo como também no sentido de buscar a cura para quem já apresenta tal patologia.

Ao apresentar E2 como alguém que adquiriu respeito, autoridade e experiência através de seus estudos e formação, E1 denota o poder que o entrevistado exerce na entrevista. Isso remete ao exposto por Santos (1999), quando elenca que o conhecimento a respeito de determinada área confere poder a quem é detentor desse conhecimento, em detrimento de quem não o possui. O

entrevistado apresenta excelente domínio do tema proposto, além de segurança ao falar sobre o tópico em evidência, o que confirma seu empoderamento.

#### 4.2.6 Momento interativo 6

No último momento interativo, a entrevistadora apresenta, mais uma vez, como entrevistado, um oncologista bastante conceituado e conhecido no mundo todo por desenvolver trabalhos voltados à cura do câncer. Depois de uma apresentação pautada em elogios, a apresentadora do programa de TV começa a entrevista, buscando extrair do entrevistado a informação sobre o que seria a oncologia na medicina, já que muitos brasileiros conhecem a referida especialidade como cancerologia.

##### **Fragmento da entrevista**

**E1:** oh E2 o que quer dizer oncô?... de onde vem o on::co que classifica a oncologia é o/a:: a::: medicina ou a especialidade no can/ do câncer?... o que que é oncô?...

**E2:** e Hipócrates fez uma teoria sobre a formação do câncer

**E1:** hum

**E2:** e ele notou aquele crescimento estranho que o câncer tem nos órgãos normais... parece um caranguejo... então ele chamou de câncer... câncer vem do grego caranguejo

**E1:** hum

**E2:** agora... não é muito adequado... embora nós chamemos de câncer tá estabelecido... a raiz da palavra ela tá equivocada... porque não é um... um caranguejo... onco é tumor em grego

**E1:** ah

**E2:** então oncologia vem estudo de tumores... é um pouco mais apropriado... embora nem todos aceitem... a própria... ah::: sociedade acadêmica brasileira reconhece a cancerologia e não a oncologia... isso é até uma área de: de certa discursão acadêmica... mas a oncologia vem da raiz grega onco... então é o estudo dos tumores

**E1:** o fato de você ter me conTAdo que já havia relatos de CÂNCER... ou de doenças... semelhantes não é? no no no:: antigo Egito... e aí na na na antiga Grécia... ah vem outras vez éh::: me assegurar dess::a... dessa minha percepção de que o câncer é uma coisa que não acaba nunca... ele vai encontrando curas... mas chegam novos é isso ou não?

**E2:** um pouco disso sim E1... o problema é que o câncer... ele tá intimamente associado aos mecanismo que formam um ser vivo... eu falo ser vivo porque o câncer acomete outras espécies também... os mecanismos que levam essas células a::: enlouquecerem e proliferarem se comportarem de uma maneira errada formando o câncer... são mecanismos que... quando bem utilizados... levam à formação do ser humano... do feto

**E1:** unhum

**E2:** imagina só... a junção do esperma do pai com óvulo da mãe tem que dar um ser humano com bilhões de células como nós... então você tem que ter uma flexibilidade nestas células gigantesca... o problema é que esta evolução chega no momento e ela é desligada... por diversas razões... o câncer é uma situação em que estes sistemas... que eram normais mas já deixaram de ter utilidade... são religados numa situação anômala e formam os tumores... então é muito difícil

você:: evitar a formação de câncer completamente... você pode diminuir... através de hábitos prevenção etc. mas eliminar completamente é difícil

**E1:** quer dizer pela lei da probabilidade... então... até temos baixo índice de câncer?

**E2:** é... existe até uma fórmula matemática [pra isso se você me permitir

**E1:** [ãh... claro

**E2:** a cada dez elevado à sexta potência de:: multiplicação celular/ de divisão celular você tem uma mutação

**E1:** hum

**E2:** o nosso corpo tem um número incrível de células... então dez elevado a seis se alguém colocar é a cada um milhão de divisão celular você tem uma mutação... você acaba tendo a probabilidade de milhões e milhões de mutações... a maior parte não vão gerar nenhum problema... mas infelizmente algumas podem sim gerar formação de tumores... e existe evidência muito sólida E1 que a formação de tumores é maior do que que a gente vê... porque o organismo consegue se livrar de muitos tumores

**E1:** ah:: numa auto::defesa mesmo?

**E2:** numa autodefesa

**E1:** E2... éh::... vamos falar então de um assunto super atual só pra... começar porque eu tenho muita coisa pra te perguntar... vamo falar desse: reMÉdio anticâncer... essa Pílula que surgiu e que virou uma grande discussão na mídia recente co::m éh ((gagueja))... gerando muita gente esperanço::as outras pessoas revolta::das com a indústria farmacêutica etc. e tal... isso foi o resultado de um estudo de um processo químico que chama como? eu tenho aqui ((mexe nos papéis sobre a bancada))... que é o[:::

**E2:** [fosfoetanolamina

**E1:** fosfo... mas ele tá sendo chamado como fosfo não é [isso?

**E2:** [isso

**E1:** bom... e aí éh:: foi gerado num laboratório da Universidade de São Carlos é isso? ((aponta para E2))

**E2:** isto

**E1:** por que é... que foi vetado? por que é que ainda não foi aprovado esse remédio e me dá uma explicação muito razoável porque tem muita gente achando que de repente é a saída?

**E2:** ((respira fundo)) então vamos devagar... esse é um assunto muito delicado... porque:: as as paixões tão muito exacerbadas... e as pessoas elas começam a não querer mais discutir a parte científica começa a ser quase como religião [como fé... então temos que tomar muito cuidado...

**E1:** [hum

Fonte: *Corpus* da pesquisa (2018).

Nesse fragmento da entrevista, pode-se observar que a assimetria é evidenciada por meio do uso dos marcadores conversacionais “hum”, “ah”, “unhum”. A entrevistadora (E1) faz uma pergunta aberta, que é respondida/desenvolvida pelo entrevistado (E2). Desse modo, E1 abre espaço para que o interlocutor explique os termos da oncologia, fazendo poucas intervenções no diálogo, valendo-se dos marcadores. O oncologista trata de um tema que a entrevistadora não domina completamente, tem apenas algumas noções básicas, mas que ela tem interesse, pois o público, que está em audiência, quer ser informado a respeito da temática tão presente no cotidiano dos brasileiros.

O momento interativo 6 denota que E1 agiu com mais cortesia com esse entrevistado. O fato é visto por meio dos turnos conversacionais: enquanto nos momentos interativos 3, 5 e 6, o entrevistado desenvolve turnos mais longos, nos momentos interativos 1, 2 e 4, o entrevistado desenvolve turnos menores, conforme tabela abaixo.

**Tabela 13 – Relação de cortesia/descortesia nos momentos interativos 1 e 6**

<b>Trecho do momento interativo 1</b>
<p><b>E1:</b> “quanto maior for o obstáculo... maior a glória de tê-lo superado”... Muillier o dramaturgo francês disse isso e eu achei perfeito pra apresentar meu convidado de hoje... o advogado piauiense E2... que tem uma história de vida extraordinária... filho de um pedreiro e de uma catadora de castanhas ele conseguiu realizar o seu sonho... e formar-se em direito... Ismael ficou conhecido pela mídia ao revelar como soube enfrentar seus obstáculos ((sempre de frente para a câmera)) ((vídeo com o perfil de E2))... E2... vou fazer uma declaração pública aqui... eu acho voCÊ e a sua história de vi:da... de uma chi::queria infinita</p> <p><b>E2: ((faz reverência com a cabeça))</b></p> <p><b>E1:</b> sabe... eu sempre:: fui um pouco cismada com o conceito do quê que é chique o que não é... chi::que pra mim... é você e a sua história de vida e os seus resultados num país que de repen::te tá aqui... atrapalhado ((mexe as mãos como se mistura-se algo)) a população toda atrapalhada como os seus ídolos de barro... com minti::ras com robalei::ras com comrrupçã::o ((raspa a palma da mão esquerda com o dedo indicador da mão direita como se estivesse a contar))... nós todos perdidos e aparece um ser humano como você... com a sua história de Vlda com o seu otimismo nessa tão pouca idade... você tá com quantos anos?...</p> <p><b>E2: fiz 25 anos agora</b></p> <p><b>E1:</b> você é muito chique... conta pra mim de onde sai um E2... me conta desde o começo...</p> <p><b>E2: olha eu nasci numa família humilde éh::: como bem já relatado por você... pai... predeiro... mãe... catadora de castanhas... e desde muito cedo eu aprendi a dar valor à vida éh:::</b></p>
<b>Trecho do momento interativo 6</b>
<p><b>E1:</b> oh E2 o que quer dizer oncô?... de onde vem o on:::co que classifica a oncologia é o/a:: a::: medicina ou a especialidade no can/ do câncer?... o que que é oncô?...</p> <p><b>E2: e Hipócrites fez uma teoria sobre a formação do câncer</b></p> <p><b>E1:</b> hum</p> <p><b>E2: e ele notou aquele crescimento estranho que o câncer tem nos órgãos normais... parece um caranguejo... então ele chamou de câncer... câncer vem do grego caranguejo</b></p> <p><b>E1:</b> hum</p> <p><b>E2: agora... não é muito adequado... embora nós chamemos de câncer tá estabelecido... a raiz da palavra ela tá equivocada... porque não é um... um caranguejo... onco é tumor em grego</b></p> <p><b>E1:</b> ah</p> <p><b>E2: então oncologia vem estudo de tumores... é um pouco mais apropriado... embora nem todos aceitem... a própria... ah::: sociedade acadêmica brasileira reconhece a cancerologia e não a oncologia... isso é até uma área de: de certa discursão acadêmica... mas a oncologia vem da raiz grega onco... então é o estudo dos tumores</b></p>

Fonte: Tabela elaborada pela autora da Pesquisa (2018).

Como se verifica, a presença da assimetria ocorre nos dois momentos interativos das entrevistas já apresentados acima, entretanto, no momento interativo 6, visualiza-se mais preponderante. A entrevistadora concede ao entrevistado no momento interativo 6 muito mais a utilização e manutenção do turno, que no momento interativo 1. Uma das motivações para tal atitude pode ser inferida através de algumas considerações, a saber, o conhecimento científico do entrevistado, que

trará contribuição social imediata, além de contribuir com a audiência da emissora, na qual se ministra a entrevista, pois a temática é de interesse da grande maioria das pessoas, que, direta ou indiretamente, estão vulneráveis à patologia de que trata a entrevista.

Tais informações são relevantes para a sociedade como um todo, inclusive para a própria entrevistadora, que, embora demonstre ter lido sobre o tema e buscado algum conhecimento, não possui profundidade no assunto. Percebe-se também que a entrevistadora espera pacientemente o entrevistado concluir cada fala, não busca assumir o turno, não há sobreposições de fala no processo interacional, o que está em consonância com o que diz Marcuschi (2003), quando propõe que, em uma conversação, além da presença de dois ou mais falantes, eles devem interagir um de cada vez. Quando os dois falam ao mesmo tempo há uma inadequação.

A entrevistadora, inclusive, compactua com o discurso assimétrico invertido, pois como apontado neste estudo, o domínio do turno é exercido prioritariamente pelo entrevistador, porém, no momento interativo 6, quem tem o domínio do turno é o entrevistado. No entanto, em uma das falas de E2, observa-se que ele entende que estruturalmente a interação deva ser controlada pela entrevistadora; é tanto que, em dado momento, o entrevistado, em um gesto de cortesia verbal, pergunta se pode continuar de posse do turno, por entender que já fez seu uso de forma predominante.

**Tabela 14 – Assimetria nas falas do entrevistado e seu pedido demonstrando cortesia verbal**

Trecho da entrevista	Relação assimetria/cortesia
<p><b>E2:</b> imagina só... a junção do esperma do pai com óvulo da mãe tem que dar um ser humano com bilhões de células como nós... então você tem que ter uma flexibilidade nestas células gigantesca... o problema é que esta evolução chega no momento e ela é desligada... por diversas razões... o câncer é uma situação em que estes sistemas... que eram normais mas já deixaram de ter utilidade... são religados numa situação anômala e formam os tumores... então é muito difícil você:: evitar a formação de câncer completamente... você pode diminuir... através de hábitos prevenção etc. mas eliminar completamente é difícil</p>	Turno longo
<p><b>E1:</b> quer dizer pela lei da probabilidade... então... até temos baixo índice de câncer?</p>	Pergunta de E1
<p><b>E2:</b> é... existe até uma fórmula matemática [pra isso se você me permitir</p>	Pedido de permissão de E2 para manter o turno após uma fala anterior tão assimétrica
<p><b>E1:</b> [ãh...</p>	

claro E2: a cada dez elevado à sexta potência de:: multiplicação celular/ de divisão celular você tem uma mutação	Resposta à pergunta de E1
--	---------------------------

Fonte: Tabela elaborada pela autora da Pesquisa (2018).

Embora E1 tenha nesse momento dirigido a E2 uma pergunta, o entrevistado percebe que sua fala anterior foi tão extensa que, antes de responder à pergunta, pede assentimento a E1. A questão das relações de poder se mostra relevante no momento interativo 6, uma vez que é possível perceber que a fama, o prestígio e a posição de destaque que o médico ocupa, favorecem a atitude da entrevistadora de permitir que ele domine o turno conversacional. Essa ação corrobora com as palavras de Santos (1999), ao propor que poder é a influência que um exerce sobre o outro de forma individual ou em grupo.

Essa influência justifica-se através das palavras propostas por Santos (1999), ao dizer que o prestígio exercido pelo dominante em relação ao dominado se instaura pela posição social e/ou *status*. No caso específico dessa interação, percebe-se que é motivado pelo prestígio que o médico exerce na comunidade médica e na sociedade como um todo, no Brasil e no cenário internacional. Associado ao prestígio, estão o conhecimento e a segurança demonstrados por E2, ao tratar da temática em foco que é o câncer. Ao transmitir segurança em seu discurso, E2 conquista a possibilidade de manutenção do turno. Santos (1999, p.17) confirma essa ideia, quando diz: “o discurso é a condição necessária e eficaz para que o poder se instaure nas relações entre os indivíduos, membros ou grupos sociais”. O discurso do entrevistado é um reflexo de tais palavras, pois, ao se mostrar seguro em seu discurso, E2 assegura o empoderamento interativo.

Os dois momentos interativos das entrevistas instauram as relações de poder, entretanto a entrevistadora (E1) interfere nos diálogos de forma diferente. No momento interativo 1, a entrevistadora controla o turno, e a assimetria é mais recorrente por parte da entrevistadora, apenas em alguns momentos o entrevistado constrói discursos mais longos. Já no momento interativo 6, a situação é inversa, e o entrevistado apresenta um diálogo assimétrico, prioritariamente, em relação à entrevistadora.

Pode-se, portanto, associar essa questão às relações de poder, pois o prestígio do entrevistado no momento interativo 1 é bem inferior ao entrevistado no momento interativo 6. O primeiro é um advogado recém-formado que tem seu

prestígio pautado, ao tentar homenagear os pais que eram muito humildes e ao ficar famoso pela sua história de menino carente que concluiu o curso de direito. Por sua história se tornar pública, sua carreira decola. O segundo é um médico que já é renomado e famoso, já é reconhecido pelo trabalho que desempenha e também já ocupa posição de destaque, ao gerenciar o hospital sírio Libanês. Além dessas características o doutor também é especialista no assunto abordado e responde às perguntas de forma confiante, enfática e segura, o que lhe confere grande autoridade e, assim, consegue conquistar o respeito por parte da entrevistadora.

Portanto, este trabalho apresenta esses elementos como relevantes para o desempenho favorável de um entrevistado em uma entrevista. É a segurança com que responde às perguntas e o conhecimento profundo do assunto ou tema da entrevista, categorias que são valorizadas e podem garantir a utilização e a permanência do turno conversacional por parte do entrevistado, gerando uma atitude mais cortês do entrevistador para com o entrevistado.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização desta pesquisa, foi possível aprofundar os estudos a respeito da oralidade e visualizar que essa modalidade se faz relevante para uma compreensão mais ampla da língua. Observa-se também que a oralidade se relaciona aos estudos conversacionais, pois destacam a modalidade oral, em virtude das interações que ocorrem preponderantemente face a face. Os estudos conversacionais também analisam as transcrições das referidas conversações. Destaca-se o objeto desse estudo, constituído por entrevistas televisivas, observando-se que esse gênero textual se efetiva na oralidade e também pode ser circulado em revistas e jornais, na categoria escrita.

A pesquisa utilizou a contribuição de algumas teorias que foram visualizadas com os contextos práticos e sua aplicação. Dentre os teóricos que serviram de embasamento para as análises, destaca-se Kerbrat-Orecchioni (2006), que apresenta uma descrição significativa dos estudos conversacionais, elencando suas categorias de análise, explicitando-as e destacando os seguintes elementos: a questão dos turnos, da simetria e assimetria, dos pares adjacentes e da polidez (termo utilizado pela autora para indicar cortesia).

Aparecem Marcuschi (2003, 2008), ao propor a organização e estrutura conversacional e ao apresentar um panorama das categorias conversacionais, além de discorrer sobre os gêneros textuais, nos quais se enquadra a entrevista televisiva; Silveira (2005), que também elucida a questão dos gêneros textuais; e Silva (2005), ao traçar a origem dos estudos conversacionais e seu crescimento como área de investigação empírica.

Destacam-se Fávero, Andrade & Aquino (2012), que, de forma clara e centrada, discorrem a respeito da troca e manutenção de turnos, do tópico discursivo e apresentam ainda os pares adjacentes e sua importância para a própria existência da conversação. Sem a presença dos pares, a conversação não se efetiva. A esse respeito, Galembeck (1999) apresenta o turno conversacional e amplia a importância dos estudos voltados à interação propiciada por eles.

Outra contribuição relevante para as análises foram as pesquisas de Santos (1999), as quais abordam a interação nas conversas em sala de aula como formas dinâmicas, mostrando a relação professor/aluno, e as relações de poder como aspecto da dominância, em que um falante exerce o controle sobre o outro,

motivado por vários atos, que podem revelar medo ou confiança, a depender do papel social ou econômico evidenciado no momento de interlocução.

Esta pesquisa possibilitou uma busca e um estudo das categorias teóricas que foram confrontadas com os materiais colhidos, ou seja, as entrevistas veiculadas na televisão. Tais entrevistas foram transcritas por meio dos vídeos. Após minuciosa transcrição, realizou-se a análise das categorias conversacionais elencadas na pesquisa, assim sendo, houve a possibilidade de contrapor teoria e prática.

Os estudos conversacionais se fazem presentes na pesquisa através das categorias analisadas nas entrevistas, tornando possível a observação da interação entre entrevistador e entrevistado na televisão que é um meio de comunicação importante no Brasil. Os componentes interativos tornaram possível a compreensão de que a fala é um elemento relativamente planejado na entrevista oral. A existência dos aspectos interativos nos contextos dialógicos refletiu a relevância do texto conversacional pelo fato de ele apresentar estrutura e organização, constituintes importantes da conversação face a face.

Os interlocutores desse processo interativo são entrevistador e entrevistado que se encontram por meio do espaço social que é a comunidade. Nesse espaço, acontecem os discursos e as situações que os aproximam. A função dos entrevistados não é de meros informantes, mas de ativos colaboradores que se destacam no processo comunicativo estabelecido nas entrevistas televisivas, assim como o entrevistador apresenta seu papel relevante formulando as perguntas. O público deseja ouvi-los, pois neles enxerga figuras indispensáveis do processo. Tais colocações permitem propor que esta pesquisa apresenta significativa contribuição para os estudos da oralidade no contexto social e acadêmico.

Este estudo também se faz relevante por analisar categorias conversacionais tão comuns como a troca de turnos, os pares adjacentes, a relação simetria/assimetria, os elementos de cortesia e descortesia e as relações de poder que aparecem de forma recorrente nas interações. Os elementos ajudaram no aspecto comunicativo e, nesse contexto, estabeleceu-se o novo, pois o estudo de categorias conversacionais presentes em entrevistas televisivas constitui uma área de análise inovadora.

Outro aspecto é a utilidade social das entrevistas, que apresentam a possibilidade de informação e o enriquecimento do senso crítico, mostrando a

linguagem em sua função sociointeracional, além de destacar o entretenimento possibilitado pelo programa de TV. Salienta-se também a contribuição da pesquisa para os estudos conversacionais em Alagoas, pelo fato de a modalidade oral ainda dispor de divulgação e de estudos limitados. Os estudos conversacionais se destacam nesse sentido por elencar e priorizar o estudo da oralidade que é uma importante modalidade linguística. Portanto, estudar esta temática sob essa perspectiva é de expressiva valoração.

Através das análises que se configuraram nos momentos interativos, foi possível visualizar elementos comuns no gênero entrevista e confirmar que as questões que nortearam a pesquisa foram elucidadas. Foi possível visualizar como ocorreram as trocas de turnos nas entrevistas analisadas e perceber que a assimetria esteve sempre presente, mas também se enxergaram momentos simétricos, o que remete ao fato de que entrevistas consideradas pelos teóricos como gênero predominantemente assimétrico, controlado pelo entrevistador, não se revelaram sempre assim. Essas questões são relativas e passíveis a mudanças que não comprometem ou desfiguram o gênero em questão: só o torna mais dotado de flexibilidade.

Foi possível visualizar também os pares adjacentes e de que forma eles aparecem nas entrevistas. A predominância do par adjacente pergunta/resposta se confirmou, o que contribuiu para o entendimento de que, na interação, nada é estático, mas passível de variações. Confirma-se também a importância da interação emparelhada, pois cada ação do locutor implica uma reação do interlocutor, como apontou Kerbrat-Orecchioni (2006), se não for dessa forma, se houver uma ação interativa e não houver uma reação, não se efetiva a interação.

A cortesia verbal também foi uma categoria recorrente nas entrevistas analisadas, o que remete a essa importante ferramenta da comunicação, a qual torna os homens civilizados. Chamada por Kerbrat-Orecchioni (2006) de polidez, essa categoria conversacional é agradável, inegavelmente todos gostam de ser reconhecidos e elogiados ou ainda ter em destaque sua face positiva e suas qualidades. A descortesia aparece muito pouco nas entrevistas, o que se torna positivo, pois é fato que o ser humano não aprecia expor sua face negativa.

As relações de poder, apontadas por Santos (1999), também aparecem de forma preponderante nas análises, trazendo a ideia de que a qualificação, a segurança e o prestígio, que um interactante tem sobre o outro, trazem em si uma

valoração para as suas palavras, ou seja, as palavras de alguém que possui domínio sobre um tópico ou temática e as transmite com segurança e fluidez, gerando um efeito muito mais transformador em quem ouve tais palavras, influenciando inclusive a manutenção do turno conversacional.

Perceber a oralidade como um discurso dotado de organização também foi um aspecto relevante na pesquisa, pois, como em qualquer conversação face a face, o discurso oral tem uma carga de espontaneidade, porém tal espontaneidade não compromete sua organização.

Dessa forma, o estudo das categorias de análise possibilitou visualizar o texto oral como atemporal, útil na vida humana e relativamente planejado no contexto em que se insere. Portanto, as entrevistas analisadas evidenciaram não somente as categorias conversacionais existentes, mas também a dinamicidade nos diálogos possibilitados pelo evento comunicativo.

Os resultados se direcionam para a existência de marcas conversacionais interativas que oferecem a possibilidade de organização dos turnos por meio dos pares adjacentes, imprescindíveis na conversação, do uso da cortesia e das relações de poder. Do ponto de vista teórico-metodológico foi o que se propôs pesquisar, analisar e defender nesta dissertação.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, Z. G. O. Cortesia e descortesia em debates radiofônicos – um estudo das seqüências indicativas do desacordo. In: PRETI, D. (org.). **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008, p. 355-375.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARROS, D. L. P. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p. 55-80.
- BOTELHO, J. M. **A natureza das modalidades oral e escrita**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/03.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2013.
- BRITE, B. O processo interacional. In: PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p. 55-80.
- CESTERO MANCERA, A. M. **El intercambio de habla en la conversación**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2000.
- COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- FÁVERO, L. L. O tópico discursivo. In: PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p. 55-80.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. O par dialógico pergunta-resposta. In: JUBRAN, C. S.; KOCH, I. V. (orgs.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Campinas-SP: UNICAMP, 2006. p. 133-166.
- \_\_\_\_\_. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- FIGUEIREDO, M. F.; SANTOS, M. F. O. Do rádio para a sala de aula: uma análise retórico-conversacional do gênero *spot*. In: **Revista Filologia, Linguística e Português**. São Paulo, v. 17, n. 1, jan./jun., 2015, p. 205-225.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GALEMBECK, P. T. O turno conversacional. In: PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p. 55-80.
- GARFINKEL, H. **Studies in ethnomethodology**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1967.

HERITAGE, J.; ATKINSON, M. Introduction. In: HERITAGE, J.; ATKINSON, M. **Structures of social action**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

HILGERT, J. G. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p. 55-80.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da Conversação**: princípios e métodos. Trad. Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KOZOW, L.; SILVEIRA, M. I. M. Recursos da oralidade na escrita: a linguagem das crônicas. In: SANTOS, M. F. O.; DIKSON, D.; MORAIS, E. P. **Interfaces com a Análise da Conversação**. Maceió: EDUFAL, 2014, p. 61-74.

LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 6. ed. Rio de Janeiro – São Paulo: Editora Record, 2005.

LEITE, M. Q. Cortesia e descortesia: a questão da normatividade. In: PRETI, D. (org.). **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008, p. 49-88.

LEVINSON, S. C. **Pragmática**. Trad. Luís Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010a.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.) **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010b. p. 19-38.

MEDINA, C. A. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

MELO, J. M. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. São Paulo: Editora Mantiqueira, 2003.

MELO JUNIOR, J. N. B. **Aspectos textuais e conversacionais na entrevista oral no radiojornalismo alagoano**. Dissertação de Mestrado. Orientação: Maria Francisca Oliveira Santos. Maceió: UFAL, 2016.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 9. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

MORAES, L. C. D. A sintaxe na língua falada. In: PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p. 55-80.

MORENO FERNANDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

OLIVEIRA, C. L. **O dêitico gestual como processo comunicativo no discurso interativo de sala de aula**. Dissertação de mestrado. Orientação: Maria Francisca Oliveira Santos. Maceió: UFAL, 2008.

\_\_\_\_\_. **Práticas linguístico-não verbais no discurso interativo de sala de aula**. Tese de doutorado. Orientação: Maria Francisca Oliveira Santos. Maceió: UFAL, 2012.

OYAMA, T. **A arte de entrevistar bem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

POMERANTZ, A.; FEHR, B. J. Análisis de la conversación: enfoque del estudio de la acción social como prácticas de producción de sentido. In: VAN DIJK, T. (Org.). **El discurso como interacción social**. Barcelona: Gedisa, 2000, p. 101-139.

PRETI, D. A língua falada e o diálogo literário. In: PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p. 215-228.

RODRIGUES, A. C. S. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p. 55-80.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. In: **Revista de Estudos Linguísticos Veredas**. Juiz de Fora: UFRGS, 2003. v. 7, n. 1, p. 9-73.

SANTOS, M. F. **Professor-alunos: as relações de poder**. Curitiba: HD Livros, 1999.

\_\_\_\_\_. **A interação em sala de aula**. Recife: Bagaço, 2004.

SCHNEUWL, J.; DOLZ, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, T. D. **A televisão brasileira: a comunicação institucionalizada**. Tese de doutorado. Campinas-SP: Universidade Estadual de Campinas, 2002.

SILVA, L. A. **A língua que falamos – Português: história, variação e discurso**. São Paulo: Editora Globo, 2005.

SILVEIRA, R. M. H. A entrevista na pesquisa em educação: uma arena de significados. In: COSTA, M. V. (org.) **Caminhos investigativos III: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 119-141.

SILVEIRA, M. I. M. **Análise de gênero textual: concepção sócio-retórica**. Maceió-AL: Edufal, 2005.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p. 55-80.

URBANO, H. *et al.* Perguntas e respostas na conversação. In: CASTILHO, A. T. (org.) **Gramática do Português Falado**. 3. ed. Campinas-SP: UNICAMP, 2002. vol. III, p. 75-96.



**ANEXOS**

## ANEXO A – TABELA COM AS NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

### Normas de Transcrição estabelecidas por Marcuschi<sup>6</sup> (2003)

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de palavras	( )
Hipótese do que se ouviu/dúvidas ou suposições	(hipótese)
Truncamento	/
Entonação enfática	MAIÚSCULO
Prolongamento de vogal e consoante	: ou :: ou mais
Silabação	- - -
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários do transcritor	((comentário))
Sobreposição de vozes (depois de começado o turno)	[
Falas simultâneas (no início do turno)	[[
Nomes dos entrevistados	Abreviado
Entrevistador (a)/documentador (a)/ pesquisador (a)	E1
Entrevistado (a)/Falante/Informante (participante reconhecido)	E2

<sup>6</sup> A partir do livro *Análise da Conversação*.

## ANEXO B – ENTREVISTA COM ADVOGADO

[E1 (Entrevistadora – Marília) e E2 (Entrevistado – Ismael do Nascimento Silva), sentados, conversam de frente um para outro. Entre eles, há uma espécie de bancada.]

((vinheta de abertura do programa))

E1: “quanto maior for o obstáculo... maior a glória de tê-lo superado”... Muillier o dramaturgo francês disse isso e eu achei perfeito pra apresentar meu convidado de hoje... o advogado piauiense E2... que tem uma história de vida extraordinária... filho de um pedreiro e de uma catadora de castanhas ele conseguiu realizar o seu sonho... e formar-se em direito... Ismael ficou conhecido pela mídia ao revelar como soube enfrentar seus obstáculos ((sempre de frente para a câmera)) ((vídeo com o perfil de E2))... E2... vou fazer uma declaração pública aqui... eu acho voCÊ e a sua história de vida... de uma chi::queria infinita

E2: ((faz reverência com a cabeça))

E1: sabe... eu sempre:: fui um pouco cismada com o conceito do quê que é chique o que não é... chi::que pra mim... é você e a sua história de vida e os seus resultados num país que de repen::te tá aqui... atrapalhado ((mexe as mãos como se mistura-se algo)) a população toda atrapalhada como os seus ídolos de barro... com minti::ras com robalei::ras com corrupçã::o ((raspa a palma da mão esquerda com o dedo indicador da mão direita como se estivesse a contar))... nós todos perdidos e aparece um ser humano como você... com a sua história de vida com o seu otimismo nessa tão pouca idade... você tá com quantos anos?...

E2: fiz 25 anos agora

E1: você é muito chique... conta pra mim de onde sai um E2... me conta desde o começo...

E2: olha eu nasci numa família humilde éh::: como bem já relatado por você... pai... predeiro... mãe... catadora de castanhas... e desde muito cedo eu aprendi a dar valor à vida éh:::

E1: você nasceu em que lugar?

E2: nasci em Teresina mesmo... no estado do Piauí... nu::ma comunidade carente... vivi numa comunidade carente até os quatro anos de idade depois precisamos mudar... e nessa outra comunidade também ainda mais carente já moro há 21 anos nessa comunidade... mas as raízes [estão lá

E1: [ainda mais carente do que a anterior?

E2: mais... mui:to mais carente que a anterior... até porque quando nós chegamos nessa comunidade éh::: não tinha desenvolvimento... não tinha nenhum crescimento... eram poucas as residências inclusiva pra:: não tinham acesso de ônibus... tinha que ter acesso que a gente chama de pontão que era uma espécie de: embarcação que atravessa o rio de um lado a outro da cidade...

E1: você é de uma família grande pequena média? você tem irmãos?

E2: eu tenho uma irmã... do primeiro casamento dos meus pais... mas meus pais acabaram separando ainda muito novo...

E1: quantos anos você tinha?

E2: eu tinh:a 10 anos de idade...

E1: foi ruim pra você ou você ((balbucios)) não... por necessidade não sintonizava muito nisso?

E2: à época foi ruim... eu acho que:: uma criança aos seu 10 anos de idade vê o seu pai se distanciar da sua mãe dentro do seu lar você ter aquela referência dentro de casa éh::: muito complicado... até porque eu era muito apegado... minha família era muito unida... hoje eu consigo compreender mais... já estou adulto... entretanto aos 10 anos de idade é muito complicado pra mente de uma criança encarar uma situação como esta

E1: nhm você era o pequeno você disse que tinha uma irmão mais velha...

E2: é eu tenho uma irmã mais velha... um ano mais velha do que eu...

E1: mas... dos mesmos pais?

E2: isso [dos mesmos pais

E1: [ah... depois eles se separam e você tem [irmãos de outros

E2: [e aí eu tenho... mas meu pai tem mais dois filhos... que inclusive um nasceu no dia da minha colação de grau... foram dois presentes no mesmo dia pra ele ((ri comedidamente))

E1: que bonito dia ((ri))... a sua mãe nunca mais casou?...

E2: éh::: a minha mãe tem união estável com u::m outro senhor/ um outro rapaz...

E1: bom... eu quero saber nhm::: você disse que foi difí::cil tal... mas você não foi uma criança complicada?...

**E2:** não graças a Deus nunca dei trabalho... às vezes a dificuldade que a minha mãe tinha quando eu ia... à escola... era sempre a mesma... chegava à escola os professores reclamavam “é muito esforçado é muito inteligente mas conversa demais” o meu problema [era só... a questão [da conversa mesmo

**E1:** [((risos))... [acabou isso ou você continua falador?

**E2:** eu acho que eu continuo falador ((risos))

**E1:** ((risos)) e agora vai fazer uso disso na sua profissão

**E2:** é

**E1:** você começa a trabalhar então por necessidade mesmo?

**E2:** por necessidade

**E1:** com que idade?

**E2:** aos 10 anos de idade

**E1:** o quê que você fazia?

**E2:**.... aos 10 anos de idade quando os meus pais se separam... eu me vi... na obrigação... não foi tipo minha mãe veio insistir pra eu fazer isso... eu fiz isso por livre e espontânea vontade porque eu queria ajudar no lar... eu já tinha esse desejo de ajudar... inclusive antes quando ela trabalhava como catadora de castanhas eu pedia “mãe... quero ir com a senhora” porque eu sabia que era muito difícil... mas eu sempre achei que eu tivesse força pra conseguir ajudá-la... então aos 10 anos de idade eu comecei vendendo dindin que é o que chamam de geladinho sacolé nas demais regiões do país

**E1:** ah sacolé é dindin?

**E2:** isso [lá no Piauí nós chamamos dindin...

**E1:** [ah

**E2:** e eu trabalhava no turno da manhã vendendo dindin até por volta de meio-dia e meia... aí chegava em casa almoçava rápido... e ia pra escola pra sala de aula que a aula começava às 13h... e eu ficaria.../ ficava à época muito triste quando eu voltava pra casa com algum dindin porque eu só queria voltar com o isopor vazio... a gente levava 50 dindins e [tentava vender todos

**E1:** [venha cá... você vendia dindin pelas ruas ou num ponto só?

**E2:** pelas ruas

**E1:** ah é?

**E2:** eu passava pelas ruas pela comunidade

**E1:** você vendeu outras coisas também

**E2:** vendia... a gente fez de tudo um pouco nessa vida... só não fez mexer no que é alheio na verdade que ( ) são princípios familiares que eu sigo à risca... vendi espetinho... nós vendemos milho de uma roça do meu avô que ele tinha também... trabalhei já... depois um pouquinho mais adulto numa fundação como:: agente multiplicador... aplicando oficinas de literatura de cordel... que é algo que eu era apaixonado por escrever

**E1:** você:: oh ótimo chegou onde eu queria... você começou a ler muito cedo? quem é que te passou o gosto pela leitura ou foi cordel que te puxou?

**E2:** o quê que aconteceu? quando eu ainda estava no jardim eu aprendi a ler muito cedo... inclusive não fiz alfabetização já fui pra primeira série... quando chegou na terceira série tentaram me colocar na quinta mas minha mãe já não permitiu... eu sempre fui muito apaixonado pela leitura... sempre fui muito apaixonado por::... curiosidades que dissessem respeito aos estudos... e quando eu cheguei no ensino médio quando eu tive contato com a literatura de cordel... foi quando eu consegui disse “poxa encontrei o que eu queria”... conseguia me expressar: éh: ler ainda mais... e a partir de então eu fui só tendo a certeza do que eu queria

**E1:** mas venha cá... ãh você se interessou éh sempre:: por estudos... por estuDAR por LER por conhecimento... por influência... familiAR ou por necessidade e aprendizado nas ruas vamos dizer?

**E2:** olhe... apesar de ter meu pai nhm... não ter concluído o ensino médio minha mãe no ter concluído sequer o ensino fundamental... eles foram base muito importante na minha vida... eles sempre colocaram a:: seguinte situação “filho... se você quer crescer na vida... utilize o estudo como ferramenta” essa é a principal base pra você alcançar o sucesso pra você alcançar os seus sonhos... e:: eles foram... meus grandes apoiadores... é certo que eu tinha esse desejo de aprender de estudar e curiosidade porque assim... na sala de aula eu... assistia às aulas mas me via como um professor no futuro... então eu me apaixonava ainda mais pela carreira... por tentar por quer éh realizar esse desejo também...

**E1:** você éh: escreve literatura de cordel? chegou a escrever?

**E2:** cheguei a escrever literatura de cordel éh:: consegui ainda dois prêmios... ainda no ensino médio com literatura de cordel... foi quando as portas começaram a se abrir... foi quando eu fui tomando

mais gosto ainda pela:: literatura de cordel e pela própria leitura em si de poesias e estudos... ma::s desde o ensino fundamental eu já tinha essa paixão por poesia éh:: lembro-me da da minha eterna professora me ensinando Florbela Espanca

E1: nó

E2: Camões

E1: nó

E2: então eu fui aprendendo graças a Deus durante o decorrer desses anos... a mim apaixonar cada vez mais pela leitura...

E1: você é um cara de fazer amigos ou essa: essa sede de estudos ((balbucios)) te deixou um pouco isolado?

E2: não na verdade eu sempre soube conciliar... apesar de que:: nos últimos anos minha vida social anda um pouco mais... fechada... mas eu graças a Deus tenho muitos amigos inclusive... eu me emociono porque assim... tudo o que eu tenho alcançado hoje foi graças a Deus graças à minha família e eu tive amigos maravilhosos que me ajudaram bastante nessa caminhada

E1: de que maneira?

E2: ((respira profundamente)) olhe por exemplo eu vou citar um exemplo minha turma... eu cheguei numa faculdade... em Teresina... era bolsista... pra estudar... fazer [o curso de Direito

E1: [você foi bolsista da maior faculdade/ da melhor faculdade [de direito do [estado?

E2: [de direito [do estado

E1: ãh

E2: isso... e: e:: ultimamente pelo pelo Conselho Federal da Ordem ((dos Advogados)) ela tem aparecido entre as melhores do país... e eu cheguei nu::ma/ num ambiente totalmente diferente do que eu estava acostumado... oriundo de escola pública o tempo todo... todo o meu/ os meus anos de estudo em escola pública... numa comunidade carente... que acaba criando um preconceito a gente sabe disso e sempre me alertava “ah você vai estudar num ambiente totalmente diferente”

E1: você conseguiu a bol:sa de que maneira?

E2: eu fiz o Exame Nacional do Ensino Médio... e consegui obter uma... boa média/ uma boa nota... e::: o que me credenciou a entrar na na faculdade com bolsa integral

E1: você pleiteou uma bolsa?

E2: i::sso pleiteei a bolsa

E1: nhm

E2: e consegui:: eram duas vagas e consegui passar numa dessas vagas

E1: e aí você ia dizer de seus amigos...

E2: e aí quando eu cheguei na sala de aula... eu tive que conciliar trabalho com estudos... à época tava trabalhando num clube à noite... então o quê que eu fazia? eu saia pela manhã pra faculdade... ficava na biblioteca até o horário das 14h que era quando começavam as aulas... e as 14... era a minha aula normal até às 17 e 40... eu tinha 20min pra chegar no trabalho... a minha turma

E1: o que você fazia no clube à noite?

E2: eu... era instrutor de uma modalidade esportiva

E1: BADMINTON

E2: badminton

E1: badminton é aquilo que se joga com raquete e...

E2: peteca

E1: e petequinha

E2: isso

E1: uma petequinha... você sabe que foi um brinquedo da minha infância esse?

E2: foi?

E1: não mas não era com a raquete era com

E2: era com a mão mesmo né?

E1: era com o tambo[rete

E2: [ah tá ahã

E1: com o tamborete

E2: ahã

E1: e a petequinha... era difí::cil

E2: ((risos))

E1: bom... e aí?

E2: e aí eu fui conciliando trabalho com os estudos né?

E1: e como é que o badminton entra na tua vida?

E2: o badminton entrou na minha vida ainda antes da faculdade... o que aconteceu? durante o ensino médio eu conheci o esporte... e aí eu treinava... representava o estado do Piauí nas competições...

e::: acabei/ quando eu ingressei na faculdade eu tive que dar uma diminuída uma frenanda/ uma freada no esporte porque... é muito complicado você conciliar esporte trabalho e... estudos... a ((gagueja)) ainda mais porque eu morava muito distante da faculdade... e:: respondendo à sua pergunta... quando eu encontrei os meus amigos de turma... o primeiro susto que eu tomei quando eu cheguei na sala de aula eu estava no mesmo lugar que o filho do patrão da minha mãe... quando eu... foi um choque de realidade pra mim... eu disse “como acontece uma situação como esta?”... minha mãe... trabalhando como catadora de castanhas numa fazenda... chego lá estou com o mesmo filho do fazendeiro no mesmo nível de escolaridade no mesmo/ na mesma turma... e eu fui muito bem recebido

**E1:** você sentiu intimidou? eu quero saber como é que se dá essa relação... você se intimidou na hora que viu o filho do patrão ou você falou “com licença” por dentro que seja [“com licença mas eu também tenho espaço”?

**E2:** [((E2 aparece de sorriso aberto))... de início... eu sempre fui muito pés no chão/ tive os pés no chão... de início eu fiquei um pouco assustado... na verdade eu nem o conhecia... e aí passada umas duas semanas foi que eu descobri quem ele era... durante uma aula lá de psicologia... e::: eu descobri quem que ele era e (aí) eu descobri que ele era o filho do patrão da minha mãe... aí eu fui conversar com ele nós somos muito amigos hoje... e::: a minha turma em especial/ no geral me ajudou bastante... os meus alunos/ os meus amigos se junta::ram me deram um notebook de presente... porque eles costumavam... eu tinha um notebook que eu tinha ganhado num concurso... e eu digitava as aulas... e eles brincavam que eu anotava até o boa tarde o boa noite do professor... então aconteceu que eu acabei sendo furtado numa dessas viagens do badminton numa dessas aventuras... e quando eu retornei passei umas duas semanas sem notebook e eles me deram um notebook de presente me ajudaram financeiramente

**E1:** te deram um notebook de presente principalmente porque você entregava pra eles as aulas escritas [ao final ((risos)) fala a verdade?

**E2:** [((risos))

**E1:** quer dizer [era uma colaboração mútua

**E2:** [também mas é é... também mas eu conseguia ver sinceridade no olhar deles... porque assim... ( ) já era mais ou menos no terceiro bloco do curso de direito... já tinha se passado um ano e também sempre foram muito prestativos... me ajudaram inclusive dinanceiramente quando às vezes... faltava o/ a questão da passagem... eu me emociono porque:: eles foram grande suportes... os meus professores também...

**E1:** e é com eles que você tá trabalhando agora? eles é que abriram o escritório [de advocacia?

**E2:** [escritório e me deram mais um presente... eles montaram o um escritório de advocacia na em Teresina hoje... é::: muito bem equipado... e separaram uma sala pra eu trabalhar com eles lá... estou lá com eles

**E1:** t falando que você é chique no último

**E2:** ((risos))

**E1:** peraí que eu quero saber tudo muito mais ainda... eu tô entrevistando o advogado E2 que tem essa história de vida... brilhante... ele e eu voltamos logo depois do intervalo até já ((vinheta do programa))... eu continuo a conversar com o advogado piauiense E2... primeiro por que... direito por que advocacia?...

**E2:** eu não digo que é um paixão de infância eu digo que é um amor de infância... é::: desde criança eu sempre fui muito preocupado com o social com a questão social... sempre fui muito preocupado com a questão da::: injustiça porque eu via muita injustiça acontecer na minha comunidade por ser comunidade carente... e aquilo me deixava... incomodado... sempre tive essa preocupação com o senso de ética e eu acho que isso me levou a fazer direito a querer fazer o bem ao próximo... e eu acho que isso acabou me inspirando depois a... desenvolver projetos sociais dentro da minha comunidade porque::: eu tenho essa paixão pelo próximo... o bem-estar do próximo é o é o meu bem-estar...

**E1:** bom... como você diz a sua comunidade... era longe da faculdade?

**E2:** longe da faculdade éh:::

**E1:** [que/ qual é a comunidade?

**E2:** a minha grande Santa Maria ((ri)) minha paixão éh ((gagueja)) eu me apaixono toda vez que eu falo nesse nome... porque a minha grande Santa Maria da ( ) é uma comunidade carente... que fica distante do centro da capital e fica ainda mais distante da faculdade... porque a faculdade fica na zona nobre de Teresina... fica na zona leste de Teresina... então eu tinha de pegar duas conduções pra ir e duas pra retornar

**E1:** eu já li... que você:: passava o dia sem se alimentar... é isso mesmo?

**E2:** eu chegava na::: faculdade por volta das 8 da manhã... no primeiro ano de faculdade... e ficava na biblioteca estudando até às 14h... e::: às 14 hora começava a minha aula... e nesse intervalo eu não almoçava né?... e aí eu ia trabalhar... chegava em casa às 23 e 30 é quando eu ia comer alguma coisa... e aí certo dia me apareceu um desses anjos que Deus coloca na nossa vida que cê fica... sem entender como aquela pessoa chegou a saber como ela chegou a te interrogar por que que ela te interrogou isso... e aí ela um dia eu passando pelo corredor ela chegou pra mim e perguntou... isso uma::: a proprietária da cantina lá (da) faculdade... “quem é você?” aí eu ((faz cara de espanto)) fui me apresentar... “que você faz aqui todos os dias? a aula só é à tarde mas eu sempre te vejo aqui pela manhã”... aí eu fui explicar a ela que eu sempre ficava estudando pela manhã na biblioteca e à tarde assistia aula... e ela disse assim “poxa... e você almoça onde?” aí eu disse “não não almoço... eu como quando eu... eu almoço e janto ao mesmo tempo quando eu chego em casa... por volta das vinte e três::s vinte e três e trinta”... e aí ela disse assim pra mim “pois olhe a partir de hoje... você tem o lanche gratuito aqui na minha::/ na minha cantina... você vai lanchar... enquanto tiver e... por favor... venha todos os dias senão vou me sentir mal”... a partir daquele dia eu comecei ainda meio que sem graça né?... come/ sem entender muito também comecei a lanchar lá na cantina dela... e aí mais ou menos com um ano e meio ela começou vender almoço... e ela disse “não a partir de hoje você não lancha mais você almoça”... e aí foi acontecendo durante quatro anos do curso éh:: os últimos quatro anos de curso ela me abençoou com esse almoço diário

**E1:** venha cá ((diz rapidamente)) eu fico pensando assim ((apoia o queixo na mão direita)) desculpe eu ter a liberdade de pensamento... de chegar::: a essa questão... você podia ter... virado... uma coisa toda errada... não podia?

**E2:** ((acena positivamente com a cabeça))

**E1:** o que você acha que faz um homem como você de: FAtó? o que é.. que alimentou nhm:: essa pessoa que você esse ser humano que tinha... tudo pra ah desviar e fazer (as) coisas de outra forma e: e: e que continuou sei lá? passando fome até que algué::m percebesse e o ajudasse invés de fazer alguma coisa errada pra resolver isso?

**E2:** em primeiro lugar a misericórdia de Deus... acho que [sem isso

**E1:** [você é muito religioso

**E2:** sou sou muito religioso

**E1:** qual é a sua religião?

**E2:** eu sou evangélico sou protestante

**E1:** nhm

**E2:** acho que a misericórdia de Deus foi o fato de eu não ser consumido... e os meus pais claro os meus pais são os meus heróis... mesmo que (separados) são os meus heróis... então eles foi quem me deram toda essa força... pra que eu conseguisse alcançar e pra que eu não desistisse dos meus sonhos... como você mesma colocou... eu poderia ter ido pra um caminho diferente... eu tive oportunidade pra seguir esse caminho diferente... ma:s eu tive princípios familiares que me fizeram éh:: pensar que eu poderia alcançar algo melhor... porque hoje o que eu faço... eu não tenho pretensão de ser rico... acho que isso é consequência de um determinado trabalho... mas o que eu faço hoje é simplesmente pelos meus pais e para os meus pais... éh::: eu vivo em razão deles da minha família... eu sempre coloquei na mente que eu tinha que dar o melhor pra eles... foi tão difícil passar todos esses anos... até os 10 anos com eles e dos 10 anos em diante com a figura de um pai ou de uma mãe apesar do meu pai estar ausente fisicamente ele era muito presente... faltava às vezes o apoio financeiro mais eu tinha o apoio moral... e eu acho que isso era essencial pra mim era o que eu precisava pra conseguir... alçar os voos que eu tenho alcançado... então éh::: eu sempre usei a dificuldade na verdade como um combustível... eu acho que você pode usar a dificuldade de duas formas... como um pretexto... pra desistir dos seus sonhos... acovardar-se... como uma desculpa... mas você pode usar a dificuldade como uma mola propulsora pra você alcançar os seus sonhos... e eu fiz isso... eu usei a dificuldade ao meu favor...

**E1:** você alé:::m da faculdade etc. e tal você sempre desenvolveu um trabalho comunitário foi concomitante ou veio depois quando ficou mais fácil?

**E2:** eu sempre fui muito apaixonado pela questão social e pela minha comunidade quando eu falo que acho que os olhos brilham... porque a minha comunidade é o que eu tenho... um amor muito grande... e::: eu sempre... quis desenvolver um trabalho social... e há três anos eu vinha realizando um trabalho ah::: tí::mido ah::: sem muita... mí:::dia e: eu nunca procurei isso eu sempre procurei ajudar sem necessidade de mídia... e de três anos pra cá a gente achou um nome pro projeto... sou e mais uns três quatro amigos... eu comecei a encabeçar o projeto sozinho eles vieram me ajudar... e eu sou eternamente grato a eles por isso... e a gente tem realizado um trabalho social... éh::: de auxílio e amparo às famílias carentes da comunidade à juventude... principalmente porque nós/ eu moro numa comunidade que hoje em Teresina é reconhecida pelo alto índice de criminalidade... infelizmente não

é tão comum você encontrar...é:: alunos no ensino superior em sua grande maioria na minha comunidade... minha comunidade é grande tem cerca de 140 mil habitantes... então eu me vi na necessidade eu poderia/ eu eu sempre me vi como um agente transformador... eu poderia ajudar... eu não poderia ficar esperando pelo poder público

**E1:** partindo de que exemplo de que exemplo? quando você fala “agente transformador” eu imagino que você deva ter... além de seus pais... você deve ter uns heróis aí na sua: na sua:/: no seu idealismo:: éh ou não?

**E2:** assim... alguns referenciais a gente tem na própria comunidade... eu via algumas pessoas conseguir crescer na vida... conseguir alcançar éh:: realizar seus sonhos... por meio do trabalho... por meio dos estudos... não precisava ser grandes sonhos... simplesmente por exemplo... o fato de uma pessoa alcançar o trabalho que:... ela queria que... independente de qual seja o trabalho que:... pra mim todo trabalho é digno... então... aquilo não fazia sonhar que eu também poderia alcançar o que eu tanto almejava... então isso me fez ah ah ah:::/ levar pra comunidade e durante todos esses anos os desejos que eu fui alcançando... e mostrar pra minha comunidade que eles também seriam capazes de alcançar esses sonhos...

**E1:** quando você diz “índice de criminalidade muito grande” eu já li também que você tem um trabalho específico com usuários de crack...

**E2:** é

**E1:** você pensa só nisso ou um/uma/ um outro tipo de criminalidade? [além desse

**E2:** [na verda/ não é um outro tipo éh ((gagueja))... vai éh ((gagueja)) um viés muito mais amplo... o que acontece... esse é um projeto que tá incluso dentro do nosso projeto principal... e foi um prêmio que a gente acabou ganhando lá esse ano em Teresina e foi o:: Se liga na ideia e a nossa ideia se chama Craque dez... crack zero... craque dez no sentido craque do esporte e o crack zero no sentido das drogas... e o nosso objetivo com esse projeto foi revitalizar espaços esportivos que estavam abandonados e que perderam a essência... que eram pra prática do esporte e lazer... e que infelizmente foram corrompidos pela droga pelas brigas... e inclusive pelo assassinatos dentro desse espaços... então a gente procura restaurar esses espaços... com parcerias... claro do:... do poder público... pra tentar amenizar a situação... mas nós temos outros viés... por exemplo... nesse... agora estaremos realizando nesse período algumas festas nas comunidades carentes... festa pra crian::ça... a gente tem essa preocupação também... então... nosso viés é muito amplo...

**E1:** vou fazer uma pergunta vou parecer tola mas qual é o seu lazer ou qual foi nesses anos todos?

**E2:** fazer o bem... eu me sinto bem fazer o bem... eu acho que:: não há lazer melhor não há:: algo melhor pra fazer do que:: você:: marcar uma vida... tentar transformar histórias... transformar memórias da tua comunidade... que é tão conhecida pelo índice de criminalidade que a partir de agora tá sendo conhecida por um outro viés... foi acidentalmente que eu acabei aparecendo na mídia? foi acidentalmente... eu não tinha noção que ia acontecer isso... nem passava pela minha cabeça... mas: hoje a minha comunidade eu já consigo perceber que alguns pais alguns jovens alguns adolescentes... conseguem parar pra pensar que eles são capazes de alcançar algo na vida ((encerra o turno com a voz embargada))

**E1:** quer dizer... você virou: um ser exemplar:: é isso?

**E2:** olhe... eu não gosto de me utilizar como exemplo... ma:::as eu gosto de mostrar pra eles que independente da dificuldade... é sim possível vencer... no meu estado do Piauí... nós temos inúmeros exemplos de pessoas que alcançaram vitórias... que:: são/ que nunca foram capazes de se imaginar alcançando tais vitórias... meu Piauí é cheio de::: riquezas tanto... naturais quanto de pessoas também que alcançaram vitórias... e essas pessoas... que ficaram com esse sucesso no anonimato... como eu disse éh::: acabei vindo à mídia por conta de uma:: imagem que:: caiu nas redes sociais... e acabou viralizando que nem foi eu quem postei... depois disso eu não consegui mais me manifestar nas redes sociais... por receio... porque foi fora da minha realidade e foi fora da finalidade que eu queria que era simplesmente homenagear os meus pais... então... éh:: eu fico... grato/ primeiro grato a Deus pela oportunidade... de mostrar pra eles de mostrar pra pra:: pra minha comunidade... de mostrar pro Piauí pro Nordeste... de mostrar pro Brasil... tô aproveitando a oportunidade agora... de dizer que é sim possível vencer... independente da dificuldade independente do obstáculo é possível vencer...

**E1:** é possível vencer... com dignidade[... correção...

**E2:** [((acena positivamente com a cabeça))... com certeza

**E1:** e chique no último [como você tá ((risos))

**E2:** [((risos))

**E1:** peraí ((aponta para E2))... tenho mais pra conversar com você... eu conversei hoje com E2... que surpreendeu a sociedade brasileira ao mostrar que sua origem humilde não o impediu de realizar um



sonho... nós voltamos daqui a pouco até já ((vinheta do programa)) eu continuo a conversar com o advogado E2... o E2 foi esse cara que ESTOROU na praça depois que:: viralizou uma imagem éh:: dele no dia da formatura em que ele abriu um cataz que dizia... pode dizer você aqui ((aponta para E2))...

**E2:** “o filho do pedreiro com a catadora de castanhas também venceu... meus pais meus heróis” ((no vídeo, surge uma foto de E2 segurando o tal cartaz))...

**E1:** muito bom... aí você tava... no bloco anterior... dizendo que você não pretendia essa atenção toda pra si mesmo... foi inevitável... nos nossos tempos depois dessa: dessa: coisinha louca ((finge teclar num celular))

**E2:** é::

**E1:** nossa vida ficou um pouco assim... pro melhor e pro pior nesse sentido... e você não está na: na:/ nas mídias sociais?

**E2:** sim estou

**E1:** ah tá em tudo?

**E2:** ((balbucio)) estou/ eu... tive agora uma da/ das redes sociais onde começou tudo foi o Instagram... foi a empresa de fotografia quem postou a foto e foi todo esse sucesso... eu não sabia... porque eu não tinha Instagram... (aí) depois que aconteceu o baile de formatura eu fiquei sabendo de toda a repercussão foi que eu fui ter... na verdade eu não tinha celular que pegasse também... que fosse compatível... mas eu já tinha o::: Facebook... mas desde a colação de grau que eu não consigo me manifestar nas redes sociais... porque::: não tem como eu me manifestar nas redes sociais diante de tanta mensa:gem diante de tanta publicação... porque assim... como eu tô te dizendo... eu fiquei muito assustado porque o Piauí parou entendeu? e o Piauí vai parar pra assistir essa entrevista eu já sei disso também...

**E1:** tom[a::ra

**E2:** [((risos moderados))

**E1:** ago::ra o sucesso... ((estala os lábios)) ele é u::m... ((suspira)) eu acho que ele é uma loucura porque ele pode ser nhm... muito bom [e muito ruim ao mesmo tempo

**E2:** [((acena positivamente com a cabeça)) com certeza

**E1:** já começou a te prejudicar em alguma coisa? vamos ser... claros... vamos tentar analisar isso de maneira clara... essa... eu mesma te trazendo do Piauí pra me dar essa entrevista... quer dizer... eu quero que seja o melhor pra você... que resulte no melhor... mais um excesso de evidência você acha que pode atrapalhar no que você escolheu pra sua vida e nesse seu momento de trabalho?...

**E2:** olhe no início eu fiquei bastante preocupado... no início... quando começou a repercutir eu fiquei éh::: assustado porque era fora da minha realidade tanto que teve um dos dias que eu cheguei no trabalho um pouco... pra baixo um pouco triste... e o meu chefe chegou pra mim e disse assim “o quê que você tem?” e:: ele veio conversar comigo e disse “eu sei que você não tá acostumado com isso mas aproveita as oportunidades... aproveita pra você ajudar quem você quer ajudar... aproveita pra você se autoajudar e::: eu tenho feito isso... éh::: tenho ajudado ao próximo e tenho me ((gagueja)) autoajudado também com isso tudo...

**E1:** você já tá com causas suas... pra você ou não?

**E2:** já já já inclusive antes da faculdade já tinham pessoas que me procuravam... que sempre tavam éh: éh: éh:: perguntando “e aí quando termina?” alguns (esperaram) até agora o período de setembro “não... você quem vai cuidar do meu caso” e aí ( ) graças a Deus tem surgido algumas situações pra gente atuar... como eu trabalho pela manhã num órgão público... na procuradoria lá do município de Teresina e tal... e aí eu tenho que... dar um diminuída éh:::/ tenho que controlar/ tenho que saber equilibrar todas essas causas... algumas eu tenho que passar pra colegas de escritório... justamente por causa éh:: do excesso... porque assim... a maioria das audiências acontecem pela manhã... então não posso prejudicar o meu trabalho pela manhã também... e tudo o que eu costumo fazer eu quero fazer bem-feito não gosto de... deixar a desejar

**E1:** você vai ser cara de tribunal ou não necessariamente?

**E2:** não necessariamente... eu::: eu me sinto mai::s/ eu fico mais nos bastidores... eu eu/ tanto que eu quero concurso na área da procuradoria... pra ficar um pouco mais éh::: centrado sem... tanta: intervenção dentro dos tribunais... mas se for isso que me for reservado no futuro... que seja...

**E1:** você vai pra procuradoria mas va/nós/já tô sabendo que você também quer ser professor...

**E2:** ah esse é um sonho de criança... é um (de)/ eu acho que... um desejo que eu tenho de exercer uma das mais nobres profissões

**E1:** você (vai) conseguir conciliar tudo isso agora?

**E2:** eu tô fazendo duas pós-graduações... já pensei [nessa possibilidade

- E1:** [EM? ((ergue o dedo indicador da mão esquerda))
- E2:** uma em Direito Tributário... matéria que eu sou apaixonado... e outra em Direito Processual Civil...
- E1:** por que que você é apaixonado por Direito Tributário? o quê que... mais te atrai nele?
- E2:** olhe... falar ((risos)) falar de tributos não é algo que alegra a sociedade... [principalmente a brasileira
- E1:** [nesse momento particular não ((baixa a cabeça como se fosse para mostrar indignação))
- E2:** e agora principalmente... entretanto tive: um professor em sala de aula que:... foi um grande mestre... que me abriu as portas pro direito tributário e me mostrou... éh::... coisas que eu/ eu não tinha parado pra... perceber a importância por exemplo de de se pagar tributos... em alguns casos é claro... sem excesso... e aí
- E1:** [o Brasil não paga excessivamente/ o povo brasileiro demais impostos?
- E2:** com certeza... nossa carga tributária está entre as maiores do mundo... isto é fato eu estaria sendo hipócrita se eu negasse isso... e::: eu quero Direito Tributário... a pós em Direito Tributário porque eu quero ir pra sala de aula trazer essa matéria mas eu costumo sempre dizer “exercer uma das mais nobres profissões... que é ser professor... que é quem instrui todas as outras profissões... éh::: na área de direito tributário... é importante” só que tem um outro viés... eu sempre coloquei na minha mente que eu quero ir pra sala de aula com muito além dos ensinamentos jurídicos... quero ensinar/ trazer ensinamentos de vida... porque eu sei que vou encontrar pessoas com realidades muito parecidas com a minha... e no meu estado do Piauí que... infelizmente... está entre: os estados da federação mais pobres do país... financeiramente... porque eu digo que o nosso povo é muito rico... que a nossa natureza é muito rica... e::: eu quero passar essas lições de vida para os meus alunos... eu quero ter essa oportunidade também... têm surgido algumas oportunidades agora de estar participando de algumas palestras por exemplo com alunos que vão... se submeter ao vestibular esse ano::...
- E1:** onde? palestras que você dá onde?
- E2:** lá no estado do Piauí éh ((gagueja)) algumas escolas particula:res... outras escolas publicar também... a última que eu estive presente tinha cerca de dois mil alunos... e aí eu tive a oportunidade de ir lá: fala:r... e olhar pra eles e... ver todo aqueles olhos brilhan::do éh((gagueja)) alguns chorando ((voz embargada))... ( )
- E1:** você chorou junto?
- E2:** claro [eu sou muito chorão ((risos))
- E1:** [((risos))
- E2:** isso não é/ isso não é nem novidade eu sou muito chorão... é porque na verdade eu sou muito emotivo e acho que isso é o que me faz::[...]
- E1:** fala
- E2:** ser cada vez mais preocupado com o próximo (é) essa questão [do
- E1:** [BOM... esse/ você sabe que você acabou de fazer um discurso até agora/ um discurso no sentido de::... você está se po-si-cio-nan-do neste programa de uma maneira tão clara... E com um viés MU::ltíssimo atraen::te....
- E2:** obrigado
- E1:** pa::ra... a:: política... hum:: o poder político...
- E2:** ahan
- E1:** já vieram atrás de você?
- E2:**... já... já apareceram... inclusive foi um dos pontos que eu fiquei muito preocupado na exposição de imagem... de início... foi quando o meu chefe chegou pra mim e disse “olhe... muita gente vai querer se aproveitar politicamente... outras vão querer se aproveitar economicamente... você precisa limitar... você precisa... até onde vai es/esse uso da sua imagem se você... por exemplo... permitir o uso dela” e::: já surgiram algumas situações
- E1:** você vai permitir o uso dela?
- E2:** eu não pretendo usar pra política... claro... a gente tem uma preocupação... hoje a minha preocupação é de transmitir pra população que eles são capazes assim como eu de alcançar os seus sonhos... com relação por exemplo de propagan:da exclusivamente política... eu já pensei nessa possibilidade mas não me vejo fazendo hoje... porque:: nós vivemos desacreditada hoje... que às vezes eles utilizam esses exemplos de uma maneira tão sagaz que:: às vezes as pessoas que veem... essa vitória... veem nós alcançando nossos objetivos... podem ligar simplesmente à política... simplesmente pelo fato de ter sido a política ou o político... de ter me feito alcançar essa vitória... e eu

acho que:: nessa minha vitória tem muito mais o mérito... divino... familiar... e eu coloco o mérito dos meus amigos e meu também... [acho que tem muito disso ((baixa o tom de voz))

**E1:** [deixa eu fazer uma pergunta pra você também... você acha... historicamente (né?) existe um conceito... que é o::... de que a política e a corrupção caminham juntas... isso é histórico[...]

**E2:** [((acena positivamente com a cabeça))

**E1:** não é novo...

**E2:** ahan

**E1:** agora ela foi jogada na nossa cara

**E2:** ((acena positivamente com a cabeça))

**E1:** ( ) esse conceito foi jogado na nossa cara... eu quero saber de você o seguinte... você acha MESmo que a poLítica é indissociável da corrupção?

**E2:** pra mim... hum::: não necessariamente poLítica... é sinônimo de corrupção...

**E1:** hum

**E2:** pra mim tem de ser coisas pre((gagueja))/ tem de ser separadas... é certo que... em:: boa parte infelizmente o que nós temos percebido HOje (que) nós já vínhamos percebendo desde de:: outrora... mas com menor éh::: como é que posso [di

**E1:** [divulga[ção

**E2:** [divulgação... a questão da corrupção invadindo o meio político... mas eu ainda acredito que há pesso:as que são integras no meio da política... talvez não tenham muitas... e talvez o povo brasileiro não pense como eu penso... mas eu ainda quero acreditar que ainda existem... eu confesso a você que eu sempre tive um desejo de ir pra política... quando era criança... tinha esse sonho... ma[s

**E1:** [por quê? [por que uma criança

**E2:** [justamente por... justamente porque assim... o que que acontece? eu lembro-me que ante/ outraras as propagandas eleitorais era algo BEM:: mais vasto... era camiseta era bandeirola era comício era aquela coisa ( ) e eu ficava empolgado... pra você ter uma ideia... quando chegava em períodos de eleições... eu ouvia no rádio e ficava anotando o resultado dos candidatos... porque os meus pais trabalhavam... por exemplo... com alguns candidatos... e eu ficava acompanhando e anotando "mãe... tem tantos votos... pai... tem tanto votos"... e eu sempre foi/ fa/ fazia isso... eu sempre fui/ eu costumo dizer que... éh usar a frase de Aristóteles... ele diz "o homem é um animal político"... e eu sempre tive es/ essa preocupação... é a minha/ o meu desejo à época de... de entrar na política de de me ver como possivelmente um político era simplesmente pelo fato que eu acho que era a única forma que eu... conseguia perceber... de poder atuar na vida da sociedade de poder tentar transformar... por exemplo... eu ( ) sempre muito muito em consideração a minha comunidade... e: e e::: [em consequência

**E1:** [transformar a sua realidade é [isso?

**E2:** [a minha realidade e [aí e consequência  
levar éh::: levar em consideração toda a

**E1:** [hum

**E2:** população minha capital lá de Teresina também... hoje... é um sonho um pouco mais... retido... eu já não tenho tanto mais esse sonho éh: político... eu tô percebendo que eu tô conseguindo fazer éh::: determinadas ações... no meio social... sem precisar da política... ma::s eu não sei o que o futuro me reserva... não sei se [vou

**E1:** [ou talvez você esteja conseguindo fazer apeSAR da [política

**E2:** [pois é... apesar da política... então... assim... o meu sonho (que) tenho hoje é esse... é exercer con ((gagueja))/ é passar num concurso/ (ser) aprovado no concurso pra procuradoria... segundo lugar... conseguir ser professor... também éh:: éh ((gagueja)) é um dos sonhos... mas se eu não tiver como realizar nenhum desses dois sonhos... o sonho principal é de ser um cidadão de bem... de POrder transformar vidas de poder... passar de cabeça erguida numa comunidade em qualquer lugar... e a pessoa olhar pra mim... e dizer assim "poxa... que quero tentar conseguir o que o **E2** fez" não me vendo como exemplo mas (tipo) "poxa... esse cara conseguiu chegar onde chegou por quê que eu não posso?" e eu gosto muito de gerar essa pergunta nas pessoas que eu acho que é um incômodo que acaba/ um incômodo pro bem...

**E1:** eu converso hoje com o JOvem advogado.. JOVEM... 25 anos **E2**... daqui a pouquinho a gente volta ((vinheta do programa)) uma advogado do Piauí... o brilhante **E2** o meu convidado de hoje... oh **E2**... você já foi/ já sofreu preconceito em algum momento na pele?

**E2:** ... ((desvia o olhar de **E1** e olha pensativamente para cima)) olhe... pode ser que eu tenha sofrido indiretamente... ma::s eu [sem

- E1:** [o quê que quer dizer sofrer... indiretamente?
- E2:** as vezes por meio de um olhar... por meio de... algum comentário com alguém... agora nesse período dessa:: repercussão toda... tiveram alguns comentários... nas redes sociais... né? [e::
- E1:** [rede social é uma lou::-cu::-ra ((faz movimento com a mão direita parecido com o que acompanha a caricatural interjeição italiana "mama mia"))
- E2:** pois é...
- E1:** você tá lendo? melhor parar ((abre a mão))
- E2:** isso foi o que... me deixou preocupado no início... me deixou... triste...
- E1:** o quê que falavam de pior? o que já não/ você não imagina o que já falaram de mim de pior [ôh uma loucura... existe?
- E2:** (((risos)))... não tipo... "ah... ah mais um pobre"... eu vi uma expressão inclusive que foi utilizada porque como eu era bolsista... um programa do governo federal... eu vi ( ) um comentário que dizia assim "mais um vagabundo se alimentando do dinheiro público" e eu... aquilo que me machucou muito me doeu muito...
- E1:** você foi bolsista pelo Prouni?
- E2:** pelo Prouni... com bolsa integral... tipo são essas coisas que às vezes... nos entristecem... mas não me deixam desanimados... eu não tenho... tempo ruim... pra mim não tem tempo ruim... o que eu tinha de achar de tempo ruim já passou... hoje... inclusive o que eu faço é só agradecer eu não peço mais nada... pra mim tá tudo muito bom...
- E1:** bom... éh: a sua maior vaidade qual é?
- E2:** minha maior vaidade... perfeccionismo... tudo que eu vou fazer tem de ser perfeccionista [tem que ser perfeito
- E1:** [e você consegue isso?
- E2:** tenho alcançado...
- E1:** você é um perfeccionista... você continua dando aula de badminton ou não tem mais tempo?
- E2:** hum:: não... hoje eu não não disponho mais de tempo... parei de dar aula assim que... eu comecei a estagiar na procuradoria... eu tive que:: parar de de de trabalhar com badminton... eu tive que largar o esporte também porque fiz cirurgia no joe::lho e aí desse período pra cá... eu dei uma uma:: pausa nos esportes
- E1:** você operou o joelho por... por conta do esporte?
- E2:** por conta do esporte por conta do esporte
- E1:** você ganhou uma grani::nha razoável? éh:: trabalhando com esse com esse seu trabalho? eu quero saber o seguinte... normalmente ((apoia o queixo na mão direita)) ah:: gente que tem o seu perfil... assim que ganha uma graninha... vai fazer um agrado nas pessoas... a: a quem deve mais...
- E2:** ah
- E1:** seus pais... você fez o quê?
- E2:** a minha mãe ela ela já/ sempre ela me coloca na parede pra dizer assim "poxa... você se preocupa demais com os outros e esquece/ caba esquecendo de você"...
- E1:** hum
- E2:** eu sempre tive isso... éh:: com os primeiros dinheiros que eu fui... arrecadando agora em julho... a primeira coisa que eu fiz foi... ajudar na construção do muro da minha residência né? ajudar a minha mãe a [construir o muro
- E1:** [você continua vivendo com sua mãe?
- E2:** moro com minha mãe e meu padastro... e pretende continuar... ou vai faze::r... (bom) vida de solteiro? [solto na pra:ça ((em tom bem humorado))
- E2:** [não... eu pretendo eu pretendo continuar com eles... eu acho que eu tenho que dar esse suporte a eles... e::: quando for pra sair de casa... que seja pra casar... pra formar a minha família... eu pretendo ainda continuar dando suporte aos meus pais... tanto ao meu pai que tem um nova família quanto à minha mãe...
- E1:** a sua literatura é toda:: TECNíca vamos dizer... toda:: específica ou você lê romances?
- E2:** ah eu leio de tudo... eu sou um apaixonado por leitura... [eu não tenho
- E1:** [então me diz qual é o seu livro... predileto?
- E2:** .... olhe... hoje tem um livro que eu acho... fantástico que eu sou apaixonado de um autor piauiense chamado Assis Brasil... que é Os que bebem como cães... esse livro... eu li ele ainda acho que no ensino fundamental no ensino médio de lá pra cá eu sempre tenho ele... junto na/ junto aos meus livros jurídicos...
- E1:** por que::?

**E2:** ele conta a história de um... de um:: de um:: um cidadão... que foi preso na/ à época da ditadura... e que na verdade ao final eu descubro que ele era professor... e justamente por esse fato de ser professor de: de: de ter enfrentado a prisão de ter enfrentado todos esses problemas... éh:: algo que me fez apaixonar ainda mais por essa carreira que eu quero seguir...

**E1:** qual foi o seu professor ou professora exemplar... que te deu esse:: enCANto pela profissão?

**E2:** poxa você tá me colocando na saia justa... eu tive TANTOS professores maravilhosos... tantos professores excelentes... ma::s hoje... eu poderia destacar... uma professora que foi... uma diretora de escola... que eu estudava no ensino... fundamental... e ela foi importantíssima pra que eu alcançasse esse sonho... porque o que acontece? à época ela sempre dizia “E2... você vai longe” e hoje... ((sorridente)) quando ((balbucios))/ depois dessa repercussão toda... tudo que é colocado na internet ela vai lá e repercute... vai postando vai compartilhando... se chama professora Lúcia... Filho... ela foi um grade::...

**E1:** quer dizer [ah:: eu/ aliás eu a ((gagueja)) acho curioso você dizer isso...

**E2:** [foi um grande (dom) na minha vida

**E1:** porque já entrevistei um líder de comunidade... no Rio de Janeiro... e::: que ganhou/ foi premiada/ uma mulher premiada interessantíssima... que ela fazia isso... ela fazia:: com que aquelas crianças... éh:: ((balbucios)) sem... privilégios na vida

**E2:** ( )

**E1:** com dificuldades... ela fazia com que elas... se... apreciassem... aprendessem a se apreciar... e você pelo que tá falando... ouviu de uma mulher que marcou profundamente ah:: [o seu

**E2:** [e permita-me... desculpa... e permita-me fazer menção dos demais professores em geral... todos [os meus professores sempre foram pessoas

**E1:** [sim

**E2:** que sempre me deram todo suporte... sempre acreditaram [me deram ânimo

**E1:** [sim... mas você citou UMA [que disse

no ensino fundam[ental virou assim falou “você

**E2:** [é essa foi [isso

**E1:** [vai LONGe” ((estendo o braço na direção de E2))

**E2:** [você vai longe

**E1:** quer dizer ((fala rapidamente))... você acha que isso é fundamental?

**E2:** com certeza

**E1:** na vida das pessoas que tem... éh éh encontram esse tipo de de co/ de dificuldade... no [contidiano?

**E2:** [é com certeza... até porque assim... como eu vinha falando... sempre tive o apoio moral por exemplo dos pais dos amigos às vezes faltava apoio financeiro... e eu acho/ vejo o apoio moral como sendo algo... essencial... às vezes pra você melhorar o dia de uma pessoa você só precisa dizer bom dia boa tarde... hoje eu sou incapaz de entrar numa condução de ônibus... e não dizer bom dia ao motorista ao cobrador... então essas/ às vezes essas palavras/ as palavras servem pra abençoar... eu sempre me coloquei isso... então quando você diz palavras boas para uma pessoa... você eleva a autoestima daquela pessoa... ela se sente valorizada

**E1:** ôh eu li... li em algum lugar também que você já pensou... ou já houve uma proposta... você já pensou em escrever uma:: ((morde os lábios)) bio[grafia precoce?

**E2:** [biografia... na verdade eu já venho escrevendo há algum tempo alguns rabiscos... eu venho colocando porque eu sempre... eu disse “meu Deus... eu acredito que eu vou ser um vencedor nessa vida... então... já vou...me antecipando escrevendo capítulos da minha vida”

**E1:** o que é um vencedor na ida?

**E2:** o que é um vencedor na vida?

**E1:** o que faz um/ uma pessoa/ de uma pessoa um vencedor?

**E2:** primeiro... colocar Deus antes de tudo o que você vai fazer... segundo... honrar seus pais... ter respeito pelo próximo... ter sempre os pés no chão... éh:: eu acho essencial... e::: eu vim escrevendo essa essa essa biografia... e::: ultimamente eu recebi uma mensagem... de alguém que chegou pra mim e disse “você tá escrevendo um biografia” a pessoa já deu até o título da biografia ((fala alegremente)) “coloque esse título” aí eu disse “não já tô escrevendo algo com o título que eu já tinha imaginado” mas o título é muito bom também...

**E1:** mas você éh:: entende de que uma pessoa... por exemplo... que escolheu ser ateia na vida... pode chegar a algum lugar também? ou você é radical religioso radical?...

**E2:** olhe... eu não sou radical religioso mas também éh::: tenho minhas... meu preceitos

**E1:** nhm

**E2:** eu tenho meus preceitos... assim como o ateu teu os seus preceitos... eu estudei com um colega que era ateu... e que eu tinha um relacionamento muito bom com ele eu não era intolerante... eu acredito que... nós alcançamos vitória de acordo com o nosso mérito... isso é fato... ma:::s eu costumo dizer que quando tem Deus no controle as vitórias vem/ a gente vai alcança[ndo bem mais fácil ((risos))

**E1:** [bem mais fácil ((risos))

**E2:** né?

**E1:** é ((ainda ri))

**E2:** então por isso que

**E1:** você também tá com trabalho social com crianças com câncer?

**E2:** é... na verdade assim... eu recebi um convite de uma amiga que já tem outro projeto social... e como o meu projeto ele tan/ tanto desenvolve quanto apoia outros projetos também... a gente vai tá realizando uma festa gigantesca pras crianças com câncer

**E1:** você precisa de ajuda ou você acha que você já tem uma REde ((desenha uma espécie de círculo no ar com as mãos)) que é esse [seu jeito de se

**E2:** [((acena negativamente com a cabeça))

**E1:** constituiu e que... se entrarmos muitos mais do resto do país pode atrapalhar?...

**E2:** ajuda... é sempre bem-vinda... isso... isso é fato... hoje a gente... leva isso... com muita dificuldade... só que assim... eu vinha éh::: sempre conversando com as pessoas... “olha... falta dinheiro... mas vontade tem muita... [nós temos muita vontade”

**E1:** [então diga... existe alguma maneira de ajudar esse movimento? pode dizer [aqui

**E2:** [sim... pode nos procurar nas redes sociais... éh::: nós estaremos realizando eventos... nós realizamos eventos todas as datas comemorativas...

**E1:** procura aonde na rede social?

**E2:** pode ser no facebook.com... pode ser no meu perfil pessoal... Ismael Silva... se colocar Ismael da Silva vai aparecer um montão... mas se colocar Teresina vai chegar no Ismael Silva... que sou eu... mas também nós temos a nossa fan page que é ((aparece na tela o endereço da fan page)) éh facebook.com/JovemComVisão... porque a nossa equipe é de muitos jovens na verdade...

**E1:** querido... foi um grande prazer... eu espero nhm::: ((abre os braços)) ter tido uma audiência significativa e que e que você tenha brilhado como exemplo... e::: parabéns... queria muito que você dissesse uma frase ou um VERso... ou um diTAdo de sua preferência

**E2:**... “sem saber que era impossível ele foi lá e fez... com Deus ((aponta o dedo para os céus))... nada é impossível” ponto final

**E1:** de quem é?

**E2:** a prime/ a primeira parte da frase éh::: de um autor desconhecido... e a segunda parte da frase é uma frase que eu levo comigo sempre que é uma frase bíblica... que pra Deus nada é impossível

**E1:** muito obrigada **E2** ((aberta a mão de E2)) para[bens querido

**E2:** [eu que agradeço... me sinto honrado de estar aqui

**E1:** olha um abraço pra família hein?

**E2:** obrigado

**E1:** diga que eu imagino o orgulho todo e com razão

**E2:** obrigado

**E1:** tá... conversei hoje com o advogado piauiense **E2** um belo exemplo de como podemos conquistar nossos sonhos... a gente se encontra aqui... na próxima semana... até lá ((créditos e vinheta de encerramento do programa))

## ANEXO C – ENTREVISTA COM MÉDICO

[E1 (Entrevistadora) e E2 (Entrevistado), sentados, conversam de frente um ao outro. Entre eles, há uma espécie de bancada.]

((vinheta de abertura do programa))

**E1:** “sabedoria é saber o que fazer... habilidade é como fazer... virtude é fazer” o cientista e escritor americano de nome David Starr Jordan foi quem disse isso... e eu achei perfeito pra apresentar o meu convidado de hoje um homem de excelência... o médico oncologista E2... para sabermos mais sobre o câncer os avanços no tratamento e as novas técnicas usadas... eu entrevisto E2 que é um dos oncologistas mais conceituados do mundo... ele é diretor geral do centro de oncologia do Hospital Sírio-Libanês e do Instituto do Câncer de São Paulo... o programa de hoje É de utilidade pública ((vídeo com um pequeno perfil de E2))... E2... você é muito jovem pra carregar toda essa... fama todo esse prestígio e essa... qualificação... você tem quantos anos ((fala rapidamente))

**E2:** 47 E1

**E1:** 47 como eu disse é muito jovem

**E2:** ((risos comedidos))

**E1:** eu posso te chamar de E2?

**E2:** por favor

**E1:** então vamo lá... E2 você começou estudar éh: ãh:: medicina aos 16?

**E2:** é comecei aos 16 anos

**E1:** e por que que você escolheu a medicina? é hereditário ou não?

**E2:** interessante... na minha família eu sou o primeiro médico E1

**E1:** é?

**E2:** é... eu tenho uma prima que entrou também na mesma época... mas nós somos os primeiros a manifestar esse: esse interesse... especificamente na área médica... acho que é vocação... a medicina tem muito disso é quase como se fosse um chamado... você quer ajudar as pessoas também você quer fazer pesquisa... você quer tá na fronteira do conhecimento humano... pra quem gosta de ciência... a Medicina é um campo riquíssimo

**E1:** mas você já sabia disso antes dos 16? porque aos 16 é quando você presta exame pra entrar não é isso?

**E2:** pois é... eu tinha as minhas dúvidas E1... então eu fiz vestibular pra Direito... eu fiz vestibular pra Administração vestibular pra Medicina... aí eu passei em todos e tive que decidir ((risos))

**E1:** e aí você escolheu [pela Medicina

**E2:** [eu escolhi a Medicina até porque havia uma ideia na época que se eu tivesse... algum tipo de... desânimo... ou resolvesse que não era o caminho certo seria mais simples tentar entrar numa das outras do que o contrário né? ((risos))

**E1:** entendi

**E2:** então comecei Medicina e:: realmente acabei me achando... eu gosto muito do que eu faço

**E1:** você encontrou sua... real vocação

**E2:** encontrei

**E1:** oh E2 o que quer dizer oncô?... de onde vem o on::co que classifica a oncologia é o/a:: a:: medicina ou a especialidade no can/ do câncer?... o que que é oncô?

**E2:** bom... olha... os gregos já conheciam o câncer... aliás antes deles... tanto os assírios quanto os egípcios... já tinha relato de câncer com outros nomes

**E1:** ah é?

**E2:** é... inclusive o texto de medicina mais antigo do: do mundo foi escrito por um:: egípcio chamado Imhotep ((pronuncia Imrotep))

**E1:** ãh

**E2:** o Imhotep... além de médico... foi grão-vizir do Egito e foi o arquiteto da pirâmide de degraus de Saqqara... uma pessoa [interessantíssima

**E1:** [(eu sei) é que a gente não fala também quanto você... agora você foi falando eu fui aproximando ao nome que a gente fala um pouco Imotepe [é alguma coisa assim ah

**E2:** [isso... é a mesma coisa... é gozado... no filme ele é o: é o vilão... mas na na vida real ele foi uma pessoa interessantíssima... ao ponto de que quando ele morreu... ele se tornou um deus... um deus menor no panteão de deuses egípcios mas por DOIS mil anos... em Saqqara... houve um templo dedicado ao Imhotep... aliás... as pessoas ((aponta para câmera))... os nossos ouvintes que um dia vão a ((gagueja)) Saqqara podem visitar tem um museu do Imhotep... mas voltando à sua pergunta... os gregos também conheciam

E1: éh

E2: e Hipócrates fez uma teoria sobre a formação do câncer

E1: hum

E2: e ele notou aquele crescimento estranho que o câncer tem nos órgãos normais... parece um caranguejo... então ele chamou de câncer... câncer vem do grego caranguejo

E1: hum

E2: agora... não é muito adequado... embora nós chamemos de câncer tá estabelecido... a raiz da palavra ela tá equivocada... porque não é um... um caranguejo... onco é tumor em grego

E1: ah

E2: então oncologia vem estudo de tumores... é um pouco mais apropriado... embora nem todos aceitem... a própria... ah::: sociedade acadêmica brasileira reconhece a cancerologia e não a oncologia... isso é até uma área de: de certa discursão acadêmica... mas a oncologia vem da raiz grega onco... então é o estudo dos tumores

E1: o fato de você ter me conTAdo que já havia relatos de CÂNCER... ou de doenças... semelhantes não é? no no no:: antigo Egito... e aí na na na antiga Grécia... ah vem outras vez éh::: me assegurar dess::a... dessa minha percepção de que o câncer é uma coisa que não acaba nunca... ele vai encontrando curas... mas chegam novos é isso ou não?

E2: um pouco disso sim E1... o problema é que o câncer... ele tá intimamente associado aos mecanismos que formam um ser vivo... eu falo ser vivo porque o câncer acomete outras espécies também... os mecanismos que levam essa células a::: enlouquecerem e proliferarem se comportarem de uma maneira errada formando o câncer... são mecanismos que... quando bem utilizados... levam à formação do ser humano... do feto

E1: unhum

E2: imagina só... a junção do esperma do pai com óvulo da mãe tem que dar um ser humano com bilhões de células como nós... então você tem que ter uma flexibilidade nestas células gigantesca... o problema é que esta evolução chega no momento e ela é desligada... por diversas razões... o câncer é uma situação em que estes sistemas... que eram normais mas já deixaram de ter utilidade... são religados numa situação anômala e formam os tumores... então é muito difícil você:: evitar a formação de câncer completamente... você pode diminuir... através de hábitos prevenção etc. mas eliminar completamente é difícil

E1: quer dizer pela lei da probabilidade... então... até temos baixo índice de câncer?

E2: é... existe até uma fórmula matemática [pra isso se você me permitir

E1: [ãh... claro

E2: a cada dez elevado à sexta potência de:: multiplicação celular/ de divisão celular você tem uma mutação

E1: hum

E2: o nosso corpo tem um número incrível de células... então dez elevado a seis se alguém colocar é a cada um milhão de divisão celular você tem uma mutação... você acaba tendo a probabilidade de milhões e milhões de mutações... a maior parte não vão gerar nenhum problema... mas infelizmente algumas podem sim gerar formação de tumores... e existe evidência muito sólida E1 que a formação de tumores é maior do que que a gente vê... porque o organismo consegue se livrar de muitos tumores

E1: ah::: numa auto::defesa mesmo?

E2: numa autodefesa

E1: E2... éh::: vamos falar então de um assunto super atual só pra... começar porque eu tenho muita coisa pra te perguntar... vamo falar desse: reMÉdio anticâncer... essa Pílula que surgiu e que virou uma grande discursão na mídia recente co:::m éh ((gagueja))... gerando muita gente esperanço::as outras pessoas revolta::das com a indústria farmacêutica etc. e tal... isso foi o resultado de um estudo de um processo químico que chama como? eu tenho aqui ((mexe nos papéis sobre a bancada))... que é o[:::

E2: [fosfoetanolamina

E1: fosfo... mas ele tá sendo chamado como fosfo não é [isso?

E2: [isso

E1: bom... e aí éh::: foi gerado num laboratório da Universidade de São Carlos é isso? ((aponta para E2))

E2: isto

E1: por que é... que foi vetado? por que é que ainda não foi aprovado esse remédio e me dá uma explicação muito razoável porque tem muita gente achando que de repente é a saída?



**E2:** ((respira fundo)) então vamos devagar... esse é um assunto muito delicado... porque:: as as paixões tão muito exacerbadas... e as pessoas elas começam a não querer mais discutir a parte científica começa a ser quase como religião [como fé... então temos que tomar muito cuidado...

**E1:** [hum

**E2:** cada vez que a gente fala desse assunto como especialista da área... há muitas críticas... mas eu acho que é algo que tem de ser enfrentado... então vamos por partes... existem hoje um número enorme de substâncias que estão sendo desenvolvidas pra combater o câncer...

**E1:** hum

**E2:** elas têm fases de desenvolvimento

**E1:** isso no mundo [imagino?

**E2:** [no mundo

**E1:** hum

**E2:** em estudos clínicos... ensaios clínicos com seres humanos tem 800 moléculas diferentes hoje... ou mais porque isso muda dia a dia a última vez que olhei eram 800 moléculas... então... a fosfoetanolamina não é um produto novo... a fosfoetanolamina por si é um incipiente utilizados em produtos de higiene nos xampus... ele é incipiente de certas drogas fitoterápicas existe uma chama ( ) que utiliza a fosfoetanolamina na sua fórmula como incipiente inerte... e houve por parte dos investigadores em São Carlos uma... adaptação desta molécula o que eles chamam de fosfoetanolamina sintética... não é a fosfoetanolamina normal há um processo encima desta... des/ deste produto... e geral algo que... na visão dos investigadores... poderia ter uso antitumoral

**E1:** hum

**E2:** antes de testar me seres humanos... ela passou por testes em linhagens celulares nas quais se mostrou positiva... houve algumas linhagens celulares que respondiam... ou seja havia uma redução no número de células cancerosas... em animais onde se implantava o tumor e se tratava os animais também houveram casos em que houveram melhora... então é um droga que apresentou parâmetro suficientes para justificarem o desenvolvimento clínico

**E1:** hum

**E2:** de cada cem... medicações que chegam nessa fase... e iniciam estudos clínicos... menos de cinco... têm comprovada atividade em seres humanos e viram produto comercial depois do seu período de desenvolvimento

**E1:** e isso dura no total mais ou menos?

**E2:** varia muito... varia de cinco a vinte anos dependendo do nível de investimento do nível de interesse éh eficácia da medicação... eu só tô colocando porque ninguém discute... que eu conheça... ninguém discute o fato da fosfoetanolamina sintética ser uma molécula promissora que merece estudos futuros

**E1:** hum

**E2:** o problema começou a desandar é que invés de... depois dos estudos pré-clínicos se iniciarem os estudos primeiro em animais de grande porte... que é necessário pra saber a farmacocinética a farmacodinâmica e depois passar pro tratamento em seres humanos... por razões diversas ((dá de ombros))... não posso nem falar pelos investigadores... mas se começou a distribuir a medicação... e [é

**E2:** [você tiveram contato com eles? vocês tentaram? você particularmente tentou uma aproximação pra continuar esses estudos?

**E1:** vamos ser justos... na época... eu trabalhava no grupo... já era no Sírio-Linbanês o doutor Antônio Carlos Buzaid trabalhava conosco e ele havia tido contato... nós conversamos e tivemos interesse... então participamos de uma reunião... estavam além de nós os dois outros membros do centro e: o pessoal de São Carlos... nós não chegamos à: a um acordo de como desenvolver a medicação... aí eu ouço "mas por quê? largou de lado" não é assim... existe um número enorme de produtos a serem desenvolvidos... se não se encontra um acordo com esse... nós vamos desenvolver outros produtos... e imaginamos que os cientistas desenvolveriam com outras... outras parcerias... certo? isso foi em dois mil e:: nove...

**E1:** ah

**E2:** não é uma coisa recente... que eu saiba... eles também estiveram em contato com a Fiocruz e com... o INCA aparentemente eu li uma entrevista do doutor Carlos Gil Ferreira do: Instituto Nacional do Câncer... onde ele fala terem tido contatos em 2013... então houveram contatos... por que não foi? existem desacordos ou visões diferentes de como desenvolver um produto... isso é um desenvolvimento conhecido...

**E1:** MAS... de cima da sua qualificação toda... você diria que ãh:: com as pesquisas... no estágio em que estão... a distribuição dessa pílulas podem ser/ essa distribuição pode ser criminosa?

**E2:** isso depende de como você visualiza... certo? existe uma coisa de formalismo e existe uma coisa mais ético-moral... se você olhar legalmente... esta/ este produto está sendo feito ou estava sendo

feito fora de condições aprovadas pela vigilância sanitária ANVISA e não havia passado pelas fases de desenvolvimento usuais... então isto estava violando a lei de vigilância sanitária do país... não deveria haver/ ter havido essa distribuição... aí as pessoas ficam “mas um ente querido teve benefício” eu não... de novo... não tô querendo entrar no mérito se a medicação pode ter algum benefício ou não podemos falar depois... mas tecnicamente violou a legislação [do país

E1: [ãh

E2: porque... existe... de novo... um grande número de substâncias que chegaram e chegam nesse estágio... infelizmente... é muito mais complexo você tratar um ser humano do que tratar um animal de pequeno porte [como camundongo

E1: [quer dizer... o remédio pode estar fazendo com que esse paciente corra um ris::co ainda maior?

E2: olha... até onde eu sei eu ainda não conheço dados de como a medicação se comporta de um organismo [humano

E1: [humano

E2: que a farmacocinética a farmacodinâmica... por exemplo... ele é excretado por onde... no ser humano? que percentual sai na urina? que percentual sai nas fezes? assim por diante... eu não sei qual é a dose máxima que pode ser utilizada com segurança... tudo isso são fatores que podem sim apresentar risco se a medicação é usada de maneira indiscriminada... porém... você pode alegar “olha os investigadores falam que já distribuíram pra milhares de pacientes e não há relato de ninguém morrendo do remédio” ((dá de ombros)) certo? então você pode alegar dessa maneira... não... ão refaz os estudos mas dá uma certa noção de uma certa segurança... por outro lado... é::: você tem que tomar um pouco de cuidado com o que está acontecendo agora... que pessoas... com a doença... com câncer... que têm um tratamento estabelecido e muitas vezes eficiente estão optando por abandonar o tratamento mais eficiente pra trocar por um tratamento que não tem nenhuma comprovação...

E1: entendi

E2: e se você me permitir [E1

E1: [e não existe aí por trás?... não existe nenhuma::? porque imediatamente vem aquela história de que a indústria farmacêutica é::: não tem interesse que surja uma remédio como esse... isso tem algum fundamento?

E2: eu que não F1... éh nós temos/ estamos vivendo no Brasil hoje um período de gran:de descrença nas instituições... ah tudo o que se passou e todos leem jornais... os escân::dalos a... a falta de confiança na estrutura da hierarquia política e social leva as pessoas a a verem u:m u::m complô atrás de cada... ação... mas honestamente não há que/ mesmo as indústrias farmacêuticas elas competem entre si tentando descobrir produtos etc. pra pra ganhar (na) competição... mas voltando atrás um pouco nisso... éh eu eu não acho que há nenhuma:: atitude pensada de indústria nenhuma pra matar o desenvolvimento da:/ do produto de maneira nenhuma... de novo... ele simplesmente ele não entrou não não houve um acordo dos pesquisadores em algum lugar de fazer o desenvolvimento

E1: deixa eu só... pra terminar esse assunto fazer uma pergunta be:::m elementar... se uma pessoa já tiver tentado de tudo e estiver desenganada... você ((aponta para E2)) acharia legítimo ela tentar tomar essas pílulas? ou eu não sei se é na forma de pílulas que elas chegam às pessoas/ esse medicamento chega às pessoas... éh: se alguém estivesse de fato desenganado não seria legítimo tentar?...

E1: o ideal... quando você tem uma pessoa que esgotou as opções terapêuticas conhecidas... é que ela participe de um estudo clínico onde ela tenha acesso a uma medicação... que seja nova... que possa dar a ela uma esperança de resposta... e que:: tenha algum fundamento científico feito

E1: hum

E2: certo então essa é a situação ideal... um país como os Estados Unidos as pessoas entram num estudo de fase um com esta esperança... agora... eu reconheço E1... e isso é dado americano não é nem brasileiro... que 85% dos pacientes com câncer... associam ao seu tratamento opções alternativas... quem não tem um amigo que ou foi num centro espírita... ou fez uma promessa numa igreja... ou:: fez algum tipo de tratamento com chá ou erva etc. isso tudo passa... se você interpretar o uso da fosfoetanolamina por alguém que não tem opção terapêutica nesse sentido...

Individualmente... eu não tenho como dizer que essa pessoa está errada... o que é difícil é você tentar tornar algo... nesse sentido uma terapia heroica [uma divindade

E1: [uma exceção

E2: uma exceção... em ser algo que o Governo passa a ter que produzir e distribuir... ao custo de: deixar de fazer algo que tem comprova/comprovação... então este é o problema ((vinheta do programa))

**E1:** eu continuo a entrevistar o médico E2... num programa que eu considero de utilidade pública... o tema é prevenção e tratamento do câncer... Como superar o câncer saúde esse é um livro seu ((segura o livro com as duas mãos na altura do peito)) para leigos isso?

**E2:** isso

**E1:** como superar o câncer? o quê esse livro vai me trazer éh: que eu possa ler com tranquilidade ((folheia o livro)) e aprender algo com ele que não seja tão intrincado tâ::o ((agita muito as mãos)) distante de mim ah ((gagueja)) oh como vocês na linguagem de vocês?

**E2:** E1 quando a gente fala do câncer é claro que:: a sensação de superação vem com a cura é o que nós queremos... ((pigarreia)) mas a verdade é que... embora nós curemos hoje mais de 60% dos casos existem muitos casos em que a cura não é mais possível... e mesmo aqueles em que nós temos uma: chance de cura... os pacientes são obrigados a enfrentar u::m tratamento longo... esse livro de como superar o câncer ele tenta fazer isso através:: de conhecimento

**E1:** hum

**E2:** então o quê é o câncer? como ele se instala? como ele é enfrentado?... mas também... como é o dia-a-dia de alguém que sofre com a doença... então por exemplo éh:: “posso ter relações sexuais? o câncer pode passar por meu parceiro pra minhas crianças? éh::: como é a minha dieta?”

**E1:** nenhum câncer é transmissível é?

**E2:** depende de como você vê...

**E1:** nhm

**E2:** no Brasil hoje... aproximadamente oito a dez por cento dos nossos câncer... que matam os nossos pacientes... são causados por vírus... e parte destes são transmitidos sexualmente... então não é o câncer que é transmitido... o HPV... o papiloma vírus humano... hepatite... ((conta com os dedos da mão)) o vírus da hepatite b hepatite c... o HIV são todos vírus que podem ser transmitidos por relações sexuais ou por uso de seringas compartilhadas etc. etc. etc.... e que são causadores de câncer... então Indiretamente sim mas diretamente não... cuidar de alguém com câncer não vai/ não tem nenhum risco de:: fazer com que o cuidador pegue ou as crianças peguem isso não

**E1:** existe a previsão de que em 2020 o câncer será a doença com maior taxa de mortalidade nos Estados Unidos... isso vale pra:: outras terras?

**E2:** vale... isso deve se tornar realidade também no:: no::/ o que nós chamamos de eurepa/ Europa Ocidental...

**E1:** hum

**E2:** e no nosso país em algumas décadas...

**E1:** em algumas décadas?

**E2:** em algumas décadas ((acena positivamente com a cabeça))...

**E1:** mas deixa eu te perguntar outra coisa... outro assunto de atualidade... a pesquisa feita... este ano... pelo instituto ligado à à:: à Organização Munfial de Saúde foi publicada inTENSamente na imprensa... que o consumo de carne vermelha bacon linguiça ((bate ritmicamente com as pontas dos dedos indicadores sobre a bancada)) e outros alimentos processados... PODEM causar câncer... verdade?

**E2:** verdade... mas vamos separar um pouco... então vamos por [partes

**E1:** [mas por que só agora?... se tá aumentando... o::/ a:: incidência de câncer... por que an::tes... as pessoas JÁ comendo isso não tinham a doença?

**E2:** eu vou tentar te explicar... primeiro vamos carne vermelha do que a gente chama de embutidos ou carnes processadas... são:: situações diferentes e provavelmente o impacto é muito dirente... e: a própria Organização Mundial de Saúde coloca que carne vermelha é suspeita fortemente suspeita mas não certa... e os/as carnes processadas bacon éh:: salame etc. esse sim causariam... e isso sempre foi o caso o problema é que o ris::co adicional com esse tipo de alimento é muito pequeno... é diferente do cigarro... nós temos... hoje... no mundo... um:a epidemia de cânceres relacionados ao cigarro... não é só pulmão... lari:nge bo:ca esô:fago pân:creas bexi:ga ((toca o corpo para localizar cada tipo de câncer)) todos esses tão associados ao fumo... um terço/quase um terço... 30% das morte por câncer no Brasil estão de alguma maneira associadas ao uso do fumo... então[...

**E1:** [e mesmo o::ãh:: éh e mesmo de::

**E2:** [fumo secundário?

**E1:** e mesmo de fumo secundário?

**E2:** um pouco menos mas também tem tem impacto... e melhorou muito né? agora com essas novas leis que inibem o uso do cigarro em em ambientes públicos melhorou muito... mas então o impacto do cigarro é gigantesco... quando você olha as carnes embutidas... ( ) e veja... elas aumentam o risco de câncer... mas é muito pouco... se você olhar no mundo inteiro você aumenta em 35 mil e poucos casos... num universo de 8 milhões de casos... então não é um impacto tão grande como se possa

imaginar... não dá pra colocar... carne processada no mesmo patamar do cigarro ((sinaliza dispondo as mãos, hierarquicamente, uma acima da outra)) e esse foi u:m um engano foi uma má apresentação da Organização Mundial de Saúde... porque eles colocaram assim como o cigarro carne processada nível ( ) nível um causa câncer... mas numa... nu::m nu::m num percentual MUItto diferente ((eleva a mão para sugerir esse percentual))... então fumar realmente tem de ser abandonado e e:: não se pode fazer isso... a carne processada aumenta um pouco o risco... pelo seu método de: de conservação... mas num patamar muito menor muito menor né? então o risco aumenta... mas não muito... é como você por exemplo ficar muito tempo no sol... aumenta o seu risco de: de: câncer de câncer [de pele

E1: [de pele

E2: mas você não precisa abandonar completamente o sol né?...

E1: é só se proteger adequadamente

E2: é... e a carne vermelho é mais complexo... porque existem algumas teorias de que não seja a carne vermelha *per se* mas alguns vírus que possam estar presentes na carne vermelha especialmente em gado de origem europeia... isso é BEM complexo... não está bem resolvido... então ela tá num patamar diferente... não dá pra tratar do mesmo jeito do que as carnes processadas... mas de novo... se alguém come carne processada... o que eu recomendaria... coma pouco... não coma com tanta frequência...

E1: viver já foi mais fácil?

E2: já foi bem mais fácil E1

E1: bem:: mais fácil mesmo? por que que foi ficando tão peri/ por que que hoje tudo me parece uma ameaça?

E2: bom... é porque também nós estamos tentando transformar a vida em algo quase estéril onde você elimina o risco e é muito difícil... mas vamos olhar a expectativa de vida do brasileiro... se você voltar ao início dos anos 60... não é tanto tempo assim né E1?... o brasileiro médio vivia 40 anos...

E1: no:::ssa ((põe a mão na boca))

E2: é

E1: nos anos 60 isso?

E2: é nos anos 60

E1: uau

E2: era 40 e poucos anos a expectativa de vida brasileira... hoje a mulher brasileira tá chegando a quase 80... acho que tá 78 mulher 76 o homem alguma coisa assim... o homem sempre vive menos que a mulher

E1: eu sei disso

E2: mas então éh:: houveram avanços enormes... só que... envelhecimento da população... leva a isso... primeiro levou a um aumento das doenças cardiovasculares... começamos a enfrentar cura o colesterol faz exercícios etc.... aí venho o câncer... um dia nos vamos superar também e virá outro problema... provavelmente as doenças neurodegenerativas quando a população tiver batendo os cento e poucos anos de [expectativa de vida

E1: [aí você tá falando do alzhai::mer ãh:: risco da demên::cia etc. e tal é isso?

E2: [isso... e será provavelmente o próximo problema uma vez que a gente vença o câncer ((vinheta do programa))

E1: eu continuo a conversar com o médico oncologista E2... E2... você acha/ ((balbucia)) quando eu falo vocês tô falando do Sírio-Libanês em São Paulo... trouxeram o médico norte-americano ( ) foi isso?

E2: foi isso

E1: que defende a imunoterapia como forma de lutar contra os tumores ((ler no papel sobre a bancada)) cancerígenos... de que forma isso se daria?

E2: olha... historicamente... desde o final do século XIX... havia uma associação de certas pessoas que tinham câncer... que tinham uma infecção grave... e curavam o câncer... então já aparecia ter alguma associação de um sistema imune ativo [com o tratamento do câncer...

E1: [ãh

E2: o grande drama e que você tem... no câncer... DNA que veio do indivíduo... então o câncer sabe os segredos de desativar o sistema imune... que o nosso sistema imune não nos ataca senão haveria uma rejeição do corpo pelo sistema imune... o que tá acontecendo agora e que com o conhecimento acumulado nós começamos a saber como o câncer sinaliza... pro nosso sistema imune... que ele não é bandido... você desliga esse sistema e o sistema imune passa a poder atacar o câncer... isso tá começando a acontecer em diversos tipos de câncer... e é uma/ um

E1: por exemplo?

E2: pulmão... [melanoma

**E1:** [é mesmo?

**E2:** câncer de rim ((conta com os dedos))... o problema é que não funciona pra todos os câncer de pulmão... não funciona pra todos os melanomas assim por diante... você tem que ter certas características que facilitam a:: estimulação do sistema imune... a própria fosfoetanolamina... uma das hipóteses que tem sido levantada... é que ela funciona como algo que vá ativar o sistema imune... mas é:: gente sabe pelos todos os trabalhos que estão sendo feitos agora é que você precisa ter certas condições pra que isso possa ser feito... mas sem DÚvida nenhUMA é um dos avanços mais importantes aterm acontecidos na oncologia nas últimas décadas...

**E1:** por um outro lado é:: existe essa... possibilidade de... em se tratando o câncer... ãh provocar-se uma... doença cardíaca... fato?

**E2:** fato

**E1:** o que é que faz isso acontecer?

**E2:** depende... você tem mais de uma maneira em que isso pode acontecer... alguns remédios que são dados algumas quimioterapias... além de atacar o câncer... atacam células normais do indivíduo... se elas tiverem uma propensão a atacar células que estão no coração você pode enfraquecer o coração... o exemplo clássico é muito antigo é uma droga chamada (droxorubicina) que é muito usada pra câncer de mama que isso pode acontecer... das drogas mais modernas... algumas levam a distúrbios de condução elétrica... dentro do coração... porque elas... atrapalham a condução do sinal... e outras... como os anticorpos é:: em terapias que tem a ver usar o sistema imune pra atacar o câncer... podem também... inadvertidamente atacar o sistema cardiovascular... isso levou à criação de uma nova disciplina... que é uma fusão um pouco da oncologia com a cardiologia ou cardiologia com [oncologia... porque houve a necessidade de

**E1:** [com oncologia

**E2:** se criar um corpo de especialistas... em coração que entendam o impacto da quimioterapia e dessa novas medicações nesse órgão... então... o próprio doutor Roberto Calil agora do Sírio-Libanês e diretor do Incor... te::m sido um dos pioneiros aqui no Brasil de desenvolver um grupo que se aprofunde em estudos de como evitar esse dano e como repará-lo quando ele acontece...

**E1:** então é aquilo se correr o bicho pega se ficar o bicho come é isso?

**E2:** mas [não é

**E1:** [é isso que você tá me dizendo? [é ((gagueja)) uma loucura não é? ((debruça-se sobre a bancada))

**E2:** (((risos)))... é porque o ser humano é mui::to muito complexo... toda vez que nós tentamos simplificar demais a equação não vai dar certo... as células são são aparatos extremamente complexos... tudo ali está ali por uma razão... não há desperdício no ser humano...

**E1:** uma outra coisa que:: eu percebi é:: nos oncologistas é o:: o aporte/ a forma de: se comunicar com o paciente... era uma coisa muito delicada muitos anos atrás... acho que nem o médico MESmo... minha memória remota... diZIA a palavra câncer na cara do paciente... é uma impressão minha ou hoje virou uma norma dizer tudo com muita clareza para todo é qualquer paciente de câncer? e por que isso?

**E2:** hoje é a norma que o paciente esteja esclarecido... existem duas razões ao meu ver em que:: isso... se baseia... uma é jurídica... no passado existia um paternalismo em relação ao paciente onde o médico e os familiares tomavam as decisões pelo paciente... e isso não é mais aceito... existe uma autonomia do paciente em que ele deve participar das grandes decisões... e ele precisa ter conhecimento do problema pra poder tomar decisão... o segundo/ a segunda razão eu acho que é até mais importante... o paciente bem esclarecido vai participar melhor do processo de tratamento e eventualmente vai ter resultado melhor

**E1:** é isso mesmo? tem resultado melhor?

**E2:** eu acho que sim

**E1:** eu fiquei pensando se ele não ficaria mais abatido mais... preocupa::do

**E2:** no primeiro momento é u::m coice na boca do estômago você ouvi que tem câncer... claro... a gente reconhece a dificuldade... mas é importante que o paciente reconheça o médico como membro do seu time... vamos lutar junto pra conseguir o melhor resultado... e ele tem que entender por que que eu tô mandando ele fazer quimioterapia no dia do aniversário do filho... por que que eu não deixo ele tirar férias pra continuar o tratamento... se ele não tiver uma noção exata do quê que tá acontecendo fica difícil... esse tipo de atitude né?...

**E1:** por quê::? por QUÊ ((dramaticamente))... até hoje com tanto esforço despendido com tantos paí::ses outros investindo em::/ na oncologia ou na cancerologia ou na pesqui::sa ãh em busca da cura do câncer por que que não se chega?

**E2:** então[::...

**E1:** [porque primeiro também acho que tá vago o que eu falei porque falar... a cura do câncer já se determina é um pouco aquilo do começo da nossa conversa... é como se se “achamos a cura do câncer” e aí funciona-se pra todos e não é assim... é isso?

**E2:** eu acho muito difícil que isso venha a acontecer... mesmo a imunoterapia já está provado que ela funciona em algumas situação e não em outras... então ela será mais uma ferramenta não será a única ferramenta... então primeira razão é essa em muitas doenças... mas o segundo ponto é que escapa às pessoas o sucesso do que aconteceu até agora... E1 na década de 60 pra 80 a chance de cura de paciente nos Estados Unidos com câncer era de 30 a 40%... hoje... nos Estados Unidos... é de 60 a 70%... então mesmo na nossa realidade mesmo no sistema público brasileiro... a chance de cura hoje é maior do que era anteriormente... o que isso quer dizer? que pra muitos tipos de câncer nós já temos a cura... podemos citar vários

**E1:** hum

**E2:** talvez o o mais significativo seja linfoma ou então leucemias em crianças... pra você ter uma ideia a chance de cura de leucemia numa criança pequena hoje passa de 90%

**E1:** ah que maravilha

**E2:** então nós temos cura pra diversos tipos de câncer... nós não temos uma cura para todos os câncer... precisamos buscar isso... ainda tem muita gente morrendo com câncer... mas não é correto a gente achar que não houve avanço nenhum... houveram... agora... demora mais do que nós gostaríamos o avanço... existe uma burocracia regulatória no mundo inteiro hoje... é::: como você disse “o mundo tá ficando complicado”... é muito mais difícil você fazer pesquisa hoje do que era fazer 10 anos atrás ou 20 anos atrás... e isso atrapalha demora mais...

**E1:** por que há mais critério hoje ou há mais burocracia?

**E2:** os dois... há mais critério... há mais preocupação de resguardo ético do paciente da autonomia do paciente o que é bom... mas leva a uma consequência... e há mais burocracia então tudo isso é realidade... outro ponto importante... é que parte desses avanços estão surgindo a um custo exorbitante... e::: um pouco do que a gente ouve em relação a um produto como esse de São Carlos é que é muito barato e que é bom... porque os novos remédios estão vindo com custos assim inacreditáveis... nós vamos ter que... como sociedade... juntar as empresas o governo os pagadores de imposto e vamos discutir quanto nós estamos dispostos a investir nesse tipo de: terapia... porque os valores são[:... enormes

**E1:** [exorbitantes é o é o assunto com que eu quero começar o próximo bloco... interessante ((vinheta do programa))... o médico oncologista E2 um dos melhores do mundo é meu entrevistado de hoje... oh E2... você terminou o bloco anterior falando dos custos... exorbitantes... nhm eu imagino que seja pelas pesquisas... é os custos exorbitantes que acabam chegando ao consumidor final que é o doente/paciente... do/estamos falando de câncer... eu pergunto a você... hoje por exemplo... tudo isso... que a medicina já avançou na cura do câncer... essa:/ ela::/ essa cura/ esse acesso ao tratamento ficou reduzido a uma elite que pode pagar mesmo ou a saúde pública pode cobrir um tratamento desse? eu tô perguntando rico se cura de câncer e pobre não?...

**E2:** tá... vamos... colocar acho que ate muito claramente... hoje você tem... na saúde pública... pelo menos no estado de São Paulo... acesso razoavelmente bom aos tratamentos necessários... quando eu falo razoavelmente bom eu vou esclarecer... primeiro... ainda há uma demora no diagnóstico... ou seja o indivíduo ter a cesso a uma biopsia e a um tratamento a a ainda não:: não está no tempo que seria o ideal...

**E1:** porque o câncer vai assim ((mexe os dedos da mão esquerda))

**E2:** lógico o câncer não para... e::: nós temos/ sabemos disso que não é tão fácil pro indivíduo fazer esse diagnóstico... e no resto do Brasil imagino que as dificuldades sejam similares e em alguns lugares até maior... uma vez que o diagnóstico está feito... no estado de São Paulo... nós temos 73 unidade que atendem o SUS pro tratamento de câncer... a vasta maioria... de nível bom ((agita a cabeça)) que consegue dar um tratamento razoável aos pacientes... o que nós não temos nestas unidades é::: a incorporação rápida dos novos produtos com alta tecnologia... reconhecendo que::: esse tipo de produto... às vezes ajuda na cura mas muitas vezes ele representa u:::m aumento no tempo de controle da doença... não necessariamente na cura... e é essa a discussão... se você tiver um produto que é barato e que funciona é fácil incorporar no sistema público... você tem um produto que tem um benefício que seja relativo... ou seja ele não cura mais faz com que o indivíduo viva mais... a um preço muito alto... fica mais difícil a incorporação... hoje o Brasil tem um sistema em Brasília pra fazer esse::/ este::/ esta esta classificação e essa decisão... chama-se Conitec é um órgão do Ministério da Saúde... e a incorporação dessas novas medicações no SUS tem sido lenta... então hoje... se você tiver acesso à: saúde suplementar... existem algumas dessa medicações mais modernas às quais você terá um acesso mais fácil do que no sistema público... agora...

**E1:** então você tá de:: burocracia por alguma razão é isso?

**E2:** a razão acho que é muito clara...

**E1:** qual é?

**E2:** custo...

**E1:** é o custo

**E2:** é o custo...

**E1:** E... por que... chegamos à exorbitância desses custos como se falou no bloco anterior?

**E2:** existem várias teorias... eu tenho a minha... acho que teoria cada um pode ter a sua

**E1:** hum...

**E2:** os/ as medicações hoje custam caro pra ter o seu desenvolvimento... você gasta milhões num desenvolvimento de um produto... eu mencionei no início do seu programa que de cada cem produtos que começam o processo de desenvolvimento... menos de cinco se tornam eventualmente disponíveis... ou seja as indústrias têm o custo de desenvolvimento de cem produtos... mas só uma fração deles vai dar retorno financeiro depois... e elas querem recuperar o que foi investido nesse número menor...

**E1:** recuperar com o lucro

**E2:** com o lucro... a empresa farmacêutica não é benemérita... ela não é filantrópica ela existe pra dar lucros aos [seus colabo

**E1:** [com muito lucro?

**E2:** aí é que tá... este é o problema... acho que isso explica parte do preço mas o lucro tem sido... mais do que eu acho ah que seria o ideal... a razão principal é que hoje... metade do produto farmacêutico mundial é consumido pelos Estados Unidos... e os Estados Unidos toleram uma margem de valores muito grandes... e o resto de mundo acaba tendo que acompanhar porque o consumo é muito menor... o grande mercado é norte-americano... eu acho que a questão do custo dos novos medicamentos vai começar a ser enfrentada no momento em que a sociedade americana disser "[veja... temos de conversar sobre isso"

**E1:** [basta... é

**E2:** os Estados Unidos tão chegando próximo a 20% do seu PIB investido em saúde... isso é uma enormidade **E1**... no Brasil nós temos próximo a 9% na Inglaterra 10%... 9% no Brasil contando público-privado né?... nos Estados Unidos eles estão se aproximando de 20%... hoje a maior indústria [americana é a indústria da saúde

**E1:** [é um nó górdio não é? porque se você/ se a sociedade adoce e permanece doente ((faz círculos nos ar com os dedos indicadores)) e:: e:: tem um índice altíssimo de mortalidade/ um índice alto de mortalidade... você está onerando a sociedade como um todo... inclusive a indústria não é isso? por isso que eu tô dizendo é uma indústria com um u::ma ((gagueja)) um raciocínio de:: capitalista feroz... porque é o lucro lucro lucro e o que vai reduzir isso pra um:: número ínfimo de pessoas é isso ou não?

**E2:** eu acho que o seu raciocínio tá correto no longo prazo... mas vamos deixar algumas coisas assim que são importantes a gente mencionar... hoje a evolução tecnológica tem sido bancada pela indústria... nenhum governo banca esse desenvolvimento... por ser muito caro... e muito difícil... então a indústria tem um papel importante... nós/ eles não são vilões... o problema é que o o fruto desse desenvolvimento tecnológico tá sendo disponibilizado pra sociedade a um custo que não é sustentável a longo prazo... então todos nós podemos colaborar... inclusive nós médicos... nós temos que prescrever com consciência

**E1:** hum

**E2:** a gente tem que usar as terapias que têm um nível de evidência elevado que tragam benefício ao paciente... e temos que aceitar... especialmente no sistema público... que você tem que ter padronização de conduta... o médico tem que seguir regimes preestabelecidos... que sejam discutidos com a sociedade e sejam adotados... não dá pra fazer tudo pra todo mundo...

**E1:** e é a política de saúde pública também ah ((gagueja)) carece imagino de um maior investimen::to... na área de saúde

**E2:** não tenha dúvida que:: o Brasil hoje... tem uma saúde subfinanciada... o que ficou estabelecido na Emenda 29 da Constituição foi que os municípios aplicam 15% da sua.../do seu orçamento em saúde... os estados 12%... e o governo federal ficou livre de um mínimo de investimento... eu não sou um grande fã de se engessar o orçamento... você sabe que isso a longo prazo não é bom... mas hoje o governo federal ele tem:: éh: deixado de aplicar o que seria o mínimo necessário na saúde... o próprio ministro Chioro ao sair do cargo falou que a alta e média complexidade éh:: se nada for feito vai se exaurir de dinheiro em setembro do ano que vem isso no sou/ não somos nós que estamos falando foi o ministro da:: da saúde... então há claramente um um::: subfinanciamento o estado de São Paulo cumpre os seus 12% até mais... muitos municípios tão colocando até 30% do seu orçamento em saúde... mas o Estado brasileiro o Brasil tem de colaborar mais nisso... então...

existem... várias áreas em que nós podemos mexer E1... o Estado tem que financiar melhor... talvez reduzir impostos... você sabe que medicação veterinária paga menos imposto que medicação humana...

E1: não sabia

E2: é... no Brasil... hoje... medicina/ medicamentos de uso veterinário pagam menos ICMS do que medicação de uso humano

E1: a gente caríssimo remédio a verdade é essa

E2: o nosso é caro... éh:: agora no mundo inteiro essa é uma discussão... os médicos tem que prescrever melhor... prescrever quando realmente funciona... ou seja tem que usar a caneta com muita consciência porque isso gera um custo... e as empresas vão ter que racionalizar os custos dos seus remédios... não é possível que cada medicação nova... queira o mesmo nível ou maior de rendimento o produto anterior isso não tem sustentação a longo prazo

E1: pra terminar e desse tamanho que o nosso tempo já se foi... esse luxo... que hoje é um luxo mesmo... pode se tornar um dia mais comum de se fazer um mapeamento genético pra... chegar a uma prevenção ãh:: rapidamente?...

E2: depende do que você chama de rapidamente... o custo está caindo enormemente... hoje você consegue fazer o genoma humano inteiro por menos de mil dólares

E1: hum

E2: e continuará caindo e a medicina personalizada é o futuro... em termos de prevenção e tratamento... um único: nota de alerta... não está pronto pra ser utilizado em prevenção...

E1: ah:::

E2: neste momento

E1: adiantou-se por esse lado mas não [acompanhou

E2: [especialmente nos Estados Unidos já virou um:: um:: produto comercial sendo vendido e disponibilizado e o FDA americano alerta... que não há dados suficientes para se utilizar isso como ferramenta de prevenção... não estamos falando de famílias que tenham síndromes genéticas... pra isso já funciona... tô dizendo pro indivíduo que não tem risco nenhum “vou fazer um teste genético pra ver se eu tenho risco” isso ainda... é algo que ainda é experimental é preciso tomar cuidado... mas num futuro mui::to próximo não tenha a menor dúvida que a medicina será personalizada pelo DNA

E1: você acha que a Angelina Julee fez certo tirando os seios porque ela teria cinquenta:: cinquenta e:: e:: quatro por cento de chance de: éh ter éh câncer de mama?

E2: eu acho que alguém com a história familiar da Angelina Jolee e com o teste positivo precisa fazer essa discussão

E1: precisa fazer a discussão? ((dedo indicador da mão direita em riste para E2))

E2: isso... o fato de você se submeter a uma cirurgia mutilante pra reduzir o risco de câncer... porque o risco reduz... é algo mui::to pessoal... algumas pessoas preferem fazer a prevenção ativa e fazer a cirurgia quando se torna necessário... outros não conseguem viver com a [espada... no pescoço

E1: [com a ideia o medo do que virá

E2: e aí a cirurgia acaba sendo melhor... mas eu acho que importante é que:: o paciente seja educado e ajude na dis/ na decisão

E1: muito bom muito obrigado pela resposta pela entrevista... e qual a sua palavra ou o seu verso ou a sua/ seu ditado de preferência?

E2: ah pra frente sempre

E1: [pra fren

E2: [eu acredito eu sou um otimista os oncologistas são otimistas... éh:: quando a gente olha o problema do financiamento o problema do acesso... eu olho pro outro lado... nós andamos mui::to já... nós melhoramos nossa expectativa de vida nós conseguimos dar um atendimento melhor hoje do que nossos concidadãos tinham no passado... mesmo no SUS... eu tenho muito orgulho de trabalhar com o SUS aqui em São Paulo do Instituto do Câncer... e a ideia e ir pra frente... eu acho que nós temos que olhar os problemas que nós temos hoje... eles são reais são graves... e nós temos que pensar como melhorarmos... não dá pra simplesmente se render aos problemas e parar de andar pra frente...

E1: muito obrigada muito bem falado... sua mulher é oncologista também?

E2: ela é endocri

E1: endocri?

E2: endocri

E1: bom... muito obrigada E2... eu conversei hoje com o médico oncologista E2 e a gente se encontra aqui na próxima semana até lá ((créditos e música de encerramento do programa))